

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**CAROLINA FREITAS DA ROSA**

**A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA NAS JORNADAS ESPORTIVAS  
DE RÁDIO NO RIO GRANDE DO SUL**

**CAXIAS DO SUL  
2020**

**CAROLINA FREITAS**

**A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA NAS JORNADAS ESPORTIVAS  
DE RÁDIO NO RIO GRANDE DO SUL**

Monografia de Conclusão de Curso em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Profº Me. Jacob Raul Hoffmann

**CAXIAS DO SUL  
2020**

**CAROLINA FREITAS**

**A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA NAS JORNADAS ESPORTIVAS  
DE RÁDIO NO RIO GRANDE DO SUL**

Monografia de Conclusão de Curso em  
Comunicação Social, habilitação em  
Jornalismo da Universidade de Caxias do  
Sul, apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Profº Me. Jacob Raul Hoffmann  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Profº Me. Marcell Bocchese  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Profº Dr. Alvaro Fraga Moreira Benevenuto Junior  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, agradeço aos meus pais, por terem me estimulado a seguir no jornalismo. Agradeço a minha mãe, Gislaine, por sempre ter custeado a graduação e ter me ensinado, desde a infância, que se estamos em uma instituição de ensino é para aprender, não só para ser aprovado. Agradeço ao meu pai, Marcos, por ter me ensinado a essência do futebol, a magia de ter um time para torcer e poder vê-lo de perto. E, assim, compreender que o meu lugar era na arquibancada e, quem sabe no futuro, seja na cobertura jornalística dessas partidas. Agradeço também ao meu irmão, Miguel, e a toda minha família pelo suporte de sempre. E por entenderem a importância desse trabalho para a minha formação.

É impensável fazer esse texto sem agradecer ao meu time de coração, Esporte Clube Juventude. Se no Estádio Alfredo Jaconi eu não tivesse compreendido o encanto do futebol, eu jamais faria essa pesquisa. São 23 anos de puro amor verde e branco, que me fizeram ingressar no jornalismo e sonhar em contar histórias.

Não posso deixar de agradecer ao professor Marcell Bocchese por ter me ensinado a gostar de rádio, me dando uma oportunidade na Frispit. Antes disso, nunca pensei ter vocação para tal. Mas, durante aquele um ano de puro aprendizado, entendi a magia por trás deste meio de comunicação. Por isso, agradeço também ao meu colega/irmão/amigo Pedro Corá, por ter sido um parceiro nessa caminhada de Frispit, a rádio hits. A partir de então, pude assimilar que rádio era uma das minhas paixões dentro do jornalismo, caminhando lado a lado com o impresso.

Agradeço também ao professor Jacob Hoffmann por me orientar durante esses dois semestres. E, claro, ao professor Álvaro Junior por ter aceitado o convite de integrar a minha banca.

É impossível não citar os meus amigos que sempre me apoiaram e acreditaram em mim. As minhas colegas jornalistas Maiara Gallon e Karine Zanardi que sempre me deram força e fizeram com que, em alguns momentos desacreditada, eu entendesse que era possível concluir a pesquisa e que eu era capacitada para tal. Também agradeço às minhas amigas de futebol, espalhadas pelo Estado, que sempre me auxiliaram e, com muita verdade, acreditaram em mim.

Obrigada, Franciele Fabro, Ingrid Fochezatto, Giulia Giongo, Alice Silveira e Melina Bolner.

Agradeço também a todos os meus entrevistados por terem disponibilizado alguns minutos de seu precioso tempo para me ouvir. Obrigada por acreditarem na minha pesquisa e por compreenderem a importância dela não só para mim, mas para nós, como mulheres. Obrigada, Ana Aguiar, Angélica Varaschini, Bárbara Asmann, Bernardete Wons, Mara Steffens, Miriam Massolini, Rafaela Tavares, Renata de Medeiros, Simone Ferrazo, Tamires Hanke e Valéria Possamai. Além dos também entrevistados, Eduardo Costa, Gilberto Júnior e Luís Magno, que foram igualmente solícitos e se colocaram à minha disposição para construção desse trabalho.

E, por fim, agradeço pessoas que nem sabem quem eu sou, ou o que estou pesquisando, mas que são um espelho para toda menina que sonha em ingressar no mundo do jornalismo esportivo. É impossível falar de futebol no Rio Grande do Sul sem citar Alice Bastos Neves, a rainha da simpatia e do conhecimento, e Renata de Medeiros, sempre exalando informações e lutando para que várias outras tenham espaço nesse meio.

É irreal pensar nesse esporte sem citar Ana Thaís Matos, Nadja Mauad, Gabriela Moreira, Livia Laranjeira, Glenda Koslowski, Bárbara Coelho, e tantas outras, que alcançaram o sucesso. Que diariamente informam, pesquisam, argumentam. Que lutam contra o machismo, velado ou explícito. Que usam seu espaço para combater o preconceito. Que são sensatas, inteligentes, batalhadoras. Que são mulheres! Que são exemplo! E que mostram que lugar de mulher é onde ela quiser!

Feminismo é sobre  
igualdade, não  
supremacia.

Pitty

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é tratar da representatividade feminina nas jornadas esportivas transmitidas pelas emissoras de rádio do Rio Grande do Sul, afiliadas a Agert, focando na ausência de mulheres na função de narradora. Para isso, pretende-se compreender os motivos para essa carência, ressaltando a importância do sexo feminino nesta área e explicando as barreiras que essas profissionais enfrentam para alcançar uma posição de destaque. Expondo, assim, a necessidade da luta feminista para que a igualdade de gênero prevaleça e identificando a significativa presença do machismo, como impeditivo para o ingresso da mulher nesta área. Além da falta de representantes que possam inspirar outras futuras jornalistas a quererem ingressar no jornalismo esportivo. A junção desses fatores, presente na análise, tem como intuito comparar as vivências de mulheres que atuam em rádios do Estado, com jornalismo esportivo, com o referencial teórico, e a visão de autores sobre os percursos enfrentados pelo sexo feminino para alcançar o sucesso, não só na comunicação social, como também em diversas áreas do mercado de trabalho.

**Palavra-chave:** Narradora. Representatividade feminina. Jornada esportiva. Rádio. Machismo.

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 - Diferença de abrangência de cada veículo	19
QUADRO 2 - Principais funções na jornada esportiva de rádio	32
QUADRO 3 - Quatro fases da jornada esportiva	35
QUADRO 4 - Rádios afiliadas à Agert com mulheres na equipe esportiva	64
QUADRO 5 - Entrevistadas que já sofreram com o machismo	71
QUADRO 6 - Mulheres ingressando na narração	76
QUADRO 7 - Narradoras conhecidas pelas entrevistadas	80
QUADRO 8 - Características de um narrador	84

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Abert: Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão

Agert: Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão

CBJ: Confederação Brasileira de Judô

Ferj: Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro

FGF: Federação Gaúcha de Futebol

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LNB: Liga Nacional de Basquete

ONG: Organização não governamental

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. CONSIDERAÇÕES SOBRE JORNALISMO</b>	<b>16</b>
<b>3. O JORNALISMO ESPORTIVO</b>	<b>22</b>
3.1 O FUTEBOL NO BRASIL	25
3.2 O RÁDIO NO BRASIL	29
3.3 AS JORNADAS ESPORTIVAS	32
3.4 A PRESENÇA DO NARRADOR	37
3.5 A LIGAÇÃO ENTRE O RÁDIO E AS CLASSES POPULARES	44
<b>4. A LUTA FEMININA POR REPRESENTATIVIDADE</b>	<b>48</b>
4.1 A MULHER NA SOCIEDADE	50
4.2 A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO	52
4.3 A MULHER NO ESPORTE	56
<b>5. METODOLOGIA</b>	<b>59</b>
5.1 MÉTODO	59
5.2 PESQUISA QUALITATIVA	60
5.3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	61
5.4 ANÁLISE DE ENTREVISTAS	61
<b>6. ANÁLISE</b>	<b>64</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICE A - PROJETO - MONOGRAFIA I</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE B - QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS ENTREVISTADOS</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO A - TABELA COM RÁDIOS AFILIADAS A AGERT NO ESTADO</b>	<b>129</b>
<b>ANEXO B - ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA</b>	<b>153</b>
Entrevista com Ana Carolina Aguiar	153
Entrevista com Maria Angélica Varaschini	154
Entrevista com Bárbara Pires Assmann	155
Entrevista com Bernardete Maria Wons	156
Entrevista com Eduardo Costa	157
Entrevista com Gilberto Júnior	158
Entrevista com Luís Magno	164
Entrevista com Mara Steffens	165
Entrevista com Miriam Massolini	167
Entrevista com Rafaela Tavares	167
Entrevista com Renata de Medeiros	169
Entrevista com Simone Ferrazo	171

Entrevista com Tamires Hanke	172
Entrevista com Valéria Possamai	173

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a presença feminina no radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul, visando especificamente à ausência da mulher narradora na cobertura de jornadas esportivas nas rádios do Estado. Desta forma, por meio da questão norteadora, “Por que não há mulheres narrando futebol no Rio Grande do Sul?”, procura-se observar em que medida o sexo feminino tem espaço como personagem principal nas transmissões de futebol e as razões de tal realidade.

A escolha do tema justifica-se ao perceber que em Caxias do Sul, interior do Estado, não há mulheres atuando no jornalismo esportivo de rádio. Ainda, no Rio Grande do Sul, a representatividade feminina à frente das jornadas, é quase nula. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo geral entender porque não há mulheres no centro das jornadas esportivas nas rádios do Estado. Para isso, haverá a verificação dos meios de comunicação que têm futebol na grade de programação.

Uma pesquisa qualitativa também será realizada e, profissionais envolvidos na área serão ouvidos, para que seja possível comparar as diferentes visões do jornalismo esportivo com o levantamento realizado em todas as rádios afiliadas a Agert, ilustrando a representatividade feminina. Isso, com o intuito de explicar a diferenciação feita entre jornalistas homens e mulheres e os espaços que lhes são oferecidos dentro dos meios de comunicação que dão ênfase ao esporte.

Para melhor desenvolvimento desta pesquisa, foram elaboradas as seguintes hipóteses:

H1: Não há mulheres à frente das jornadas esportivas, no Rio Grande do Sul, por conservadorismo das emissoras de rádio;

H2: O número de representantes do sexo feminino ainda não é expressivo por falta de interesse das mesmas;

H3: O preconceito ainda impede que mulheres assumam o lugar de destaque no jornalismo esportivo, especialmente nas jornadas esportivas.

A pesquisa tem como objetivo principal: entender porque não há mulheres no centro das jornadas esportivas, nas rádios do Rio Grande do Sul. Como objetivos específicos:

- a) Verificar quais rádios trabalham com jornadas esportivas regularmente.
- b) Explicar a importância da representatividade feminina nas jornadas esportivas;
- c) Entrevistar mulheres, que trabalham com futebol no Rio Grande do Sul, e narradores do Estado;
- d) Perceber as justificativas que excluem a mulher da função de narradora.

O esporte que rege esta pesquisa é o futebol. Tradicional entre os brasileiros, nem sempre foi tratado como popular. Logo que chegou ao Brasil, era um campo proibido ao sexo feminino, “(...) foi até imposta uma interdição oficial, vigente entre 1941 e 1979, que proibia a prática de “desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino”, uma tentativa de conformar seus corpos e suas subjetividades” (LIMA; BRAINER; JANUÁRIO, 2019, p. 18).

Apenas em 1979 a proibição foi revogada pelo Conselho Nacional de Desportos, e mulheres puderam começar a praticar tal esporte. Entretanto, o conservadorismo não esteve presente apenas dentro das quatro linhas.

Nos velhos tempos, o veterano repórter Oldemário Touguinhó, do Jornal do Brasil, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar seus relatos. (COELHO, 2014, p. 35)

Em 2019, mais de 100 anos depois da chegada do futebol ao Brasil, este ainda não é um campo com representatividade feminina significativa. Quando falamos da atuação, é possível citar a melhor jogadora do Mundo, Marta, que, segundo Pains e Costa (2019), ganha menos de 1%<sup>1</sup> do salário de Neymar, por exemplo.

Na Copa do Mundo de futebol feminino, realizada em 2019, isso fez com que a atleta chamasse atenção para o fato. Conforme Pains e Costa (2019), Marta atuou

---

<sup>1</sup> O artigo, disponível na página do Jornal O Globo, trata da diferenciação feita entre homens e mulheres dentro das quatro linhas. Salários de Marta e Neymar, dois brasileiros que se destacam na modalidade são comparados e, por meio disso, a prova de que o sexo feminino, mesmo com mais história, troféus, e premiações é, ainda, menos valorizado do que o oposto. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/por-que-marta-nao-tem-patrocínio-ganha-menos-de-1-do-salário-de-ny-mar-23746450> Acesso em 27. nov. 2019.

com uma chuteira sem qualquer patrocínio como uma forma de protesto, em relação a disparidade de salários e investimentos entre futebol feminino e masculino.

No âmbito do jornalismo esportivo, a representatividade ainda anda a passos lentos, o que chama a atenção dos receptores. Na abertura da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2018, a mineira Isabelly Morais esteve à frente da transmissão de Rússia e Arábia Saudita, narrando tudo das cabines da Fox Sports 2. De acordo com Warken (2019), ela entrou para a história como a primeira brasileira a narrar uma Copa do Mundo na televisão.

Já na Copa do Mundo de futebol feminino de 2019, houve um interesse expressivo por parte dos meios de comunicação em realizarem a cobertura do evento. Pela primeira vez na história, a Rede Globo interrompeu sua programação para transmitir os jogos da Seleção Brasileira. Conforme Coelho (2014), a representatividade nos meios de comunicação é um reflexo do que vemos nas arquibancadas.

Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. A coisa mudou. Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres com relação ao contingente masculino. Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens e mulheres nas redações. (COELHO, 2014, p. 34)

No jornalismo gaúcho, a representatividade também não é tão expressiva. Cerca de 85 rádios realizam jornadas esportivas e em apenas uma há uma mulher à frente das transmissões, como narradora. Valéria Possamai, da Rádio Gre-Nal, de Porto Alegre, já esteve à frente de uma jornada esportiva. No entanto, isso ocorreu apenas uma vez, numa edição especial em que a emissora realizou a cobertura de um clássico entre Grêmio e Internacional pelo Campeonato Gaúcho Feminino.

Esta monografia está dividida em sete capítulos, a fim de ser desenvolvida de forma organizada. Após o capítulo um, que trata da introdução, o jornalismo ganha destaque (Capítulo 2), com a explicação de suas funções principais.

A história jornalismo esportivo, suas características e os profissionais responsáveis são destacados no Capítulo 3. O capítulo conta com dois importantes autores: Paulo Vinícius Coelho e Luiz Artur Ferraretto.

O primeiro faz-se essencial por meio da obra *Jornalismo Esportivo* (2004), que trata do futebol desde sua chegada, quando poucos acreditavam que se tornaria um esporte popular, até o sucesso e a importância do mesmo. No livro, o autor também faz referência a presença da mulher neste mundo, relatando a existência do machismo em redações. O outro autor é Luiz Artur Ferraretto, através do livro *Rádio: o veículo, a história e a técnica*, de 2001. A obra conta a história da rádio, abordando a essência deste veículo de comunicação e explicando o funcionamento do mesmo.

O Capítulo 3 é dividido em cinco subcapítulos, abordando também a presença do narrador e sua importância para uma jornada esportiva. Além de explicar a transmissão de jogos de futebol. E, por fim, conceituar a ligação entre a rádio e as classes mais populares e como houve essa ligação.

Em seguida, vem o Capítulo 4 que aborda a representatividade e o papel da mulher na sociedade. A obra *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher, 1850 a 1940* (2003), de June Hahner, foi de suma importância para esta pesquisa. Ela aborda a história do feminismo e a importância do mesmo para que as mulheres conquistassem espaço e fizessem com que suas vozes fossem ouvidas. Há quatro subcapítulos, que exploram a busca das mulheres por espaço e a diferença de valorização, especialmente no meio esportivo.

A metodologia aparece no Capítulo subsequente (Capítulo 5), onde explica-se os métodos e técnicas desenvolvidas para desenvolver a pesquisa. Este trabalho baseia-se na pesquisa qualitativa, analisando entrevistas de jornalistas de rádio no interior do Rio Grande do Sul.

Na sequência (Capítulo 6), há a análise, onde é possível encontrar as respostas para os questionamentos propostos ao longo da pesquisa. São 14 entrevistas, com repórteres e narradores do Estado, e um levantamento apontando quais rádios do Rio Grande do Sul realizam jornadas esportivas e contam com mulheres na equipe.

As informações foram obtidas por meio de entrevistas realizadas por redes sociais, e-mails ou de forma presencial. Elas confrontam ou corroboram com o referencial teórico a fim de responder a questão norteadora. Os principais autores deste capítulo são Elizabeth Nardelli e Francisco Sant'Anna, Paulo Vinicius Coelho, Luiz Arthur Ferraretto, e Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel. Por meio das

respectivas obras: Mulher e imprensa na América Latina (2002), Jornalismo Esportivo (2004), Rádio: o veículo, a história e a técnica (2001) e Manual do jornalismo esportivo (2006).

As considerações finais estão no Capítulo 7, que indica se foi possível responder a questão norteadora. Por meio dele, as hipóteses serão retomadas e descartadas ou confirmadas.

## 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE JORNALISMO

O jornalismo é a investigação e veiculação de temas que sejam de interesse da população. O jornalista é responsável por este processo, "a informação é sua matéria-prima. Caberá a ele divulgá-la por todos os meios desejados pelo público - jornal, internet, rádio e televisão. E por tantos outros meios que venham a ser inventados" (NOBLAT, 2010, p. 36). A fim de desenvolver este papel e chegar ao público, o jornalista tem como melhor amigo o texto atraente,

“(...) contém o máximo de informações relevantes distribuídas de maneira clara e criativa. Cada linha chama a leitura da próxima, cada parágrafo desperta o interesse pelo seguinte. A primeira informação é aquela que vai direcionar o texto e nela o jornalista opta pelo último acontecimento que interferiu diretamente no desenvolvimento do fato” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 52)

Ainda, conforme Melo (2009), jornalismo também é de suma importância para a política e, neste quesito, garantir a democracia representativa. Assim, “(...) a imprensa instaurou a cidadania e criou condições indispensáveis para a emergência das sociedades democráticas” (MELO, 2009, p. 57).

Por sua vez, a comunicação, como meio, “nasceu em virtude da crescente preocupação com o impacto social da chamada revolução nas comunicações” (RÜDIGER, 2011, p. 18). Ainda a respeito da comunicação entre cidadãos, no Brasil há os primeiros registros de algo semelhante ao que conhecemos hoje como jornalismo, tido como grande fonte de transmissão de informações. Tais documentos, conforme Martins e De Luca (2011), são de 1808,

“(...) foi possível inventariar mais de trezentas obras de autores nascidos no território brasileiro, incluindo não só livros, mas impressos anônimos, relatando festejos e acontecimentos, antologias e índices, além de alguns manuscritos inéditos de autores clássicos. Eram textos variados: desde narrativas históricas até poesias, passando pela agricultura, medicina, botânica, discursos, sermões, relatos de viagens e naufrágios, literatura em prosa, gramática e até polêmicas” (MARTINS; DE LUCA, 2011, p. 24).

Ainda, de acordo com Melo (2009), a imprensa brasileira nasceu três séculos após a difusão dos prelos em território europeu e dois séculos depois da sua introdução no continente americano. Segundo o autor, no Brasil, o jornalismo impresso e veiculado diariamente ainda ganha destaque. Ele destaca o Estado de

São Paulo, que veiculou diversas edições impressas no século XIX, e o Diário Popular, fundado em 1884, com o intuito de abordar as causas abolicionistas e republicanas,

Privilegiando o binômio polícia-esportes, completado por matérias gerais destinadas ao povão, o jornal se torna um campeão de vendas em bancas. Essa vocação popular constituiu traço marcante na sua trajetória até que, em 2001, mudou de dono e de personalidade. Incorporado ao complexo midiático das Organizações Roberto Marinho (Globo), passou a ser editado sob o título Diário de São Paulo (MELO, 2009, p. 247).

No século XIX, as primeiras décadas também foram marcadas pela “expansão do público leitor, das tiragens e do número de títulos, dando à escrita impressa uma crescente importância” (MARTINS; LUCA, 2008, p. 39).

No entanto, independentemente da época ou da editoria, "a missão de um jornalista é informar. Ou melhor: contar histórias" (NOBLAT, 2010, p. 37). Isso pode ocorrer por meio do texto escrito, no jornal impresso, do texto falado, na rádio ou na televisão. Além disso, conforme Noblat (2010), fotografias, tabelas e infográficos também são capazes de contar essa história e chegar aos consumidores. Ainda, “é bom lembrar sempre que, em qualquer área do jornalismo, o repórter é o elemento mais importante na cadeia de produção” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 20).

Em relação ao jornalismo impresso, a sua essência, assim como os outros meios, são as histórias contadas e o conteúdo que atrai o consumidor, neste caso, o leitor. "Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência" (NOBLAT, 2010, p. 21).

Entretanto, mesmo com a sua importância para a comunicação e comunidade, o jornal impresso passa por constantes inovações para manter-se vivo.

O atestado de óbito dos jornais diários foi assinado e lavrado em cartório pelo menos quatro vezes no século passado. A primeira vez, quando se inventou o rádio; a segunda, quando a televisão entrou no ar; a terceira, quando surgiu a internet; e a última, quando a revolução digital juntou em um único sistema o que antes existia em separado - a escrita, o som e a imagem (NOBLAT, 2010, p. 18).

Conforme Noblat (2010), os jovens estão entre os responsáveis por este possível fim do jornal impresso. Especialmente, por preferirem se comunicar por outros meios, como a internet, ou por optarem por não se informar. No entanto,

“somente uma mudança radical de conteúdo, aqui e em qualquer outro lugar, será capaz de prolongar a lenta agonia dos jornais” (NOBLAT, 2010, p. 17).

Na rádio, por outro lado, o conteúdo se difunde por meio de ondas eletromagnéticas. Conforme Ferraretto (2001), o objetivo é transmitir uma mensagem para várias pessoas de forma simultânea. E, para isso, são utilizados efeitos sonoros, músicas, e a própria voz.

No aspecto exclusivamente jornalístico, o senso comum diz que o rádio tem a possibilidade de informar o fato no momento em que ele ocorre e direto do chamado palco de ação deste acontecimento. A televisão, nesta linha de raciocínio, amplia a notícia com o acréscimo da imagem. O jornal, no dia seguinte, continua o processo de detalhamento, embora quantitativo, do fato, cabendo à revista a ampliação qualitativa (FERRARETTO, 2001, p. 30)

Assim como o jornal impresso, a existência do rádio analógico também já foi colocado em xeque em decorrência das tecnologias e sua popularidade, (...) cada vez mais a sociedade contemporânea vai se dando conta de que, apesar da “simpatia” que o consumidor tem em relação a este veículo, o rádio analógico encontra-se na iminência de se tornar um aparato obsoleto (KISCHINHEVSKY, 2007, p. 5). Isso ocorre na mesma medida que os aplicativos de rádio ganham a atenção dos ouvintes,

Verdade que perderam, ao longo dos últimos anos, com a redução de casas com aparelhos de rádio analógicos, mas as possibilidades digitais, como smartphones, Smart TVs e laptops, vieram para substituir esses aparelhos – que parecem marcados para desaparecer ao longo das próximas décadas (AZEVEDO; MADEIRO, 2017, p. 2).

A televisão, por sua vez, (...) é sinônimo de tecnologia, por mais que se reconheça a popularidade do veículo (SOUZA, 2004, p. 24). A programação televisiva, conforme Souza (2004), tem por objetivo entreter e informar, com ênfase maior ao primeiro. Além desses, atrações educativas, que tragam conhecimento ao telespectador, também devem ser veiculados.

No entanto, mesmo utilizando som e imagem, a televisão também passa por percalços e, assim como o jornal online e a rádio, precisa reinventar-se para seguir atraindo os consumidores e os patrocinadores. “A televisão, diante da dificuldade de obter novos equipamentos, vale-se da criatividade e do empenho dos profissionais

que nela trabalham para criar e desenvolver programas atrativos para o mercado publicitário (SOUZA, 2004, p.20)”

Ou seja, os meios de comunicação tem suas especificidades, mas, jornalisticamente, todos têm o mesmo intuito, investigar e levar à informação ao público. Além disso, todos precisam reinventar-se para seguir atraindo os leitores, ouvintes ou telespectadores (ver Quadro 1).

Quadro 1 - Diferença de abrangência de cada veículo

<b>rádio</b>	(continua) Nas transmissões de ondas médias, tropicais e curtas, possui abrangência quase ilimitada, restrita apenas pela potência dos transmissores e pela legislação; Nas transmissões em frequência modulada, as restrições são semelhantes às da TV, com o alcance reduzindo-se significativamente em relação ao rádio em amplitude modulada; Atinge também a parcela analfabeta da população.
<b>televisão</b>	Limitada (em relação ao rádio) pela necessidade de retransmissores ou antenas parabólicas; O surgimento da televisão direta por satélite - DTH, Direct to home - dá maior abrangência ao veículo, mas o custo do equipamento e a necessidade de se assinar o serviço reduzem a sua penetração.

jornal	Restrita pelas condições socioeconômicas do público e, em especial, pelo analfabetismo.
--------	---

Fonte: FERRARETTO (2001), p. 30

Além dos meios de comunicação citados por Ferraretto (2001), atualmente, também há profissionais da área jornalística que atuam na web, em webrádio ou webtv. Conforme MACHADO et al. (2015), a nomenclatura correta, neste caso, seria jornalismo online. Neste caso, uma das diferenças em relação aos meios de comunicação citados anteriormente é que, no caso da web, há uma maior necessidade de interação com os ouvintes ou telespectadores.

O jornalismo para web apresenta, também, algumas diferenciações do jornalismo impresso e para Internet. Uma de suas características, consiste na escrita que é desenvolvida para o público-alvo, pois a notícia necessita ter mais precisão, conter informações necessárias, linguagem simples, e, apresentar, instantaneidade na hora de ser vinculada. (MACHADO et al., 2015, p. 6)

No entanto, independentemente do meio de comunicação, as reportagens precisam responder certas perguntas na hora de informar. “O *lead* é o primeiro parágrafo de uma notícia ou reportagem nas quais devem estar respondidas as seguintes perguntas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê (NOBLAT, 2010, p. 97)”.

Ainda, conforme Noblat (2010), o *lead* serve para informar, e, nos jornais, também tem como intuito separar opinião de informação. Além disso, prioriza a objetividade do que está sendo noticiado. O jornalismo é dividido em alguns gêneros. Entre eles, estão o opinativo, informativo, cultural, o esportivo.

O jornalismo cultural trata da “(...) cobertura dos acontecimentos relativos à produção simbólica, cujo espectro vai das belas artes – literatura, música, teatro, artes plásticas – às suas reproduções industriais – livro, cinema, jornal, rádio, televisão (MELO, 2009, p. 24). Ainda, conforme Melo (2009), o jornalismo cultural pode aparecer em todas as editorias de um jornal impresso.

O jornalismo informativo, por sua vez, pode aparecer por meio de matérias, notas, reportagens ou até entrevistas. Segundo Melo (2009), a entrevista aparece

raramente nos jornais rastreados. Já a notícia, aparece em grande escalas, “focalizando os desdobramentos de ocorrências em processo”. (MELO, 2009, p. 30).

Por sua vez, o jornalismo opinativo está presente “flui em cinco formatos convencionais: a resenha, a coluna, o comentário, a caricatura e a crônica” (MELO, 2009, p. 30). Dos citados, conforme Melo (2009), a resenha é a mais praticada nas revistas ou portais.

Já o jornalismo esportivo, é a área que trata dos esportes, tanto na cobertura de eventos, como Copa do Mundo e Olimpíadas, por exemplo, como no dia-a-dia dos clubes (ver Capítulo 3).

Por fim, independente da editoria e do meio de comunicação, o papel principal do jornalismo, conforme Noblat (2010), é fazer a intermediação entre as notícias e os cidadãos. O jornalista também é responsável por fiscalizar os que estão no poder, por exemplo, os políticos e suas atitudes que têm interferência direta na vida da população.

### 3. O JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo é a editoria voltada, como o próprio nome indica, à cobertura dos esportes, sejam eles mais populares, como futebol, vôlei e basquete, ou mais desconhecidos para o senso comum, como curling e hóquei<sup>2</sup>, por exemplo. No entanto, alguns autores defendem que, por vezes,

Ele se confunde, frequentemente, com puro entretenimento. Isto, por seu lado, propicia o aparecimento de alguns poucos “coroados”, e o envolvimento com outras atividades incompatíveis com a prática do jornalismo, como agenciamento de publicidade, marketing e política privada dos clubes, federações, confederações e empresas (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

No entanto, independentemente da editoria,

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, televisão ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

Logo que o jornalismo esportivo tentou firmar-se como editoria, houve desconfiança, assim como houve a respeito do sucesso do futebol no Brasil, em seus primeiros anos. Conforme Coelho (2004), quando começaram as coberturas acerca disso, poucos acreditavam que o futebol ou qualquer outro esporte fosse ganhar destaque nos meios de comunicação. Os críticos entendiam que era “assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias - ou nos campos, nos ginásios, nas quadras - valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país?” (COELHO, 2004, p. 7).

No entanto, nos dias de hoje, “dentre os mais de 100 esportes existentes mundialmente, no Brasil o futebol recebe a maior parte do tempo e dedicação da imprensa, já que exerce forte atração junto à população” (TAMBUCCI, OLIVEIRA, SOBRADINHO, 1997, p. 15).

---

<sup>2</sup> No ano de 2016, a revista Galileu, filiada a Rede Globo, abordou seis esportes menos populares no Brasil, que os talentos estavam sendo procurados decorrência das Olimpíadas que ocorreram no Rio de Janeiro, no mesmo ano. Entre eles, badminton, hóquei sobre grama, esgrima, golfe, levantamento de peso e tiro com arco. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI285927-17933,00-BRASIL+BUSCAS+TALENTOS+EM+ESPORTES+POUCO+POPULARES.html>. Acesso em 10 de abril de 2020.

Ainda de acordo com Coelho (2004), os primeiros registros de material produzido voltado diretamente ao esporte aconteceram em 1910, quando o jornal *Fanfulla* começou a divulgar páginas esportivas, na cidade de São Paulo. Porém, o futebol ainda não era a paixão do brasileiro, então, o material era voltado para as elites, em formato de periódicos, “o jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões” (COELHO, 2004, p. 8). Todavia, o material ainda não era considerado jornalismo esportivo.

A editoria começou a firmar-se, efetivamente, entre os anos 1930 e 1940. À época, o carioca Mário Filho fundou o “*Jornal dos Sports*”, com o intuito de abordar o futebol assim que ele começou a se profissionalizar. O veículo “acompanhou a primeira grande crise do futebol brasileiro. A instauração do profissional criou uma cisão tanto no futebol do Rio quanto no de São Paulo (COELHO, 2004, p. 16).”

De acordo com Tambucci, Oliveira e Sobradinho (1997), depois que conseguiu firmar-se como editoria, um dos maiores problemas do jornalismo esportivo foi, e ainda é, a falta de formação específica. O que instiga os profissionais interessados em ingressarem na área a terem a iniciativa de buscar preparação. No entanto, “isso, evidentemente, não tem impedido o surgimento de grandes nomes da imprensa esportiva, mas estes se desenvolveram com base exclusivamente no esforço próprio e no talento pessoal” (TAMBUCCI; OLIVEIRA; SOBRADINHO, 1997, p. 7).

Além disso, o profissional que exerce o jornalismo esportivo também deve estar pronto para falar sobre diversos nichos da área, não apenas focado no futebol, que é um dos esportes com mais espaço nos meios de comunicação, devido ao interesses da população para com ele. “Este novo jornalista esportivo também exhibe um conhecimento mais amplo de todas as modalidades esportivas e tem em geral menos resistência a fazer matérias tanto de futebol quanto dos chamados esportes olímpicos” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 20).

Ademais, os conteúdos produzidos por estes profissionais e divulgados nos canais esportivos específicos para tal, como SporTv, Fox Sports, ESPN, etc, têm ganhando a atenção dos apaixonados pelo esporte. O futebol, por ser paixão nacional, destaca-se ainda mais neste meio,

Se uma pessoa com tempo disponível acionar, durante todos os dias de semana, os vários canais de televisão, certamente assistirá, em diferentes momentos, a uma partida de futebol, disputada em alguma parte do mundo. Se não for uma transmissão direta, é porque o interesse pelo jogo permitiu uma nova transmissão (WITTER, 1996, p. 4)

Conforme Tambucci, Oliveira e Sobradinho (1997), isso também ocorre devido ao espaço cultural que o esporte tem no cotidiano da sociedade e por meio da importância social que ele detém. Diante disso, não só os em canais nacionais o jornalismo esportivo atrai olhares e mostra que a área também possui um enfoque informativo importante e de responsabilidade com os consumidores de conteúdo.

Porém, mesmo com toda sua importância para a sociedade, o jornalismo esportivo teve que travar batalhas para provar aos próprios profissionais que integravam as redações a sua relevância. Isso, para que todos entendessem que o conteúdo produzido deveria ser voltado a toda a população, não para uma classe econômica específica.

Durante o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória (COELHO, 2004, p. 9)

Outro pré-conceito visualizado nas redações esportivas era a respeito do machismo e da crença de que mulher não é capaz de produzir o mesmo conteúdo que os homens e com a mesma maestria. Conforme Coelho (2004), nos anos 1970 era escassa a participação de mulheres praticando e assistindo esporte, o que refletia no número de profissionais dentro das redações.

Pode-se dizer que as redações de esporte do país têm 10% de mulheres. Isso já provocou mais preconceito no passado do que hoje em dia. Nos velhos tempos, o veterano repórter Oldemário Touguinhó, do Jornal do Brasil, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar seus relatos (COELHO, 2004, p. 35).

Atualmente, a concentração “de jornalistas mulheres é maior na televisão, representando 50% dos repórteres, enquanto o mesmo cargo na imprensa escrita e no rádio representam apenas 47% e 36%, respectivamente” (GLINKA, 2018, p. 37). No entanto, quando tratamos de redações esportivas, 90% dos profissionais são do sexo masculino, conforme Glinka (2018).

Por fim, na modernidade, os jornalistas que têm a possibilidade de trabalhar com jornalismo esportivo estão se especializando nas áreas que possuem mais interesse, o que possibilita a melhora na qualidade do material produzido e, por óbvio, maior espaço na rotina dos interessados por esporte, “(...) para melhorar o mercado de que estamos falando, precisamos mostrar competência e criatividade. Fugir do lugar comum das coberturas e buscar o entendimento profundo das especialidades do esporte brasileiro” (TAMBUCCI, OLIVEIRA, SOBRADINHO, 1997, p. 123).

### **3.1 O FUTEBOL NO BRASIL**

O esporte que move multidões, cativa povos e une nações. Este é o futebol, atividade que coloca, frente a frente, 11 jogadores de equipes diferentes e reúne milhares de pessoas nas arquibancadas dos estádios. Movido pelo amor daqueles que respiram o esporte, afinal “(...) futebol sem a paixão do torcedor não existe” (WITTER, 1996, p. 4).

No entanto, logo que chegou ao Brasil, não esperava-se que o futebol se tornasse um esporte tão popular. Conforme COELHO (2004), o esporte mais famoso na época era o remo.

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal (COELHO, 2004, p. 7)

De acordo com Costa (1999), os meios de comunicação relutaram em noticiar o futebol, por não julgá-lo como esporte de intelectuais, ou seja, dos que consumiam os conteúdos de tal veículo de comunicação. “(...) o futebol até muito pouco tempo não era sequer notícia nos jornais, quanto mais objeto de interesse de artistas e intelectuais” (COSTA, 1999, p. 15)

Conforme Witter (1996), já havia registros de jogos de bola no Brasil antes da chegada oficial do futebol. Estados como Pernambuco e São Paulo registraram partidas similares. No entanto, a prática oficial do esporte no país ocorreu apenas depois que Charles Miller voltou ao Brasil. “Ao retornar a São Paulo em 1894, trazia

em sua bagagem duas bolas de couro, camisas, chuteiras e calções. Constatando que essa modalidade de esporte era praticamente desconhecida no país, empenhou-se em divulgá-la”. (AQUINO, 2002, p. 25)

De acordo com Witter (1996), o futebol começou a ganhar destaque no Brasil no século XIX, alcançando a consolidação no século seguinte. No entanto, é importante precisar as origens desta modalidade esportiva, “nas cavernas pré-históricas há pinturas que poderiam nos remeter a ele. Em algumas regiões do Extremo Oriente, há mais de 2000 anos praticava-se um esporte que lembra o futebol — o kemari” (WITTER, 1996, p. 8). A diferença entre o kemari e o futebol, conforme Aquino (2002), é que o primeiro era jogado com oito atletas em cada equipe. Além disso, este era praticado como treinamento militar.

Ainda conforme Aquino (2002), alguns historiadores defendem que o Egito e a Babilônia são pioneiros na prática de algo similar ao futebol. O autor ainda explica que a China também pode ser considerada uma das primeiras a explorar o esporte.

Informações mais precisas revelam que na China, por volta de dois mil e trezentos anos atrás, jogava-se o tsutchu, palavra chinesa que significa “golpe na bola com o pé”. Baixos relevos mostram cenas desse jogo praticado desde a dinastia Han (202 a.C.-226 d.C.). (AQUINO, 2006, p. 11)

Outros autores também defendem que as primeiras civilizações já praticavam o futebol, de forma primitiva e com outro nome. Entre elas, América Central e Amazonas destacam-se, por meio dos índios, em 1500 a.C., “as primeiras formas de futebol foram jogadas na Antiguidade, talvez no jogo romano de hasrapastum ou no de episcyros na Grécia” (GIULIANOTTI, 2002, p. 15).

Então, não há uma unanimidade a respeito da civilização pioneira na criação do futebol. No entanto, no formato que conhecemos hoje, foi desenvolvido na Inglaterra, país tido como responsável pela criação oficial do esporte, em 1863. Quando chegou ao Brasil, conforme Witter (1996), o futebol moderno já tinha regras determinadas, como tamanho da bola, limites do campo, número de jogadores, duração do jogo, linha de impedimento, escanteio, falta etc.

(...) o futebol foi codificado em apenas 14 regras, tornadas públicas em livros e cartilhas distribuídas pelo país. Dentre as regras estabelecidas proibía-se chutar ou agarrar o adversário, fixava-se a troca de campo ao fim do primeiro tempo, a validação de um tento somente quando a bola ultrapassasse a linha do gol, a dimensão da largura e da extensão do campo, o controle das chuteiras e a padronização da bola. (AQUINO, 2006, p. 18).

Conforme Giulianotti (2002), a simplicidade desta modalidade esportiva facilitou a sua popularização. Ou seja, a forma com que as regras e a prática do futebol era acessível a todos, fez com que ele se tornasse um esporte popular.

De forma gradual, o esporte começou a cativar os diferentes públicos, incluindo o povo riograndense. Inclusive, um dos primeiros clubes que se tem registro no Brasil é gaúcho.

O futebol ganhou popularidade rapidamente e se expandiu por todo o país. Do Rio Grande do Sul à Amazônia, surgiram clubes. Dentre os mais antigos, está o Rio Grande FC que disputa com a Ponte Preta (ambos em 1900) o status de ter sido o primeiro clube fundado exclusivamente para a prática do futebol, com estatutos e regulamentos. (WITTER, 1996, p. 13)

De acordo com Aquino (2002), o Rio Grande foi o primeiro clube a ser fundado no país, em 1900. O autor defende que, em homenagem ao time gaúcho, criou-se o dia do futebol em 19 de julho. "(...) tornou-se o grande impulsionador do futebol em terras gaúchas e, na sua esteira, surgiram outras associações desportivas em Pelotas, Marcílio Dias, Bagé e Porto Alegre" (AQUINO, 2002, p. 28).

Conforme Witter (1996) desde que foi lançado, nos anos 1920, o futebol era praticado no Brasil sem remuneração financeira aos atletas. Ou seja, o esporte era considerado amador, pois não havia negociação entre os clubes para compra de passe e nem contrato com os jogadores. "O jogador era vinculado ao time ou ao clube por convicção e por amor. É bem provável que a expressão "amor à camisa" tenha nascido ali" (WITTER, 1996, p. 20).

Nos anos 30, porém, começou a discutir-se a profissionalização do futebol, que aconteceu em 1933. Antes disso ocorrer, os atletas precisavam manter um outro emprego, que era o responsável pela remuneração mensal.

(...) os jogadores praticamente "pagavam" para jogar. Sim, era preciso pagar a mensalidade e "estar em dia" com clube, para que se pudesse praticar o seu esporte preferido. Além de ser bom jogador, não se podia estar com as suas cotas fora do prazo. Havia uma pequena tolerância, de um ou dois meses; mais do que isso, era problema. (WITTER, 1996, p. 26)

Com o passar dos anos e com a profissionalização do futebol, os clubes começaram a investir nas instituições. A partir disso, novos departamentos começaram a surgir, “médicos, massagistas e preparadores físicos foram profissionais que vieram se unir ao treinador” (WITTER, 1996, p. 27).

De acordo com Witter (1996), todas as classes sociais começaram a se misturar tanto dentro quanto fora de campo. E, por meio disso, o futebol começou a tornar-se popular e conquistar espaço não só no Brasil como também no mundo.

Em todos os pontos da Terra, há a todo momento times disputando um campeonato futebolístico, seja nacional, regional ou mesmo colegial. Qualquer que seja a dimensão e o significado do torneio, sempre desperta muito interesse e atrai muito público. (WITTER, 1996, p. 4)

Por fim, desde sua popularização, o futebol é um esporte entendido e visto como apaixonante. Ou seja, move e cativa torcedores pelo amor que eles alimentam pelo esporte.

Um jogo é muito mais que a bola, o campo e os jogadores. Um jogo é muito mais que as jogadas. Aqui o humano sofre todas as intempéries da matéria e mais a herança cultural do imaginário. Não se busca nem certeza nem razão no futebol. O que se busca é o tecer do imponderável. (COSTA, 1999, p. 86).

O futebol ainda é considerado o mais democrático dos esportes porque “não pré-define seus atletas por características físicas e porque requer onze pessoas com um objetivo em comum” (GIULIANOTTI, 2002, p. 4). Ou seja, diferente do basquete, por exemplo, em que o atleta precisa ter uma altura pré-determinada, o futebol não tem pré-requisitos referente a peso, altura e biotipo.

Possivelmente, a junção de diferentes culturas dentro de fora de campo, comunicando-se por meio de passes, defesas, dribles e gols torne o futebol “inegavelmente o principal esporte do mundo” (GIULIANOTTI, 2002, p. 7). O que torna este esporte universal, porque, independente da localidade, as regras são as mesmas, o que muda são as competições.

No Rio Grande do Sul, a principal competição regional é o Campeonato Gaúcho, disputado entre 12 equipes e que possui maior destaque da imprensa local, por reunir os principais times do Estado e conceder vaga à Série D e Copa do Brasil. Além dele, há também a Divisão de Acesso, que conta com os times da segunda divisão do Gauchão, e a Segunda Divisão, conhecida popularmente como

Terceirona Gaúcha, por ser como a Série C do Estadual. Por fim, a Copa FGF também ganha destaque, por conceder vagas à Copa do Brasil e Série D do Campeonato Brasileiro. Além do Gauchão Feminino, que dá vaga ao Brasileirão Feminino A-2.

### **3.2 O RÁDIO NO BRASIL**

O rádio, há décadas, é percebido como um companheiro dos ouvintes. Foi o primeiro a falar com as pessoas no seu íntimo, ou seja, a tocá-las de diversas maneiras, simultaneamente. Ao chegar ao Brasil, em 1922, o meio também possibilitou uma inovação na hora de informar-se, “o novo meio de comunicação revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade e significação aos acontecimentos” (CALABRESE, 2004, p. 9).

No Brasil, esse meio de comunicação foi apresentado à sociedade no dia 7 de setembro de 1922, nas comemorações do centenário da Independência do Brasil, no Rio de Janeiro, que, à época, era o Distrito Federal, a capital do país, “ainda que a recepção fosse imperfeita, cheia de ruídos, não foi uma experiência inconsequente” (SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 16).

Cerca de sete meses depois, o médico e antropólogo Roquete Pinto foi o responsável por fundar a primeira rádio do país, no Rio de Janeiro. Segundo Del Bianco e Moreira (1999), o fundador da Rádio Sociedade era favorável ao segmento educativo, utilizando o novo meio de comunicação para oferecer cultura e educação aos ouvintes, com o objetivo de diminuir os índices de alfabetismo no Brasil.

Como o rádio também tem função educativa, o ouvinte estabelece uma relação com a linguagem, com a cultura. Isso não significa que a linguagem deva ser um bloco monolítico, estático, sem vida e sem cor, pelo contrário (DEL BIANCO; MOREIRA, 1999, p. 19).

No entanto, mesmo com uma ideia concreta, tal meio de comunicação teve certa dificuldade para firmar-se no país. Isto porque, as emissoras possuíam problemas em manter-se, “os primeiros anos de vida do rádio no país estiveram repletos de dificuldades, refletidas num constante surgimento e desaparecimento de inúmeras emissoras” (CALABRESE, 2004, p. 12).

No Rio Grande do Sul, conforme Ferraretto (2002), o rádio chegou por meio do jornal Correio do Povo, que anunciara encomendar um destes aparelhos,

informando que ele não seria utilizado apenas pelo veículo de comunicação, seria colocado à disposição da população. A partir de então, o novo meio começou a ser desejado pelos gaúchos.

O rádio, mesmo sem nenhuma estação transmissora operando no Rio Grande do Sul, já era visto, em meados de 1924, portanto, como um símbolo de modernidade. Fornecia notícias e proporcionava entretenimento. Mais do que isto, despertava interesse suficiente para que o Correio do povo utilizasse o aparelho receptor, então em fase de compra, como um diferencial para atrair leitores. (FERRARETTO, 2002, p. 29)

A primeira rádio do Estado a realizar transmissões radiofônicas, segundo Ferraretto (2002), foi a Rádio Sociedade Rio-Grandense, em 7 de setembro de 1924. No entanto, ainda de acordo com Ferraretto (2002), há uma discussão a respeito do assunto.

(...) ainda permite a ideia de que a radiodifusão sonora no estado surgiu na cidade de Pelotas, a 256 km de Porto Alegre, em 1925, com a Sociedade Rádio Pelotense. Por esta linha de raciocínio, a primeira emissora da capital seria a Rádio Sociedade Gaúcha, cujas transmissões iniciam, em caráter oficial, no dia 19 de novembro de 1927. Esta é, inclusive, a versão difundida pela Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (Agert). (FERRARETTO, 2002, p. 43)

Depois disso, integrando a rotina dos gaúchos, o rádio tornou-se um companheiro da população. Presente no cotidiano, o meio de comunicação informa e entretém, “quando se trata de informações, esportes, músicas e entretenimento em geral” (DEL BIANCO; MOREIRA, 1999, p. 165).

O rádio buscava atingir todos os públicos e, em decorrência disso, a segmentação tornou-se uma realidade. De acordo com Ferraretto (2001), ela difundiu-se na segunda metade da década de 80, baseando-se na diversidade daqueles que consumiam os conteúdos. Segundo o autor, “significa oferecer um serviço com destinatário definido, buscando também anunciantes adequados a estes ouvintes específicos” (FERRARETTO; 2001, p. 53).

Para segmentar as rádios, alguns pontos eram levados em consideração, os principais eram os “(...) níveis socioeconômicos, faixas etárias e graus de instrução diversos” (FERRARETTO, 2001, p. 266). Além disso, conforme o autor, as preferências e particularidades de cada ouvinte eram levadas em consideração na hora de construir a programação das emissoras.

Conforme Ferraretto (2001), a iniciativa de segmentar o viés de cada rádio não se concebeu apenas nas décadas de 70 e 80, “a busca por um público diferenciado dentro da totalidade da audiência já existia há bastante tempo” (FERRARETTO, 2001, p. 166). Alguns segmentos citados pelo autor são radionovelas, programas de auditório, emissoras musicais, jornalísticas, esportivas e de prestação de serviço.

Outro fator marcante na história do rádio foi a criação da rádio em FM, que ocorreu nos anos 40. A partir dela, a qualidade das transmissões radiofônicas apresentou uma evolução, “esse tipo de transmissão permite a emissão e a recepção de som em qualidade muito superior às em AM, por não sofrer interferências” (FERRARETTO, 2001, p. 67).

A rádio em FM chegou ao Brasil, segundo Ferraretto (2001), nos anos 70. A estreia foi promovida pela Rádio Difusora FM, de São Paulo, inaugurada no dia 2 de dezembro de 1970. A emissora descrevia-se como de alta sociedade, ou seja, aquela que proporcionava conteúdo para “pessoas ricas e inteligentes” (FERRARETTO, 2011, p. 156).

A estação oferecia música popular brasileira, internacional e erudita. A programação era das 7h às 22h. Conforme Ferraretto (2001), havia também dois noticiários e um boletim sobre a Bolsa de Valores. Além de conteúdo publicitário.

Entretanto, independentemente do foco das rádios, conforme Del Bianco e Moreira (1999), há uma unanimidade: o modo de comunicar-se com os ouvintes. Os consumidores precisam manter-se interessados naquilo que estão ouvindo e, isso, é proporcionado por meio de um estilo jornalístico simples, que atinja todos os públicos.

No entanto, mesmo com a aproximação entre rádio e ouvintes, com a criação da televisão, nos anos 1950, houve o receio de que um meio de comunicação ocuparia o espaço do outro. No entanto, isso nunca ocorreu e, até os dias de hoje, ambos resistem.

Cada meio de comunicação encontrou formas de se adaptar aos novos tempos e conviver com outros cenários estabelecidos para a circulação de informação e de entretenimento. Mesmo assim, os meios nunca deixaram de competir entre si. (DEL BIANCO; MOREIRA, 1999, p. 211).

Desde então, conforme Del Bianco e Moreira (1999), todos os meios de comunicação de massa, assim como o rádio, precisam adaptar-se às tecnologias e utilizá-las a seu favor, para manter o interesse dos consumidores e, especialmente, a audiência.

### 3.3 AS JORNADAS ESPORTIVAS

As jornadas esportivas podem ser definidas como transmissões de eventos esportivos na íntegra. Elas podem ocorrer na rádio e na televisão. “A transmissão lance a lance de uma competição constitui-se no momento mais importante da cobertura esportiva em uma emissora de rádio. Nela, mesclam-se planejamento e improviso” (FERRARETTO, 2001, p. 322).

Conforme Ferraretto (2001), nas jornadas esportivas realizadas nas rádios, depois que consolidou-se, oito funções foram e são imprescindíveis para o bom andamento da cobertura do evento (ver Quadro 2):

Quadro 2 - Principais funções na jornada esportiva de rádio

<p><b>coordenador de esportes</b></p>	<p style="text-align: right;">(continua)</p> <p>É o principal que gerencia toda a atividade do setor, orientando a cobertura do dia-a-dia dos clubes e entidades ligadas ao esporte, além de organizar a de eventos como jogos, corridas e outras atividades esportivas. Responsabiliza-se, muitas vezes, pelos contatos com as empresas de telecomunicações, viabilizando os canais necessários às transmissões. Faz, ainda, a interligação com o tráfego comercial, fiscalizando o cumprimento das planilhas de veiculação de patrocinadores conforme o acertado com agências e anunciantes.</p>
---------------------------------------	--

<p><b>plantão esportivo</b></p>	<p>(continua)</p> <p>profissional que, escudado em um arquivo atualizado e no trabalho de radioescutas e de produtores, dá informações adicionais a respeito do que acontece durante uma transmissão esportiva. Assim, a ele cabe situar o ouvinte, dando detalhes a respeito da campanha de uma agremiação ou de um atleta, além de noticiar resultados paralelos ao evento narrado.</p>
<p><b>narrador</b></p>	<p>misturando informação e emoção, o narrador segura a transmissão de um evento esportivo, descrevendo-o em detalhes, mexendo com a sensorialidade do ouvinte e fornecendo a ele uma visão do que acontece.</p>
<p><b>comentarista</b></p>	<p>representa um elemento de opinião. No dia-a-dia, possui geralmente um espaço fixo na programação. Durante a transmissão de um evento esportivo, analisa, considera, sugere, opina e critica o que está ocorrendo.</p>
<p><b>repórter</b></p>	<p>o repórter esportivo exerce sua função de modo semelhante aos seus colegas do Departamento de Jornalismo. Dele, no entanto, exige-se uma boa dose de especialização. No dia-a-dia, assume a figura do setorista, aquele que acompanha um clube, entidade ou</p>

	esporte específico. Na transmissão ao vivo de uma competição, é chamado de repórter de campo, constituindo-se no integrante da equipe mais próximo dos lances de uma partida.
<b>apresentador</b>	faz a condução dos programas diários dedicados ao esporte. Quem exerce esta função é, em geral, também narrador, comentarista, plantão ou repórter de setor.
<b>produtor</b>	responsabiliza-se pelos programas específicos voltados ao esporte. Auxilia, por vezes, o plantão durante as jornadas esportivas.
<b>radioescuta</b>	em geral estagiários ou profissionais em início de carreira que acompanham as transmissões de emissoras concorrentes ou de outros estados e organizam as informações provenientes de serviços noticiosos.

Fonte: FERRARETTO (2001), p. 316

Em relação a consolidação das jornadas esportivas, nos anos 1930, com o esporte se destacando, ocorreram as primeiras coberturas. O pioneiro, nas narrações, foi Nicolau Tuma. Conforme Ferraretto (2001), ele esteve à frente do jogo entre as seleções de São Paulo e Paraná, que ocorreu no dia 19 de julho de 1931. Por sua vez, no Rio Grande do Sul, a primeira transmissão foi em novembro do mesmo ano, "(...) foi Grêmio e Seleção do Paraná, em 19 de novembro de 1931, com narração de Ernani Ruschel, na então Rádio Sociedade Gaúcha" (FERRARETTO, 2001, p. 318).

Cerca de 60 anos depois, entre o final dos anos 90 e o início dos anos 2000, o faturamento com as jornadas esportivas chamavam atenção. Conforme Coelho (2004), a partir de então, as grandes rádios sempre enviavam representantes para acompanhar delegações em outros Estados.

Em toda viagem de um grande clube, lá estava o repórter acompanhando a delegação. A lógica valia para jogo de campeonato brasileiro. (...) Em 2002, os direitos de transmissão custaram uma fortuna para as emissoras de rádio do Brasil. Não saíam por menos de 20 milhões de dólares. A rádio Globo e Bandeirantes ratearam despesas e enviaram equipes para a cobertura do Mundial da Coréia e do Japão. A Jovem Pan, emissora de maior prestígio em São Paulo, preferiu não comprar os direitos (COELHO, 2004, p. 29)

Inclusive, conforme Barbeiro e Rangel (2006), ao visualizar que os clássicos despertavam o interesse de grande parte da população, emissoras de rádio e televisão começaram a enviar três repórteres para os eventos. “Um para cada time e o terceiro popularmente como “repórter da galera” tem a missão de enxergar o que não ocorre dentro do campo ou da quadra” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 60). Algo que corroborou para despertar o interesse dos brasileiros, além dos clássicos nacionais, foram as Copas do Mundo e bom desempenho da Seleção.

A vitória do Brasil na Copa do Mundo de Futebol, em 1958, na Suécia, e a repetição do feito quatro anos depois no Chile impulsionam a cobertura e as transmissões esportivas. Pelos radinhos transistorizados, em casa ou nos estádios, o brasileiro vai ouvir, lance a lance, as competições do esporte nacional do país (FERRARETTO, 2001, p. 144)

No Rio Grande do Sul, o levantamento realizado nesta pesquisa apontou que das 253 rádios afiliadas na Agert, apenas 84 fazem jornadas esportivas regularmente. Outras 11 disseram realizar esporadicamente e, 158, não contam com este tipo de programação. De acordo com Ferraretto (2001), o que as rádios mais transmitem no Brasil é o futebol, dividido em quatro fases: a abertura, que pode ser chamada de pré-jornada, a jornada esportiva, o intervalo do jogo e o encerramento do evento (ver Quadro 3).

Quadro 3 - Quatro fases da jornada esportiva

<b>abertura</b>	(continua) o trabalho jornalístico inicia com base em um roteiro previamente elaborado.
-----------------	--

	<p style="text-align: right;">(continua)</p> <p>Depois, segue o rumo dos acontecimentos. O narrador comanda. Os repórteres trazem as informações mais atuais, complementadas por dados de arquivos fornecidos pelo plantão. O comentarista analisa tudo, situando ainda mais o ouvinte. O tom é o de uma conversa informal.</p>
<p><b>o jogo em si</b></p>	<p>o narrador é o centro da transmissão esportiva. Em uma comparação com a imagem proporcionada pela televisão, o narrador mostra todo o gramado, concentrando-se no setor onde a bola está em disputa pelos jogadores. (...) O repórter faz o close sobre o lance, detalhando-o para o ouvinte. A análise do jogo cabe ao comentarista. Já o plantão traz as informações complementares.</p>
<p><b>intervalo</b></p>	<p>o apito do árbitro encerrando o primeiro tempo serve de sinal para que os repórteres entrem no gramado, entrevistando jogadores. Em seguida, o narrador chama o plantão esportivo, que traz as últimas informações sobre outros jogos de interesse. O comentarista vai analisar a partida e, caso haja gols, chamar a reprodução. Um pouco antes do jogo recomeçar, os</p>

	repórteres informam, se necessário, sobre possíveis alterações nas equipes e fazem outras entrevistas com jogadores e a equipe técnica.
<b>encerramento</b>	(...) repete-se a situação do intervalo. Correria de repórteres em torno dos jogadores, entrevistas, o plantão informa a situação dos clubes após a partida e o comentarista analisa o jogo, quando então são reproduzidos, se houve, os gols.

Fonte: FERRARETTO (2001), p. 325

Por fim, além da tradicional jornada esportiva, em que tudo gira em torno de apenas uma partida, há também a transmissão em duplex. Nesta, a programação da rádio é dividida em dois eventos, geralmente, duas partidas de futebol. “Neste caso, o narrador da partida mais importante ancora a jornada esportiva, tendo - em princípio - prioridade na narrativa dos lances. Neste caso, o roteiro de cobertura deve contemplar esta situação” (FERRARETTO, 2001, p. 328).

### 3.4 A PRESENÇA DO NARRADOR

Figura imprescindível nas jornadas esportivas, o narrador é o responsável, especialmente no rádio, por contar a história completa para o consumidor. Neste caso, o ouvinte. O profissional por trás deste microfone desenvolve a função de “(...) narrar significa apenas expor, relatar, descrever o fato. Observar e comunicar” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 66).

Dentre os principais atributos deste personagem das jornadas esportivas está o conhecimento. Conforme Barbeiro e Rangel (2006), o narrador deve dominar a competição que está cobrindo, saber explorar informações sobre ela e transmitir isso ao ouvinte ou, no caso da tv, telespectador.

A transmissão esportiva é um programa como outro qualquer e, por isso, precisa de um apresentador. No passado, era identificado como locutor ou narrador, geralmente identificado como um showman. Toda a equipe girava em torno de sua popularidade e seu carisma (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 65)

Sendo assim, de certa forma, o narrador coordena as jornadas esportivas, dando o ritmo da transmissão. Por meio dele, diversas pessoas, com crenças, pensamentos e vivências diferentes devem receber a mesma mensagem, e ele “(...) precisa imperiosamente criar imagens na mente do ouvinte e, mais do que isto, esta visão deve transportar o público para o estádio, para o meio da torcida” (FERRARETTO, 2001, p. 318).

Então, é imprescindível que, no caso das jornadas esportivas, haja um bom profissional, capaz de transmitir o que está vendo com riqueza de detalhes, “o narrador é o cantor da banda. Ele é o termômetro do evento, é o mestre de cerimônias, é o sujeito que tem que ficar feliz” (FARIA, 2011, p. 19).

Desde as primeiras jornadas esportivas, todas as atenções voltavam-se para o narrador. Sempre foi considerado a estrela da transmissão, até em outros esportes que não o futebol.

O narrador de outrora não se limitava a acompanhar os eventos, tinha de fazer parte deles. Considerava-se personagem da ação que se desenrolava, quer fosse em um campo de futebol, em uma quadra de vôlei ou em um ringue de boxe. Sem ele o espetáculo não existia e as cortinas não se abriam, logo estava incompleto. Alguns narradores tornaram-se celebridades, obtiveram ascensão social e puderam conviver com as elites nacionais de várias épocas (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 65)

Um destes profissionais que destacou-se e tem seus bordões “pode isso, Arnaldo?”, “haja coração”, “sai que é sua, Tafaí”, “bem, amigos!” presentes no cotidiano do povo brasileiro é Galvão Bueno. O narrador dispensa apresentações, “se você viveu neste país (ou em algumas dezenas de outros países) e ligou uma televisão nos últimos 30 anos, certamente já viu e ouviu Galvão Bueno” (FARIA, 2001, p. 19).

Conforme Faria (2001), Galvão Bueno iniciou sua carreira por incentivo do pai, que lhe inscreveu num concurso de narrador, comentarista e repórter, da Rádio Gazeta. Galvão começou sua carreira como comunicador esportivo em 1974, como

comentarista da Rádio e da TV Gazeta. Desde então, nunca mais largou os microfones, tornando-se uma referência no meio.

Galvão é uma marca do Brasil. É tão íntimo do telespectador brasileiro que alguns até se acham no direito de, vez em quando, implicar com ele. Do mesmo jeito que implicam com o melhor amigo, com o irmão mais velho, com alguém muito próximo na família (FARIA, 2011, p. 19)

Galvão Bueno desenvolve, com maestria, o papel de narrador, a função de locutor, que é “em grande parte, o responsável para que o ouvinte tenha vontade de ouvir com atenção e interesse. Um bom locutor pode, até, tornar passagens difíceis mais claras” (KISCHINHEVSKY, 2007, p. 25).

No entanto, há uma diferença entre a narração de rádio e de televisão. A riqueza de detalhes, quando não temos imagens para ilustrar a fala, deve ser maior.

(...) o narrador de rádio deve criar imagens na mente do ouvinte e transportá-lo para o estádio. Muitas vezes, a transmissão esportiva é tida como espetáculo porque, em sua maioria, se centra em uma única pessoa, o narrador (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 66).

Ainda em relação a rádio, de acordo com Ferraretto (2001), a forma de comunicação de cada profissional depende da sua escola de formação, podendo ser Denotativa e Conotativa. Na primeira, “(...) predomina a descrição calcada no significado dicionarizado das palavras usadas. A emoção está na voz e na descrição do lance” (FERRARETTO, 2001, p. 326). Enquanto na Escola Conotativa, “seus integrantes associam outros sentidos ao significado dicionarizado das palavras utilizadas, abusando de figuras de linguagem gírias, metáforas, slogans e chavões” (FERRARETTO, 2011, p. 326).

Conforme Coelho (2004), a função do narrador, além de transmitir as informações referente a partida, é fazer com que o ouvinte sinta-se presente no local. O profissional deve ser capaz de passar emoção pelas ondas sonoras do rádio, “ele está lá para levar o torcedor ao delírio. O comentarista e o repórter é que têm obrigação de analisar friamente o que está ali, na cara do espectador” (COELHO, 2004, p. 64).

No ano de 2019, a Folha de São Paulo elaborou uma reportagem<sup>3</sup> sobre os maiores locutores esportivos da história do Brasil. De acordo com o meio de comunicação, nove merecem reconhecimento pela sua trajetória. São eles: Fiori Gigliotti, Januário de Oliveira, José Carlos Araújo, Luciano do Valle, Silvio Luiz, Osmar Santos, Oscar Ulisses, José Silvério e, novamente ele: Galvão Bueno.

Em relação a representatividade feminina nas narrações, ainda não há um nome de destaque perante a sociedade. No entanto, jornalistas esportivas estão trabalhando para isso. No contexto histórico, conforme Mendonça (2018), apenas na década de 70 uma mulher esteve à frente de uma jornada esportiva como narradora. À época, Zuleide Ranieri fez história ao ser a primeira representante do sexo feminino a narrar futebol, em 1971, por meio da Rádio Mulher. Segundo o Portal Uol<sup>4</sup>, a equipe era formada exclusivamente por mulheres. Além de Zuleide, as jornalistas Claudete Troiano, Germana Garilli, Jurema Yara, Leilh Silveira e Léa Campos também participavam das jornadas esportivas.

Recentemente, com as movimentações em prol da representatividade feminina no esporte, o Brasil contou com uma narradora na abertura da Copa do Mundo de 2018, entre Rússia e Arábia Saudita. A mineira Isabelly Morais venceu um concurso organizado pela Fox Sports, que contratou três mulheres como narradoras para o campeonato. Conforme Warken (2018), estando à frente da abertura do Mundial, a mineira entrou para a história como a primeira brasileira a narrar tal campeonato na televisão, na Fox Sports 2.

Experiente na área, Isabelly não fez sua estreia no Mundial. Em entrevista<sup>5</sup> à revista M de Mulher, a jovem de 20 anos contou que já narrava na Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte. Sua estreia foi no dia 7 novembro de 2017 e, com

---

<sup>3</sup> A reportagem foi veiculada no dia 21 de dezembro de 2019 e traz nomes e bordões dos maiores narradores de rádio, de acordo com a opinião do veículo de comunicação. O material está disponível em:

<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1653500840855133-os-maiores-locutores-esportivos-da-historia-do-radio-brasileiro>. Acesso em 01 de abril de 2020.

<sup>4</sup> A reportagem foi veiculada no dia 27 de dezembro de 2018, tratando da representatividade feminina no jornalismo esportivo. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/27/2018-foi-o-ano-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/>. Acesso em 27 de maio de 2020.

<sup>5</sup> Entrevista disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/isabelly-morais-quem-e-a-1a-mulher-brasileira-a-narrar-a-copa-na-tv/>. Acesso em: 02 de out de 2019

isso, entrou para a história de seu Estado como a primeira mulher a narrar um jogo na capital mineira, segundo Pires (2018).

A estreia de Isabelly foi na segunda divisão do Campeonato Brasileiro, quando esteve à frente da jornada esportiva na partida em que o América-MG derrotou o ABC por 2 a 0. Mesmo mostrando competência e recebendo diversos elogios, o machismo também marcou presença no pós-jogo. Em entrevista ao El País<sup>6</sup>, ela explanou o preconceito sofrido, mas mostrou-se otimista.

Teve um cara que disse: ‘tira essa puta daí’. Enquanto a narração dos homens é avaliada pela qualidade, muita gente me critica simplesmente por ser mulher. Óbvio que é diferente uma voz feminina nos jogos. Tudo que é novo causa estranheza. Ao longo de 20 Copas do Mundo, por exemplo, só os homens narraram aqui no Brasil. Não deveria ser estranho uma mulher narrando futebol no rádio ou na televisão. Mas acredito que essa cultura está mudando (MORAIS, 2018).

Em setembro de 2019, a plataforma esportiva DAZN também anunciou uma narradora, a primeira do canal. Natália Lara fez sua estreia no dia 5 de outubro do mesmo ano, no jogo entre Santos e Juventus, pelo Paulista sub-20. Na ocasião, a equipe santista ficou com a vitória pelo placar de 1 a 0. Em entrevista ao Portal Uol<sup>7</sup>, a jornalista expressou seus sentimentos ao contar a história da partida, “Eu me sinto grata e honrada por acreditarem no meu trabalho, e tenho certeza de que vamos escrever muita história juntos” (LARA, 2019).

Ainda no cenário nacional, em 2020, a catarinense Maria Eduarda Gonçalves Dalponte ganhou destaque após narrar<sup>8</sup> uma partida entre Avaí e Juventus, pelo Campeonato Catarinense. A jornada esportiva foi veiculada pela Rádio Avaí, no dia 08 de março de 2020. A transmissão foi composta exclusivamente por mulheres, em alusão ao dia da mulher. Em entrevista ao portal Dibradoras<sup>9</sup>, do Uol, a estudante de

---

<sup>6</sup> Entrevista disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/24/deportes/1529866954\\_045222.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/24/deportes/1529866954_045222.html). Acesso em 02 de out de 2019

<sup>7</sup> Entrevista disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/09/30/natalia-lara-dazn-contrata-primeira-mulher-como-narradora-de-futebol.htm>. Acesso em 02 de nov de 2019.

<sup>8</sup> O vídeo que viralizou na internet é de Duda, como é popularmente conhecida, narrando o gol do Avaí. A imagem segue disponível no twitter pessoal da narradora. Disponível em:

[https://twitter.com/duda\\_dalponte/status/1236813349930795008](https://twitter.com/duda_dalponte/status/1236813349930795008). Acesso em 01 de abril de 2020.

<sup>9</sup> A entrevista foi concedida no dia 23 de março de 2020. À época, a jornalista Roberta Nina contou a história das três estudantes de jornalismo envolvidas na transmissão daquele jogo. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/03/23/elas-driblaram-o-preconceito-e-criaram-alternativ-as-viver-amor-pelo-futebol/>. Acesso em 01 de abril de 2020.

jornalismo disse que a resposta foi muito positiva e que recebeu elogio de diversas pessoas, inclusive, de jornalistas que admira.

No radiojornalismo esportivo gaúcho, a representatividade feminina também não é expressiva. De acordo com levantamento feito por esta pesquisadora, em 2019, cerca de 84 rádios realizam jornadas esportivas e em apenas uma há uma mulher à frente das transmissões, como narradora. Valéria Possamai, da Rádio Gre-Nal, de Porto Alegre, já esteve à frente de uma jornada esportiva. No entanto, isso ocorreu apenas uma vez, numa edição especial em que a emissora realizou a cobertura de um clássico entre Grêmio e Internacional pelo Campeonato Gaúcho Feminino.

O fato ocorreu quando a Rádio Grenal também lançou uma equipe inteiramente feminina para a jornada esportiva do Gre-Nal válido pelo Gauchão Feminino, em 21 de setembro de 2019. A narradora Valéria Possamai esteve à frente da transmissão, ao lado das repórteres Ana Carolina Aguiar e Bárbara Assmann. Entretanto, esta não foi sua primeira experiência na área<sup>10</sup>.

A minha primeira experiência ocorreu em 2018. Na ocasião, eu narrei um jogo pela faculdade, quando transmitimos a Copa dos Refugiados. Já neste primeiro episódio, foi uma grande experiência e foi muito difícil porque ainda não tinha noções de como lidar com microfone e tudo mais. Por mais que você assista e tenha entendimento sobre futebol é totalmente diferente. (POSSAMAI, 2019)

No entanto, estar à frente da narração no Gre-Nal feminino foi diferente. Segundo Possamai (2019), saber que muitas pessoas estariam a ouvindo causou um nervosismo maior. Sendo assim, a preparação foi de suma importância.

Durante o processo, eu procurei ao máximo conhecer as jogadoras, algumas já conhecidas, e entender a formação em campo. Vi vários jogos, fui em treino e conversei com as assessoras de futebol feminino de Grêmio e Inter. (POSSAMAI, 2019)

A diretora da Rádio Grenal, Marjana Vargas, explicou que não é possível definir quando haverá uma nova jornada composta apenas por mulheres<sup>11</sup>, “Quanto ao futuro, vamos aguardar. Não falo de assunto escalas, porque é assunto interno”. (VARGAS, 2019)

---

<sup>10</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Valéria Possamai, em outubro de 2019.

<sup>11</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Marjana Vargas, em outubro de 2019.

A jornalista Renata de Medeiros, da Rádio Gaúcha, foi a primeira repórter de campo da emissora, que tem 92 anos de história. O feito aconteceu em 31 de agosto de 2019, na partida entre Internacional e Botafogo, pelo Campeonato Brasileiro. De acordo com Medeiros (2019)<sup>12</sup>, é crucial que haja mulheres como chefes de redação, para que assim o número de representantes do sexo feminino aumente gradualmente.

Ainda faltam mulheres assumindo posições de chefia e de gestão, que possam contratar mais mulheres para o jornalismo esportivo. Com relação aos profissionais, acredito que com esse movimento vão surgir mais meninas interessadas em jornalismo esportivo nas faculdades e, com isso, o número de oferta, de estudante de jornalismo mulheres interessadas em jornalismo esportivo, vai ser maior. (MEDEIROS, 2019)

Em Caxias do Sul, por exemplo, não há representantes do sexo feminino trabalhando nesta área. Apenas dois meios de comunicação têm profissionais direcionados ao jornalismo esportivo.

Na Rádio Caxias, há transmissão de todos os jogos que envolvem a dupla Caxias e Juventude. Entretanto, toda a equipe de jornada é masculina. Há dois narradores: Gilberto Júnior e Daniel Felix; dois comentaristas: Rafael Baungarten e Luizinho da Veiga; dois repórteres: Bruno Mucke e Rafael Zanol; e, por fim, dos plantonistas: Bruno Caldart e Cristiano Gauer.

Um dos motivos para a falta de representatividade, segundo Júnior (2019)<sup>13</sup>, é a falta de referência. No entanto, ele acredita que esse seja um problema de todas as minorias.

(...) a partir do momento que a gente vai criando as referências, a gente vai encontrar novas jornalistas. Mas é uma questão de sociedade que acaba respingando na comunicação. (...) Isso vale para qualquer minoria. A partir do momento que passa a ter referências, passa a haver novas pessoas interessadas. (JÚNIOR, 2019)

Na Rádio Gaúcha Serra, os mesmos profissionais que, esporadicamente, realizam jornadas esportivas, alimentam o Jornal Pioneiro com informações sobre os times da Serra Gaúcha. A equipe é composta por cinco homens: o editor-chefe Maurício Reolon; o narrador Eduardo Costa; e os repórteres: Cristiano Daros, Marcelo Rocha e Pedro Petrucci.

---

<sup>12</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Renata de Medeiros, em outubro de 2019.

<sup>13</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Gilberto Júnior, em outubro de 2019.

Costa (2019)<sup>14</sup> entende que este seja um problema antigo que vem sendo corrigido com o passar dos tempos. No entanto, ainda há muito a evoluir neste quesito.

O jornalismo esportivo tem registrado uma maior participação de mulheres, porém ainda há muito trabalho a ser feito para que realmente haja uma igualdade em oportunidades. Isso passa por uma conscientização maior de todos e por uma educação das novas gerações. (COSTA, 2019)

Por fim, ao falarmos sobre narradores, é impossível não mencionarmos os bordões utilizados por eles. Conforme o dicionário online Michaelis, a palavra bordão<sup>15</sup> significa “palavra ou frase repetida por um apresentador ou personagem, a fim de atingir efeito emocional ou cômico”. De acordo com Gomes (2015), essa artimanha era e é utilizada para aproximar o público dos fatos que ocorrem dentro do gramado.

(...) para que o rádio fosse esse sucesso, os narradores buscavam a narrativa certa, usavam jargões de identificação imediata do público. Os setores do campo, por exemplo, ganharam expressões. A pequena área era a “zona do agrião”, o grande círculo era “o caroço do abacate”, assim como os jogadores, dependendo de como jogavam, ganhavam outros nomes. (GOMES, 2015, p. 27)

Ainda, de acordo com Reis (2011), a maioria dos bordões não é criação exclusiva dos meios de comunicação, mas sim adaptações de frases faladas no cotidiano, que são adaptadas a realidade do momento. “No Brasil, os bordões eram comumente utilizados por radialistas, na chamada Era de Ouro do rádio, os quais eram apropriados pelos ouvintes e auxiliavam na familiarização com os apresentadores” (CARACCILO; PENNER; FILHO, 2011, p. 2).

### **3.5 A LIGAÇÃO ENTRE O RÁDIO E AS CLASSES POPULARES**

Logo que chegou ao Brasil, o rádio era voltado às classes mais altas. Conforme Calabrese (2004), Edgar Roquette Pinto e Henrique Morize, acompanhados por um grupo de intelectuais, lançaram o rádio no Brasil na década de 1920, com o intuito de de aprimorar o nível cultural no país. Sendo assim, o meio

---

<sup>14</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Eduardo Costa, em novembro de 2019.

<sup>15</sup> Sete significados são expostos a respeito da palavra. No entanto, apenas uma se aplica quando referimo-nos a meios de comunicação. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bord%C3%A3o>. Acesso em 01 de abril de 2020.

de comunicação era produzido e consumido pela classe alta, “os primeiros aparelhos de rádio eram chamados rádios de galena, de escuta individual, feita através de um fone de ouvido” (CALABRESE, 2004, p. 22).

No entanto, mesmo com seu conteúdo voltado aos mais ricos, o rádio ainda era o meio de comunicação mais acessível aqueles que tinham poucas condições financeiras. Segundo Kischinhevsky (2007), apenas um investimento precisava ser feito para adquirir um rádio: o inicial.

O rádio era a grande fonte de notícias e de consumo cultural para milhões de pessoas. Diferentemente dos jornais, do teatro e do cinema, o rádio era grátis. Bastava comprar um receptor, o que exigia apenas um pequeno investimento inicial. (KISCHINHEVSKY, 2007. p. 17)

Dito isso, o elo entre classes mais baixas e rádio fortaleceu-se com o auxílio do futebol, tido como uma das paixões nacionais, ainda na década de 20. Muitas emissoras, mesmo tendo uma programação voltada para a elite, tentavam chegar aos mais populares por meio do esporte.

Nesse aspecto, a partir dos anos 20, os rádios com alto-falantes começaram a chegar no Brasil, fato que proporcionava a diversas pessoas consumirem o conteúdo do mesmo aparelho de forma simultânea, “a possibilidade de escuta coletiva por toda a família ou por todas as pessoas presentes nos recintos onde estivessem os aparelhos de rádio aumentou o interesse pelo veículo e deu início ao processo de popularização do mesmo” (CALABRESE, 2004, p. 22).

No final dos anos 20, inclusive, uma transmissão da Rádio Educadora Paulista foi marcante. De acordo com Calabrese (2004), alto-falantes foram espalhados por três pontos da cidade de São Paulo, a Sorveteria Meia Noite, a Leiteira Brilhante e em frente à sede do jornal A Gazeta, tudo para possibilitar que os populares acompanhassem uma jornada esportiva e, também, para que tivessem interesse no rádio.

(...) um recurso muito utilizado era o de realizar transmissões especiais com a instalação de alto falantes em lugares públicos, assim reunindo um grande número de ouvintes. Em 1927, em São Paulo, por exemplo, a Rádio Educadora Paulista, conhecedora do interesse de seus ouvintes por jogos de futebol, transmitiu do Rio de Janeiro para São Paulo uma partida do campeonato brasileiro entre paulistas e cariocas (CALABRESE, 2004, p.16).

Outra paixão nacional capaz de aproximar o meio de comunicação das populações de baixa renda foi a música popular brasileira. Ainda nos anos 20, conforme CALABRE (2004), gradativamente, o meio começara a ganhar destaque nas residências. Com uma programação popular, a fim de atrair a classe social mais baixa, as críticas por parte da nobreza começaram a surgir, especialmente em relação aos estilos musicais explorado.

“À medida que o rádio ia se popularizando, passava a sofrer fortes críticas de uma parte da intelectualidade, que insistia em mantê-lo como um veículo com fins educativos e divulgador da produção cultural erudita” (CALABRESE, 2004, p. 23).

Com isso, a popularização do rádio fazia aqueles que não tinham condições financeiras de adquiri-lo se juntassem com um vizinho para ouvir a programação. Além disso, o comércio também utilizava o meio de comunicação para atrair novos clientes.

Quando as famílias ainda não podiam ter seus próprios rádios, lançavam mão de uma prática que se tornou muito corriqueira: a de ser um “rádio-vizinho”. Era comum que as famílias que tinham aparelhos de rádio os partilhassem com os vizinhos, permitindo que acompanhassem parte da programação. Alguns estabelecimentos comerciais também mantinham aparelhos de rádio ligados como forma de atrair freguesia (CALABRESE, 2004, p. 25)

Ainda conforme CALABRE (2004), por volta de 1931, o rádio começou a tornar-se acessível às pessoas com condições econômicas mais baixas, “a RCA e outras fábricas passaram a produzir pequenos rádios que, pouco a pouco, se tornavam acessíveis para um número maior de pessoas” (CALABRESE, 2004, p. 18). Conforme Kischinhevsky (2007), outros dois fatores também foram primordiais para que isso ocorresse.

Dois fatores transformaram a situação do rádio no Brasil a partir da década de 30. O primeiro deles foi a introdução do rádio de válvulas, substituindo o de galena. A novidade contribuiu para baratear os custos de produção do aparelho, possibilitando a sua popularização e alcance a um público ouvinte mais amplo. O segundo foi a mudança da legislação que favoreceu a inserção da publicidade no rádio (KISCHINHEVSKY, 2007, p. 187)

Na década seguinte, a partir da invenção do transistor, o rádio tornou-se ainda mais acessível para uma parte maior da sociedade. Isto porque, essa inovação possibilitaria, no futuro, o consumo de menos energia por parte do rádio. A

invenção foi de um trio de cientistas americanos, em Nova Jersey, nos Estados Unidos. Segundo Ferraretto (2001), o feito ocorreu no dia 23 de dezembro de 1947.

(...) apresentaram aos seus superiores a base de um novo componente eletrônico que amplificava sinais elétricos. William Shockley, John Bardeen e Walter Brattain haviam inventado o transistor de ponto de contato que usava germânio, um material semicondutor. A evolução técnica obtida por Shockley um mês depois, com o transistor bipolar indicava a possibilidade de substituir as válvulas que ocupavam muito espaço e necessitavam de uma voltagem elevada para seu funcionamento (FERRARETTO, 2001, p. 137)

Alguns anos depois desta invenção histórica, o transistor foi desenvolvendo-se e, a partir de então, as pilhas tornaram-se sua fonte de energia. De acordo com Ferraretto (2001, p.138), conforme citado por Mello (1998),

(...) o rádio a transistor começou a se tornar conhecido no Brasil no final dos anos 50, quando a indústria brasileira iniciou a produção em território nacional. Antes disso, somente a burguesia possuía recursos para tal. Porém, ele só atingiu seu apogeu em meados da década de 60, devido às transmissões dos jogos das Copas do Mundo de Futebol, em 1962 e 1966.

Com a sua popularização, o rádio tornou-se, segundo Ferraretto (2001), um meio de comunicação acessível a todos. Além disso, com a modernidade proposta pelo transistor, por meio das pilhas que tornaram-se a fonte de energia do rádio, ele podia ser levado para qualquer lugar. Sendo assim, tal qual nos Estados Unidos, tornara-se o queridinho dos consumidores.

Nos Estados Unidos, já no início da década de 1940, o rádio havia se tornado o senhor absoluto dos meios de comunicação. No mesmo período, crescia rapidamente na América Latina e, no Brasil, transformava-se em um companheiro inseparável das classes populares (CALABRESE, 2004, p. 30)

Recentemente, uma pesquisa realizada pelo Kantar Ibope Media<sup>16</sup>, e validada pela Abert, mostrou que o povo brasileiro ainda consome rádio diariamente. No estudo, feito em 2019, em sete dias, 76% dos entrevistados consumiu a programação de rádio. Desses, 38% o fizeram por streaming. Ou seja, “o rádio também migrou para internet e ao contrário das muitas especulações o rádio não morreu com a chegada da internet” (CARVALHO, 2007, p. 2).

---

<sup>16</sup> A pesquisa, realizada em 2019, foi apresentada em setembro. Os dados seguem disponíveis em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/26842-kantar-ibope-apresenta-perfil-sobre-consumo-do-radio-no-brasil>. Acesso em 29 março de 2020.

#### 4. A LUTA FEMININA POR REPRESENTATIVIDADE

Desde a infância, as atividades designadas às crianças são geralmente escolhidas devido ao sexo das mesmas, especialmente no âmbito familiar. Criadas como diferentes, elas crescem acreditando que os mundos sejam separados em feminino e masculino, “[...] ao nascerem meninos e meninas são educados de acordo com os padrões e normas culturais que estabelecem o que pertence ao universo feminino e masculino” (ARAÚJO; BEZERRA; FERREIA, 2017, p. 2).

Por vezes, esse pensamento, como está impregnado na sociedade, inibe os seres humanos em formação de investirem em novas funções, inclusive no ambiente escolar.

No contexto escolar, percebemos que as brincadeiras infantis vêm reforçando estereótipos sobre masculinidade e feminilidade, estabelecendo relações de poder e de subordinação das meninas em relação aos meninos. (CRAVO, 2006, p. 14)

Entretanto, a possibilidade de mudança cultural está ascendendo. Conforme a sociedade evolui, os novos pais aprendem que o sexo feminino não deve ser inferior ao masculino, e vice-versa,

"Ensine a ela que “papéis de gênero” são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa “porque você é menina”. “Porque você é menina” nunca é razão para nada. Jamais”. (ADICHIE, 2017, p. 21)

Com o intuito de desmistificar essa segregação, a ONG Plan International Brasil criou, em 2016, uma campanha chamada #DesafioDaIgualdade<sup>17</sup>. O objetivo fica implícito no próprio título: instigar o meio em que as crianças vivem a não fazerem distinções quanto ao sexo das mesmas. O portal do projeto apresenta material didático, composto por histórias em quadrinhos, animações, contos de fadas, atividades para a sala de aula e vídeos explicativos, que ilustram a realidade brasileira.

---

<sup>17</sup> A campanha segue sendo realizado, por meio do site <http://desafiodaigualdade.org/#desafio>. Acesso em 03 nov 2019.

O primeiro vídeo<sup>18</sup> apresenta, por meio de animações, a história de dois irmãos gêmeos, que nascerão no mesmo dia, conviverão com as mesmas pessoas. No entanto, não terão a mesma criação: ela, por ser menina, ganhará bonecas e um quarto rosa, afinal esta é a cor do sexo feminino. Ele, por outro lado, viverá num mundo azul, não terá tarefas domésticas e ganhará um salário maior, quando chegar a maioridade.

Depois de ilustrar e questionar a realidade das famílias brasileiras, a história constata que os irmãos da ficção “(...) vão crescer num mundo em que os homens pensam que têm mais poder do que as mulheres e por causa disso, acham que podem fazer o que quiserem com elas”. Por meio disso, explicam as situações que colocam o sexo feminino como frágil perante a sociedade e, por fim, enfatizam que isso não deve mais acontecer, ou seja, todos, independentemente de sexo, devem ser criados em ambientes similares, tendo acesso às mesmas oportunidades, sem diferenciação.

Em decorrência das distinções feitas entre os sexos, as mulheres lutam, há muito tempo, por espaço, a fim de terem os mesmos direitos dos homens, por meio de um movimento de representatividade. O movimento feminista, responsável pela conquista de direitos do sexo feminino, iniciou de forma discreta no século XVI. Segundo Garcia (2011), às mulheres da alta sociedade foram as pioneiras. Nessa época, elas lutavam pela mesma educação destinada aos homens.

(...) defendiam a igualdade entre os sexos, o direito ao amor e ao prazer sexual, o acesso à mesma educação intelectual dada aos homens. Questionando a instituição casamento e os papéis de esposa e mãe como destino da mulher, elas inverteram os valores sociais da época. Apesar de seus opositores, elas conseguiram algumas mudanças (BADINTER, 1993, p. 12).

A luta das mulheres em busca de seus direitos é constante. Iniciou na conquista do voto, na década de 30 e passou por diversas etapas, graças às adeptas do feminismo. Conforme Hahner (2003, p. 26), “nem as ações pelos direitos da mulher, nem a mobilização de mulheres por mudança social são novidade no Brasil”.

---

<sup>18</sup> Lançado em novembro de 2016, o primeiro vídeo da campanha #DesafioDaIgualdade já teve mais de 100 mil visualizações e está disponível no YouTube [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=108&v=04u0UHEq2f4](https://www.youtube.com/watch?time_continue=108&v=04u0UHEq2f4). Acesso em 03 nov 2019.

De acordo com Hahner (2003), o papel feminino sempre foi importante para a construção da história, entretanto nem sempre foram reconhecidas por tal, “(...) até muito pouco tempo, as atividades das mulheres brasileiras não tinham recebido, de modo geral, mais do que atenção bastante medíocre dos estudiosos brasileiros.” (HAHNER, 2003, p. 27).

Ainda, de acordo com Beauvoir (1970), mesmo com todas as batalhas travadas pelo sexo feminino, a igualdade ainda não foi alcançada, e, por vezes, as mulheres continuam subordinadas aos homens. Todavia, isso não ocorre porque as mulheres são minoria, visto que, de acordo com o censo 2019 do IBGE, dos mais 210 milhões de brasileiros, cerca de 51,7%<sup>19</sup> são mulheres.

(...) a maioria impõe sua lei à minoria ou a persegue. Mas as mulheres não são, como os negros dos Estados Unidos ou os judeus, uma minoria; há tantos homens quanto mulheres na terra. (BEAUVOIR, 1970, p. 12)

Dado o devido contexto, a luta das mulheres em busca de espaço será abordada neste capítulo. Com foco nos diferentes ambientes em que vivem aquelas que optam pelo jornalismo esportivo, ressaltando as barreiras que enfrentam para conseguir um lugar de destaque na profissão.

#### **4.1 A MULHER NA SOCIEDADE**

Desde os primórdios, a sociedade acostumou-se a tratar a mulher como subordinada do homem. Nos séculos passados, inclusive, o ensino era proporcionado apenas a eles, enquanto as mulheres ficavam com as lições de casa, como limpar, cozinhar e cuidar dos filhos. Conforme Hahner (2003), esse era um problema de todas as classes sociais.

Historicamente, um número muito menor de mulheres do que de homens latino-americanos teve acesso à educação, independentemente da classe social em que se inseriam. Até o final do século XIX, bem poucas tinham aprendido a ler e escrever (...) (HAHNER, 2003, p. 24).

Todavia, as dificuldades em garantir o mínimo de representatividade não são exclusividades das mulheres. Conforme Beauvoir (1970), todas as minorias são

---

<sup>19</sup> O censo foi divulgado no ano de 2019. Os dados estão disponíveis no link: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em 11. nov. 2019

tratadas de igual forma, buscando espaço e travando batalhas contra os pré-conceitos.

Em decorrência da falta de suporte e de investimento, o sexo feminino, como unidade, teve e tem mais dificuldades em conquistar espaço do que os homens, por exemplo. A sociedade, culturalmente machista, no entanto, utiliza-se disso para culpá-las pela falta de representatividade.

Uma ideologia patriarcal e machista tem negado à mulher o seu desenvolvimento pleno, omitindo a contribuição histórica. A mulher não é apenas a metade da população e mãe de toda a humanidade. É um ser social, criativo e inovador. (TELES, 1993 p.10)

Com o passar dos tempos, ao identificar essa diferença, as mulheres, por meio do feminismo, começaram a lutar para expressar seu valor perante a sociedade. Segundo Hahner (2003), no Brasil, as mudanças começaram a acontecer quando mulheres em posições sociais importantes começaram a se engajar com a causa, “(...) mulheres engajadas na luta por direitos. Tem, portanto, como foco o status econômico e político social da mulher”. (HAHNER, 2003, p. 25).

Criado com o intuito de conquistar a sua voz, ter direito a voto, a emprego e lutar contra a subordinação, o feminismo começou a ganhar forças, tentando impor à sociedade os direitos do sexo feminino.

Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade. (TELES, 1993, p. 10)

O sexo feminino começou a ter mais poder na luta por seus direitos, por meio do feminismo. De acordo com Hahner (2003), a luta do sexo feminino por direitos iguais não é uma novidade no Brasil. Entre os séculos XIX e XX, engajadas com a causa, as mulheres começavam a trabalhar em busca do que era seu por direito, a fim de serem reconhecidas e melhorarem suas posições diante da sociedade.

Nem as ações pelos direitos da mulher, nem a mobilização de mulheres por mudança social são novidade no Brasil. Durante a segunda metade do século XIX, um pequeno grupo de mulheres dedicadas proclamou sua insatisfação com os papéis tradicionais que os homens destinavam às mulheres. (HAHNER, 2003, p. 26)

Cerca de 200 anos depois dessa introdução do movimento, a evolução do feminismo ainda busca atingir públicos maiores, explicando a ambos os sexos a real luta do movimento, "nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não "se". Não "enquanto". Eu tenho igualmente valor. E ponto final" (ADICHIE, 2017, p.12).

A batalha também visa tirar muitas representantes do sexo feminino da insubordinação. O movimento luta para que as mulheres compreendam que são independentes e têm condições de seguirem uma vida sem a necessidade de apoio masculino, uma cultura impregnada, há séculos, no senso comum.

(...) sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução. Ela não aconteceu. E, em parte, porque escapa ao caráter acidental do fato histórico que a alteridade aparece aqui como um absoluto. (BEAUVOIR, 1970, p. 13)

Para que isso seja possível e que os tabus antigos sejam quebrados, é necessário que o meio em que todos vivem sofra uma atualização e entenda que, independentemente, de ser homem ou mulher, ambos podem e devem ser cobrados pelas mesmas responsabilidades, "(...) aquela ideia absurda de que "os homens são assim", o que significa que os padrões para eles são mais baixos". (ADICHIE, 2017, p.13)

## **4.2 A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO**

O jornalismo esportivo sempre foi um local repleto por homens, afinal, de acordo com o senso comum, quem entende, principalmente de futebol, são eles. E essa crença não se limita apenas a área esportiva, "muitas pessoas costumam contrapor imprensa em geral e imprensa feminina, quase sempre valorizando a primeira". (BUTTONI, 1986, p. 11).

Nos últimos anos, a busca do sexo oposto por voz vem chamado atenção. Especialmente na televisão, elas têm ganhado espaço e, por meio de campanhas

como a “#DeixaElaTrabalhar”<sup>20</sup>, mostram que o machismo deve ser deixado no passado.

Quando a ação foi lançada, em março de 2018, mais de 50 jornalistas engajadas na campanha explicavam em um vídeo<sup>21</sup>, de um minuto, que eram profissionais, estavam trabalhando e que o assédio não era uma brincadeira. Várias vozes pregavam o seguinte discurso:

Somos mulheres e profissionais! Só queremos trabalhar em paz! O esporte também é lugar nosso! Eu quero respeito! Respeite a nossa voz e as nossas escolhas! Chega de desconfiança! Chega de diferenciação! Hey, você aí, chegou a hora de se importar, a omissão também machuca, e não é só machismo, é desrespeitoso, é nojentoso, é ofensivo, é uma violência. Chega! Deixa ela trabalhar!

Nas redes sociais, mais de 15 clubes compartilharam o vídeo, em apoio a campanha. Além disso, a CBJ e a LNB também demonstraram concordar com a luta.

Em 2016<sup>22</sup>, o Portal Uol realizou uma reportagem com levantamento de dados a respeito da participação feminina no jornalismo esportivo. De acordo com os dados, na televisão fechada, apenas 13% das profissionais eram mulheres. No decorrer da matéria, vários casos envolvendo machismo foram levantados e diversos depoimentos de profissionais, expondo este comportamento, ganharam espaço.

Ainda na reportagem, um experimento feito nos Estados Unidos é explorado. Nele, homens eram colocados frente a frente com as jornalistas e tinham que ler ofensas à elas. Frases como "espero que seu namorado bata em você", "um dos jogadores devia te espancar até a morte" eram entoadas. No final da vídeo,

---

<sup>20</sup> Campanha foi lançada devido a onda de assédio que jornalistas sofreram enquanto estavam trabalhando. O projeto segue disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml>. Acesso em 12.out.2019

<sup>21</sup> Vídeo da campanha #DeixaElaTrabalhar foi lançado em março de 2018 e segue disponível no twitter @deixaelatrab: [https://twitter.com/deixaelatrab/status/977940367982125061?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E977976465231896576&ref\\_url=https%3A%2F%2Fgloboesporte.globo.com%2Fsp%2Ffutebol%2Fnoticia%2Fdeixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml](https://twitter.com/deixaelatrab/status/977940367982125061?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E977976465231896576&ref_url=https%3A%2F%2Fgloboesporte.globo.com%2Fsp%2Ffutebol%2Fnoticia%2Fdeixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml). Acesso em 12.out.2019

<sup>22</sup> A reportagem é assinada por Bruno Freitas, Laís Montagnana e Leandro Carneiro e conta com diversos relatos de jornalistas que já sofreram com o machismo. A matéria, que inclui o vídeo feito nos Estados Unidos, está disponível no link: <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#veja-depoimentos>. Acesso em 18 abril 2020.

aparecem as frases: "o problema não é exclusivo nos Estados Unidos. No Brasil acontece o mesmo quando uma matéria critica seu time", expondo ofensas de baixo calão feitas às jornalistas no twitter e expondo a realidade do país.

No entanto, o machismo não é exclusividade de torcedores. Jornalistas relatam sofrer com isso diariamente, no próprio ambiente de trabalho. A revista Trivela<sup>23</sup> explorou, em 2011, estes casos, um deles envolve a jornalista Joana de Assis, que trabalha no canal fechado SporTv. O relato dela aponta que colegas de profissão desconfiavam que, quando mulheres conseguiam furos não era por profissionalismo era por terem casos com jogadores de futebol. A história vai ao encontro da exposta pela repórter Renata de Medeiros, em entrevista feita para elaboração deste estudo:

(...) um colega me entregar o telefone e dizer 'liga pro fulano porque mulher ele atende', bom será que ele não me atende porque tem o número salvo no celular dele de tanto eu ligar pra ele, verificando e checando informações? Será que ele não me atende porque confia no meu trabalho? Será que ele não me atende porque eu sou uma boa repórter? Então, há pequenas situações de machismo que a gente enfrenta diariamente nas redações que vem sutis, então a gente acaba não dando a importância devida para elas (MEDEIROS, 2019).

Então, mesmo com todo engajamento e luta para que as mulheres tenham espaço, reconhecimento e respeito, o machismo ainda é peça presente na sociedade. Das 11 repórteres entrevistadas para esta pesquisa, nove reconhecem já terem sofrido com machismo, muitas, inclusive, no ambiente de trabalho. Conforme Coelho (2004), este é um problema antigo nas redações.

Nos velhos tempos, o veterano repórter Oldemário Touguinhó, do Jornal do Brasil, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar seus relatos. (COELHO, 2004, p. 35)

Mesmo com as dificuldades enfrentadas para seguir carreira no jornalismo esportivo, as mulheres continuam lutando. Por vezes, amparadas pela legislação, visto que em novembro de 2019<sup>24</sup>, o senado aprovou o projeto de lei nº 549/19, que

---

<sup>23</sup> A reportagem explora casos envolvendo machismo nacionais e internacionais com relatos de jornalistas. A matéria está disponível em: <https://trivela.com.br/mulheres-ainda-enfrentam-machismo-velado-no-futebol/>. Acesso em 18 abril 2020.

<sup>24</sup> Projeto de Lei disponível no site do Senado, por meio do link: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/135114>. Acesso em 13. nov. 2019

assegura maior segurança ao sexo feminino em eventos esportivos. A explicação da ementa aborda:

Assegura às torcedoras proteção contra qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause risco de morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico ou dano moral ou patrimonial; proíbe cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas de caráter misógino; proíbe cânticos discriminatórios misóginos.

Medidas como essa são expressamente necessárias em casos de machismo. Como foi o caso da jornalista Renata de Medeiros que, em março de 2018, sofreu<sup>25</sup> veementemente com tal preconceito e teve que recorrer à justiça.

Ela transformou a minha vida, porque foi a agressão mais marcante. A partir dela, eu percebi que nos sete anos que a antecederam, eu ignorei diversos tipos de violência que eu sofria e ignorava por considerar que pertencia ao pacote futebol. E as pessoas reforçam esse pensamento dizendo 'ah, não dá bola, é do futebol, o futebol é assim'. E não, a gente tem que começar a se incomodar. (MEDEIROS, 2019)<sup>26</sup>

No entanto, este caso não é uma exceção. Em 2017, o Ibope realizou uma pesquisa<sup>27</sup> para descobrir qual o preconceito mais usual. O diagnóstico apontou que 99% dos brasileiros já proferiram frases machistas. Além disso, entre as quatro expressões mais ouvidas pelos entrevistados, duas referiam-se às mulheres: “mulher tem que se dar ao respeito” e “mulher no volante, perigo constante”.

Mesmo não sendo o estado que desponta na liderança quando o assunto é machismo, no Rio Grande do Sul também há outros casos, além do citado anteriormente, sobre tal preconceito. A jornalista Tamires Hanke também já foi vítima disso quando expressou uma opinião que não era do agrado do ouvinte.

---

<sup>25</sup> Na ocasião, a repórter da Rádio Gaúcha ouviu palavras de baixo calão de um torcedor do Internacional, no clássico Gre-Nal. À época, Renata registrou o ato em vídeo e divulgou em suas redes sociais. O vídeo segue disponível no link:

<https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/972931191367225344>. Acesso em 13. nov. 2019

<sup>26</sup> Informação concedida por meio de entrevista por redes sociais, em outubro de 2019.

<sup>27</sup> A pesquisa foi realizada pelo Ibope a pedido da marca de cervejas Skol, que tinha interesse de expor o pensamento dos brasileiros e propor uma discussão sobre o tema. O Ibope ouviu 2.002 pessoas, durante cinco dias, em todo o país e detectou que expressões de cunho machista são proferidas com mais frequência nas regiões norte e centro-oeste do país, com 67%. A pesquisa segue disponível no link:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/10/11/machismo-esta-presente-no-cotidiano-d-e-99-dos-brasileiros-diz-pesquisa.htm>. Acesso em 13. nov. 2019

O fato ocorreu quando eu emiti uma opinião no ar, relacionada a música. Um ouvinte de ligou e me chamou de vagabunda pra cima. Lamentável. Inclusive, registrei boletim de ocorrência. Na oportunidade outros colegas, homens, concordaram comigo, porém eu fui a atingida e, com toda certeza, por ser mulher. (HANKE, 2019)<sup>28</sup>

Por fim, “a imprensa feminina talvez seja a mais eclética de todas; praticamente qualquer assunto pode ser seu objeto” (BUITONI, 1986, p. 67). E, isso, deve ser utilizado em prol das mulheres, que compreendem, diariamente, a sua importância não só para a construção do jornalismo, como também para a sociedade como totalidade, “a imprensa feminina é uma prática que estimula a complementaridade” (BUITONI, 1986, p. 68).

#### **4.3 A MULHER NO ESPORTE**

Assim como as jornalistas esportivas, que, por vezes, são questionados por seus saberes por serem do sexo feminino, em vários esportes, representantes mulheres também precisam lutar contra o machismo para se destacar. No futebol, por exemplo, a Seleção Americana, a mais premiada entre as femininas, com quatro títulos mundiais, ganha menos reconhecimento que a masculina<sup>29</sup>, que nunca sequer chegou a uma decisão de Copa do Mundo<sup>30</sup>.

Descontentes com a desigualdade, representantes da Seleção Americana processaram a Federação de Futebol dos Estados Unidos por discriminação de gênero. À época, o jornal O Globo abordou a situação, explicando o que relatavam as atletas. Os problemas, conforme as jogadoras, eram maiores do que apenas financeiros, “Os problemas, dizem as atletas, afetaram não apenas seus ganhos,

---

<sup>28</sup> Informação concedida por meio de entrevista, realizada via rede social, em setembro de 2019.

<sup>29</sup> Conforme a Revista Trivela, a Seleção Feminina recebeu cerca de US\$ 75 mil de bônus por chegar às Oitavas de Final da Copa de 2015, a Masculina, ao chegar no mesmo nível em 2014, recebeu US\$ 407 mil. Disponível em: <https://trivela.com.br/por-que-selecao-feminina-dos-eua-recebe-menos-que-masculina-se-gera-mais-d-inheiro/>. Acesso em 15 fev. de 2020

<sup>30</sup> Depois da Copa do Mundo de 2018, realizada no Brasil, o GloboEsporte realizou um levantamento com todas as Seleções campeãs e vice-campeãs do Mundial. Os dados estão disponíveis em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/franca-bate-a-croacia-e-e-bicampea-vej-a-lista-de-titulos-da-copa-do-mundo.ghtml>. Acesso em 15 fev. de 2020.

mas também as condições de treino, os tratamentos médicos e a orientação que recebiam”<sup>31</sup>.

A fim de explicar o desprestígio que as jogadoras americanas recebem, mesmo com tantas premiações, a Revista Trivela publicou um artigo, com possíveis motivos para tal. Além de citar as premiações recebidas por cada elenco, com uma diferença financeira superior a 542%, e os títulos de cada gênero, a edição não consegue justificar o problema.

Com todos os números apresentados pelas jogadoras, providos pela própria Federação, e com o sucesso dentro de campo da equipe ao longo das últimas décadas, é difícil não falar em discriminação no pagamento. A pressão coletiva, a divulgação desses números e a repercussão em cima dessa batalha podem ser justamente os elementos que faltavam para, enfim, algo ser feito. (ESCUDEIRO, 2016)

Em contrapartida, a Federação Australiana destacou-se por tomar uma atitude contrária à Americana e anunciar que daria remunerações iguais a representantes da Seleção Feminina e Masculino. À época, a igualdade foi dada como motivo central para tal, de acordo com o presidente da entidade, Chris Nikou<sup>32</sup>.

No Brasil, essa diferenciação salarial também ocorre e não afeta apenas atletas e jornalistas. Conforme o IBGE, em 2018 as mulheres recebiam uma remuneração financeira correspondente a 79,5%<sup>33</sup> do salário dos homens. Sendo assim, a discriminação por gênero encontra-se presente em praticamente todas as sociedades, independentemente dos traços culturais e religiosos e dos sistemas políticos econômicos (ARAÚJO; RIBEIRO, 2001, p. 2).

Ainda sobre o tema, a jornalista Fabíola Andrade, do Sportv, falou sobre a representatividade no programa Redação Sportv, no dia 30 de agosto de 2019. Na ocasião, a repórter citou a importância de “a mulher tem que dominar o espaço que

---

<sup>31</sup> O fato ocorreu em março de 2019. A reportagem completa ainda está disponível no site do O Globo, por meio do link: <https://oglobo.globo.com/celina/selecao-feminina-dos-eua-processa-federacao-de-futebol-por-discriminar-generos-23508551>. Acesso em 15 fev. 2020

<sup>32</sup> O anúncio foi feito em novembro de 2019. O site GloboEsporte relatou a situação: [https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/federacao-australiana-anuncia-que-dara-pagamentos-iguais-para-selecoes-masculina-e-feminina.ghtml?utm\\_source=Facebook&utm\\_medium=Social&utm\\_content=Esporte&utm\\_campaign=globoesportecom](https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/federacao-australiana-anuncia-que-dara-pagamentos-iguais-para-selecoes-masculina-e-feminina.ghtml?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_content=Esporte&utm_campaign=globoesportecom). Acesso em 15 de fev. de 2020.

<sup>33</sup> Os dados foram divulgados no dia 8 de março de 2019, e são referentes ao ano anterior, de 2018. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/03/08/ibge-salario-medio-das-mulheres-corresponde-a-795-ao-dos-homens.ghtml>. Acesso em 22 de março de 2020.

é dela, o futebol não é feminino? Atletas não são femininas? Então, coloca uma mulher para comandar”<sup>34</sup>.

Nos times que disputam o Campeonato Brasileiro de futebol, a representatividade à beira dos gramados também é quase nula. De acordo com a repórter Renata Mendonça, uma das responsáveis pelo portal Dibradoras, apenas duas técnicas estão à frente de equipes femininas no Brasileirão<sup>35</sup>.

Apenas a Ferroviária, do interior de São Paulo, e o Grêmio, de Porto Alegre, eram comandados por técnicas no início da competição nacional de 2020. Tatiele Silveira e Patrícia Gusmão, comandavam, respectivamente, as equipes.

(...) não é preciso ser mulher para fazer uma boa gestão de um time de futebol feminino – seja na beira do campo ou nos bastidores. Mas é importante incluir mulheres num departamento que vai majoritariamente administrar mulheres. Especialmente porque há muitas ex-jogadoras e gestoras que buscaram qualificação e são competentes para ocupar esses espaços. (MENDONÇA, 2020)

Então, “apesar das tentativas de exclusão, das restrições e dos obstáculos enfrentados por elas ao longo dos últimos anos, o futebol feminino pode mostrar-se como um espaço de autonomia e liberdade, propiciando o empoderamento das mulheres” (PISANI, 2014, p.4). Ou seja, mesmo que as mulheres estejam em constante luta por espaço dentro de todas as áreas, especialmente a esportiva, muito já foi conquistado e muito ainda será.

---

<sup>34</sup> Vídeo disponível na página do Sportv no Facebook, por meio do link: <https://www.facebook.com/watch/?v=714433808998823>. Acesso em 15. fev. 2020.

<sup>35</sup> Os dados referem-se ao início do Campeonato Brasileiro de 2020, quando apenas Ferroviária e Grêmio eram comandados por técnicas mulheres. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/02/05/so-2-mulheres-comandam-times-do-brasileiro-ge-stao-tambem-e-masculina/> Acesso em 22 de março de 2020.

## **5. METODOLOGIA**

Trata-se do detalhamento dos passos que serão seguidos na pesquisa, por meio das técnicas propícias para tal. “A metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa” (KAUARK e col, 2010, p. 53). Sendo assim, por meio dela, há a descrição de todos os recursos utilizados para desenvolver o estudo.

Neste trabalho, a pesquisa qualitativa, realizada por meio de questionários aplicados à jornalistas do Rio Grande do Sul, e um levantamento com a presença feminina em todas as rádios do Estado, afiliadas à Agert, foram os métodos escolhidos.

Inicialmente, uma tabela com as informações básicas de todas as rádios afiliadas a Agert foi elaborada. Por meio dela, o contato inicial com as emissoras foi realizado e, assim, o levantamento que representa a presença feminina nas mesmas foi possível.

Através deste, também foi viável identificar quem eram essas mulheres e entrar em contato com elas, para questioná-las sobre a importância da representatividade no jornalismo esportivo e quais os motivos, de acordo com a opinião das mesmas, para ainda não haver uma igualdade numérica, no Rio Grande do Sul. Ainda com essa temática, narradores do Estado foram ouvidos para expressar suas opiniões sobre o tema e explicarem quais as atribuições de um profissional de sucesso à frente das jornadas esportivas, como narrador.

### **5.1 MÉTODO**

O método é a forma utilizada para ter êxito na pesquisa, possibilitando as respostas para os questionamentos levantados na escolha do tema. Neste trabalho, o método escolhido para desenvolver a pesquisa foi o dedutivo.

No método dedutivo, a racionalização ou a combinação de ideias em sentido interpretativo têm mais valor que a experimentação caso a caso, ou seja, utiliza-se a dedução, raciocínio que caminha do geral para o particular. (KAUARK e col, 2010, p. 67)

Este método deve-se ao tipo de pesquisa escolhida para desenvolver o trabalho. Neste caso, a pesquisa qualitativa foi utilizada. Ela é composta por opiniões distintas sobre o mesmo tema. Sendo assim, as ideias similares ou completamente dessemelhantes dos jornalistas esportivas, que exercem suas profissões no Rio Grande do Sul, serão agrupadas e minuciosamente analisadas.

## **5.2 PESQUISA QUALITATIVA**

A pesquisa qualitativa foi a forma de estudo escolhida para desenvolver este projeto. Ela “(...) evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa soft” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 23).

Este tipo de pesquisa foca-se no levantamento de dados, por meio de questionários realizados através de entrevistas em profundidade. Para tal, é necessário, primeiramente, definir o tema e as fontes que sejam capazes de colaborar para o estudo, para, em seguida, realizar a pesquisa.

Sendo assim, primeiro foi identificado o público que apresenta vivência em jornadas esportivas. Ou seja, narradores e repórteres que desempenham funções em rádios do Rio Grande do Sul. Estes foram escolhidos com o intuito de compreender a ausência de mulheres nessa área.

O contato com eles foi realizado e, entrevistas, nas formas presencial e online, foram aplicadas. “Para que a entrevista se efetive com sucesso é necessário ter um plano para a entrevista, de forma que as informações necessárias não deixem de ser colhidas” (KAUARK e col, 2010, p. 64).

A partir disso, os questionamentos foram elaborados, a fim de contemplar as áreas de atuação dos entrevistados (onde já trabalharam, já pensaram em ingressar na narração), preconceitos sofridos durante a jornada de trabalho (machismo, indireto ou direto) e atributos necessárias para estar à frente de uma jornada esportiva.

Por meio disso, foi possível identificar quais os principais fatores que impedem a igualdade de representantes de ambos os sexos nas jornadas esportivas do Estado, e os motivos que afastam as mulheres das narrações, sejam eles impostos pela sociedade ou não.

### **5.3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

A pesquisa bibliográfica é o primeiro passo para o planejamento dos trabalhos de pesquisa. Ela “é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 33).

Por meio da pesquisa bibliográfica, é possível desenvolver o referencial teórico para elaborar o estudo.

É um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e perceber a respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2014, p. 51)

Conforme Lakato e Marconi (2019), a pesquisa bibliográfica é formada por oito etapas, responsáveis por estruturar o resultado final. Iniciando pela escolha do tema que o acadêmico deve evitar temas recentemente pesquisados, pois a repetição “torna difícil uma nova abordagem” (LAKATO; MARCONI, 2019, p. 33).

O processo passa ainda por elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação e, por fim, redação. A última etapa refere-se ao tipo de pesquisa que está sendo realizada, que “varia de acordo com o tipo de trabalho científico que se deseja apresentar” (LAKATO; MARCONI, 2019, p. 33). Neste caso, trata-se de uma monografia.

A fim de elaborar este trabalho, foram escolhidos referenciais que tratam de jornalismo e jornalismo esportivo, rádio, abordando a representatividade feminina nestes meios.

### **5.4 ANÁLISE DE ENTREVISTAS**

A análise, nesta pesquisa, será realizada nas entrevistas aplicadas à jornalistas do Rio Grande do Sul que tenham algum embasamento para falar sobre a representatividade feminina no jornalismo esportivo, especificamente, no meio de comunicação rádio. De acordo com Bardin (2006), a análise de conteúdo divide-se em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação.

A pré-análise consiste na organização. São as ideias iniciais, que ajudarão a construir as fases subsequentes.

Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. (BARDIN, 2006, p. 89)

Esta fase tem três objetivos, “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2006, p. 89).

Sendo assim, entende-se que, primeiramente, o pesquisador precisa definir se os conteúdos escolhidos para analisar necessitam de pesquisa qualitativa ou quantitativa, por meio dos objetivos estipulados e das hipóteses levantadas. Neste caso, a pesquisa qualitativa foi escolhida, pois os entrevistados precisam ter conhecimento de causa, ou seja, saber mais sobre o jornalismo esportivo e a rádio do que leigos. Portanto, o público-alvo são narradores e repórteres que atuam nas jornadas esportivas do Rio Grande do Sul.

Partindo deste pressuposto, podemos seguir em direção à segunda fase, chamada de exploração do material. Ela “(...) consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2006, p. 95).

Com isso, entende-se que o pesquisador precisa focar-se nas técnicas e nos materiais coletados, a fim de chegar a próxima fase. Por fim, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, que trata-se da última etapa. Por meio dela, o pesquisador “(...) pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2006, p. 95).

Por meio desta, entende-se que os resultados obtidos, através das entrevistas, respondem às questões iniciais, fundamentando ou não às hipóteses e objetivos. Sendo assim, o discurso dos entrevistados corrobora para o embasamento teórico da pesquisa. “Todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina a análise e o dispositivo teórico da interpretação que construímos” (ORLANDI, 2000, p. 64).

Seguindo o pensamento de Orlandi (2000), entende-se que, neste caso, as respostas dos entrevistados são baseadas nas vivências dos mesmos. Sendo assim, as codificamos conforme as nossas interpretações, que também construímos com o passar dos anos. Isso é possível através de um processo conhecido na comunicação social, “o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade — o referente” (ORLANDI, 2000, p. 21).

Por fim, através deste processo, é possível realizar a análise de conteúdo das entrevistas, buscando embasamento para sustentar os pensamentos iniciais, elaborados na construção estrutural da pesquisa.

## 6. ANÁLISE

Nessa análise utilizaremos as 11 entrevistas feitas com repórteres do Rio Grande do Sul e as três realizadas com narradores do Estado. Além disso, também será aproveitado o levantamento com todas as rádios afiliadas à Agert no Rio Grande do Sul, apontando quais contam com jornadas esportivas na grade de programação e, para isso, utilizam a mão-de-obra feminina. Por fim, o referencial bibliográfico também será aplicado.

As entrevistas completas e todos os dados do levantamento estão no anexos A e B. Na análise, citaremos os trechos e dados relacionados diretamente às questões da pesquisa.

No Rio Grande do Sul, das 253 afiliadas à Agert no segundo semestre de 2019, 155 não contavam com jornadas esportivas na sua grade de programação, 12 trabalham com coberturas de jogos esporadicamente e 98 têm jornadas esportivas regularmente. Destas, apenas 19 contam com mulheres na equipe de esportes. (ver Quadro 4)

Quadro 4 - Rádios afiliadas à AGERT com mulheres na equipe esportiva

<b>município</b>	<b>rádio</b>	(continua) <b>funções das mulheres</b>
Alpestre	Rádio Ponto Norte FM	uma plantonista
Carazinho	Rádio Diário AM	uma repórter
Carlos Barbosa	Rádio Estação FM	uma plantonista
Chapada	Rádio Simpatia AM/FM	uma plantonista
Ijuí	Rádio Mundial FM	uma repórter
	Rádio Progresso de Ijuí AM	uma repórter
Pelotas	Rádio Universidade AM	uma repórter

Porto Alegre	Rádio Bandeirantes AM/FM	uma repórter
	Rádio Guaíba AM	uma repórter e uma produtora
	Rádio Grenal AM	uma narradora, uma repórter, uma comentarista, uma plantonista e uma produtora
	Rádio Gaúcha FM	uma repórter e duas produtoras
Ronda Alta	Rádio Máxima FM	uma repórter
Santa Cruz do Sul	Rádio Santa Cruz AM	uma repórter
Santa Maria	Rádio Imembuí FM	uma repórter
	Rádio Medianeira FM	uma repórter
Serafina Corrêa	Rádio Odisséia FM	uma repórter
Soledade	Rádio Tua Rádio Cristal FM	uma plantonista
Teutônia	Rádio Popular FM	uma repórter e uma plantonista
Veranópolis	Rádio Comunidade	uma repórter

Fonte: Pesquisa realizada no segundo semestre de 2019. Disponível nos anexos.

Para tentar compreender estes números, todos os entrevistados foram questionados acerca da falta de representatividade. Varaschini<sup>36</sup> (2019) acredita que

<sup>36</sup> Angélica Varaschini é repórter esportiva na Rádio Imembuí, de Santa Maria. Ela exerce a função de jornalista desde 2014, quando formou-se. No ano seguinte, 2015, ingressou na área esportiva e exerce a função até o momento. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 24 de setembro de 2019 (ver Anexo B).

ainda hajam poucas mulheres na área. Para ela, “são vários fatores que limitam a participação das mulheres: o próprio preconceito que ainda existe; o incentivo acadêmico para essa área no mercado de trabalho; e a própria oportunidade nas empresas” (VARASCHINI, 2019). Isso é, a falta de encorajamento das pessoas próximas da mulher interessada em ingressar nesta área do jornalismo, sejam familiares, amigos ou professores; ou, até mesmo, a falta de confiança por parte de alguns veículos, que podem questionar a capacidade de contratada.

No entanto, esse não é um problema recente. Conforme Coelho (2004), o descrédito ao trabalho feminino, no meio esportivo, sempre foi recorrente.

Pode-se dizer que as redações de esporte do país têm 10% de mulheres. Isso já provocou mais preconceito no passado do que hoje em dia. Nos velhos tempos, o veterano repórter Oldemário Touguinhó, do Jornal do Brasil, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar seus relatos (COELHO, 2004, p. 35).

A opinião de Asmann<sup>37</sup> corrobora com a de Varaschini. Além disso, acena para aspectos até de aceitação do público. Ela compreende que, muitas meninas desejam ingressar na área. No entanto, faltam oportunidades.

Parece que tem que provar a toda hora que sabe do assunto e que quer. Não é fácil. Quando a mulher percebe isso, acaba desistindo. Conheço muitas em que isso aconteceu. Resumindo, é preciso provar a todo momento que tu sabe e que não é só um "rostinho bonito" (ASMANN, 2019).

Coelho (2004) destaca que em algumas editorias do país há preconceito entre os gêneros. Segundo ele, os níveis salariais também deveriam ser os mesmos, no entanto, não é o que ocorre na prática. O que é ainda mais notável nas editorias esportivas espalhadas pelo Brasil.

Aguiar<sup>38</sup> (2019) crê que as jornalistas ainda estão conquistando espaço na área esportiva. No entanto, destaca a luta contra os preconceitos ainda muito significativa nesta busca por representatividade.

---

<sup>37</sup> Bárbara Asmann é repórter esportiva e responsável pelo site da Rádio Gre-Nal, de Porto Alegre. Ela trabalha com jornalismo, em rádio, desde 2018. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 24 de setembro de 2019 (ver Anexo B).

<sup>38</sup> Ana Carolina Aguiar é repórter esportiva e debatedora na Rádio Gre-Nal, de Porto Alegre. Ela exerce jornalismo em rádio desde 2016. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 25 de setembro de 2019 (ver Anexo B).

Acredito que o mais complicado agora é conseguir desmistificar o estereótipo feminino quando esse é relacionado às profissionais que atuam no meio para que assim seja possível construir uma imagem mais genuína e livre para as jornalistas esportivas, sem a necessidade de fingir ser algo que não é apenas para satisfazer uma imagem machista.(AGUIAR, 2019).

Massolini<sup>39</sup> (2019) entende que “as mulheres estão se apresentando de forma amena para não criar impacto até porque sempre foi uma área masculina, acredito que aos poucos as mulheres vão tomando seu espaço como vem fazendo nas demais áreas”.

Nardelli e Sant’anna (2002) explicam as dificuldades enfrentadas pelo sexo feminino para alcançarem destaque em diversas áreas. Entre elas, o jornalismo. Uma dessas explicações, vai ao encontro do que foi levantado pela repórter Miriam Massolini.

Durante um certo período, as mulheres partiram para uma afirmação da nossa condição copiando claramente a forma masculina da disputa, às vezes tendo que falar alto e desqualificar o interlocutor, numa verdadeira competição. Hoje há uma necessidade muito grande de afirmar a competência feminina com a nossa própria forma de ser, existir, pensar e reagir diante dos acontecimentos. Porque se nós nos masculinizarmos para alcançar o respeito, a nossa contribuição não aparece (NARDELLI; SANT’ANNA; 2002, p. 21).

Hanke<sup>40</sup> (2019) assimila esse posicionamento e compreende que, para as mulheres alcançarem lugar de destaque, especialmente no jornalismo esportivo, precisam empoderar-se.

A mulher precisa, cada vez mais, se empoderar e tomar consciência de suas competências, potenciais e habilidades, pois por muitas vezes não são reconhecidos por nós mesmas. Da mesma forma, buscar excluir de nós esse preconceito social, que, queiramos ou não, está impregnado na sociedade e nos atinge. Outro fator determinante para o baixo percentual de mulher no esporte é o medo do preconceito e do assédio. Por isso, cada vez mais precisamos enfrentar as dificuldades e seguir em frente (HANKE, 2019).

---

<sup>39</sup> Miriam Massolini é repórter de torcida na Rádio Odisséia, de Serafina Corrêa. Ela trabalha com jornalismo, em rádio, há mais de 26 anos. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 18 de setembro de 2019 (ver Anexo B).

<sup>40</sup> Tamires Hanke é repórter esportiva na Rádio Progresso, de Ijuí. Ela trabalha desde 2018 em rádio. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 22 de setembro de 2019 (ver Anexo B).

À frente das jornadas esportivos, os narradores entrevistados têm posicionamentos parecidos com os diagnosticados pelas repórteres. Júnior (2019)<sup>41</sup> relatou já ter trabalhado com mulheres durante os 18 anos que exerce o papel de narrador. Ele cita a jornalista Mariana Oselame. Ambos compuseram a mesma equipe na Rádio Guaíba, de Porto Alegre. Para ele, o baixo número de mulheres no jornalismo esportivo

(...) é falta de referências. Hoje em dia isso até tá melhorando, porque tu vai ligar a televisão, por exemplo, e vai ver boas repórteres, pessoas com conteúdo, de fato. A partir do momento que a gente vai criando as referências, vamos encontrar novas jornalistas. (JÚNIOR, 2019)

Neste comparativo entre os dois veículos: televisão e rádio, Steffens<sup>42</sup> (2019) também crê que hajam mais mulheres atuando na televisão. No entanto, quando tratamos das emissoras de rádio, a representatividade, para ela, é baixíssima.

O rádio AM tradicionalmente sempre foi espaço mais masculino, assim como o futebol e claro, a narração. Assim como historicamente as mulheres precisam conquistar espaço na sociedade, em todos os setores, no jornalismo esportivo não é diferente. Ainda precisa-se caminhar muito neste sentido. Todos os dias a mulher precisa provar que é capaz, que dá conta, que faz tão bem ou até melhor que os homens. (STEFFENS, 2019)

O incentivo para gostar do esporte, praticá-lo e assisti-lo, como ocorre com os meninos, é menos comum no sexo feminino. Tavares<sup>43</sup> (2019) entende que “a maioria das mulheres não é estimulada a gostar de esporte como os meninos, desde pequenos. Tudo em função do que a sociedade impõe e ensina. Culturalmente o esporte é um mundo masculino”. Júnior (2019) recorda-se de um fato que ocorreu com sua filha de três anos,

---

<sup>41</sup> Gilberto Júnior é narrador na Rádio Caxias, de Caxias do Sul. Ele trabalha em rádio há 18 anos. As informações foram obtidas por meio de entrevista, presencial, realizada no dia 16 de outubro de 2019. A decupagem foi feita no dia 20 de outubro de 2019 (ver anexo B).

<sup>42</sup> Mara Steffens é repórter esportiva na Rádio Diário, de Carazinho. Ela trabalha em rádio há 10 anos. No entanto, no Grupo Diário da Manhã, ela é jornalista há 13. E, com isso, também já foi repórter do impresso. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 20 de outubro de 2019 (ver Anexo B).

<sup>43</sup> Rafaela Tavares era repórter esportiva da Rádio Tupanci, de Pelotas. Ela trabalhou na emissora até dezembro de 2018. Com o desligamento, a jornalista começou a fazer em programas esportivos na Rádio Universidade, também em Pelotas. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 18 de setembro de 2019 (ver Anexo B).

Esses dias, eu comprei uma camisa pra minha filha, uma camisa de um time de futebol. A irmã dela tem de um time, eu disse "vou dar do outro também", e a minha filha de três anos disse: "pai, eu não sou menino". Sei lá da onde que ela tira isso. E é em casa que vai mudar essa cultura. Na rua é bom pra dar corpo. Mas é em casa que, de fato, as ideias e os pensamentos vão mudando. (JÚNIOR, 2019)

Costa<sup>44</sup> (2019) trabalhou apenas com duas mulheres ao longo de sua carreira. Ele compreende que a falta de representatividade persiste há décadas e é um problema que precisa ser corrigido. "As mulheres, de modo geral, não são reconhecidas no meio esportivo. Na mídia, encontram dificuldade para serem protagonistas".

Dentre os entrevistados, todos crêem que haja uma representatividade feminina bem menor do que a recomendada. Para explicar essa ausência, diversos fatores foram e serão levantados. Entre eles, a falta de mulheres em posições de liderança. "A equidade de gêneros, como componente essencial dos direitos humanos, é uma das chaves do desenvolvimento. No entanto, na grande imprensa de muitos países do mundo, há poucas mulheres em posições de decisão e comando." (NARDELLI; SANT'ANNA; 2002, p. 7)

Medeiros<sup>45</sup> (2019) foi a primeira repórter de campo da Rádio Gaúcha<sup>46</sup>. Nas redes sociais e em seus momentos de fala na emissora sempre levantou a bandeira do feminismo e da igualdade de gênero. Quando questionada a respeito da falta de mulheres no jornalismo esportivo, ela defende que um dos principais motivos seja a ausência de chefes do sexo feminino. Como já visto no capítulo 3, ela entende que, se houver um número maior de mulheres no comando, há mais chance de jornalistas do sexo feminino conseguirem ingressar nas redações esportivas.

---

<sup>44</sup> Eduardo Costa é narrador, apresentador na Rádio Gaúcha Serra, de Caxias do Sul, e repórter no Jornal Pioneiro, de mesma cidade. Ele trabalha em rádio há mais de 10 anos. E, neste período, passou por cinco veículos de comunicação. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita por e-mail, no dia 10 de novembro de 2019 (ver Anexo B).

<sup>45</sup> Renata de Medeiros é repórter esportiva na Rádio Gaúcha e no site GaúchaZH. Ela ingressou no jornalismo há nove anos, como produtora de esportes da Rádio Guaíba, em 2011. Na sequência, migrou para a Rádio Gaúcha, onde iniciou fazendo coberturas para a editoria de Geral. Depois, mudou para a editoria de Copa do Mundo, em Zero Hora, no ano de 2013. Quando se formou, em 2014, voltou para a Rádio Gaúcha, onde voltou para a editoria esportiva e onde está atualmente. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 1 de outubro de 2019 (ver Anexo B).

<sup>46</sup> Depois de 92 anos, a emissora estreou uma jornada esportiva com uma mulher atrás da goleira no dia 31 de agosto de 2019, na partida entre Internacional e Botafogo, no Beira-Rio. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/radio-gaucha-tem-primeira-reporter-de-campo-em-sua-historia/>. Acesso em 09 de maio de 2020.

Segundo Nardelli e Sant'anna (2002), há mulheres em posições de chefia no mercado de trabalho. No entanto, o índice ainda é muito inferior se comparado ao número de representantes do sexo feminino empregadas, o que complementa a opinião da repórter Renata de Medeiros. Ainda, “apenas cerca de 5% dos cargos de chefia são ocupados por mulheres e a desigualdade salarial entre sexos persiste em torno de 30%” (MARTINS, 2014, p. 2).

Há mulheres no mercado de trabalho, no entanto, conforme Nardelli e Sant'anna (2002), a população não é crítica o suficiente para perceber que elas também devam estar nas chefias e presidências de empresas. E, a que consegue, “é uma mulher que precisou provar que era melhor do que os homens” (NARDELLI; SANT'ANNA; 2002, p. 37).

Magno<sup>47</sup> (2019) trabalha, atualmente, com mulheres na equipe de esportes, são três representantes do sexo feminino: Camila Diesel e Laura Gross, que auxiliam como repórteres de torcida, e a produtora Mari Castilhos. Assim como Medeiros (2019), ele também entende que haja poucas interessadas na área, por vários motivos, entre eles: o machismo.

São poucas as que procuram esse caminho. Muitas preferem outros tipos de mídias que o rádio. Outras tem medo do machismo ainda muito forte nas redações, dos assédios nas empresas, nos estádios e todo tipo de questões que não deveriam existir. Eu penso que quanto mais a sociedade for educada quanto à igualdade de gênero em tudo, vamos ter sim mais mulheres buscando esse trabalho. Da mesma forma que um homem, sendo bem preparada, tendo conhecimento da área, a mulher pode e deve fazer parte do meio. (MAGNO, 2019)

O machismo é o termo utilizado para enaltecer o sexo masculino, considerando-os superiores às mulheres. O que não é o contrário de feminismo.

(...) um conjunto de crenças, atitudes e condutas que se repousam na compreensão da polarização dos sexos, da contraposição do feminino e masculino não apenas como diferentes, mas como mutuamente excludentes, onde o masculino é representado como superior. (CASTAÑEDA, 2006, p. 16)

O feminismo, por sua vez, “questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder

---

<sup>47</sup> Luís Magno é narrador na Rádio Guaíba, de Porto Alegre. Ele trabalha em rádio há mais de 20 anos. Neste período, passou por seis rádios. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita por e-mail, no dia 2 de novembro de 2019 (ver Anexo B).

patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade”. (TELES, 1993, p. 10)

Por fim, assim como foi levantado por Magno (2019), o machismo é um fator que assombra boa parte das repórteres. Das 11 entrevistadas, oito relatam já ter passado por tal discriminação de forma explícita ou velada. (ver Quadro 5)

Quadro 5 - Entrevistadas que já sofreram com machismo

	(continua)
<b>Ana Aguiar</b>	sim
<b>Angélica Varaschini</b>	já sofri, principalmente no início da profissão, preconceito até dos próprios colegas
<b>Bárbara Asmann</b>	felizmente de forma direta não, mas de forma indireta sim. Digo aquela que parece mais uma brincadeira. Isso é bem comum.
<b>Bernardete Wons</b>	não passei por isso até o momento nesta profissão, sempre fui muito bem acolhida e tive a colaboração dos colegas.
<b>Mara Steffens</b>	nunca houve uma manifestação direta para mim, mas em alguns locais, especialmente no início, percebi olhares desconfiados, mas jamais alguém me disse alguma coisa machista
<b>Miriam Massolini</b>	sim
<b>Rafaela Tavares</b>	nunca estive em uma situação explícita de machismo. Já tiveram casos de

	(continua) “assédio velado”, com entrevistados me chamando linda, amor, anjo etc. Também já senti alguns olhares desconfiados sobre o que eu tava falando, como se tivesse que provar que sabia o que estava falando, ou achando que estava falando besteira.
<b>Renata de Medeiros</b>	sim. Essa situação que tu citou, foi uma situação bem forte, no ano passado, dia 11 de março, no primeiro Gre-Nal do Gauchão. Ela transformou a minha vida.
<b>Simone Ferrazo</b>	até então nenhum, muito pelo contrário o público masculino é bem receptivo e apoiador, talvez por ser uma cidade pequena e todo mundo conhecer todo mundo, mas sempre fui bem recebida, tanto pela torcida como pelos jogadores, equipe técnica, direção e colegas.
<b>Tamires Hanke</b>	infelizmente já fui vítima de machismo. Mas o fato ocorreu quando eu emiti uma opinião no ar, relacionada a música. (...) Mas especificamente nas coberturas esportivas nunca sofri com machismo.
<b>Valéria Possamai</b>	não

Fonte: Pesquisa realizada no segundo semestre de 2019. Disponível nos anexos.

A situação citada por Medeiros (2019) foi uma das que mais repercutiu nas mídias, na época que ocorreu. No dia 11 de março de 2018, no Gre-Nal disputada no Estádio Beira-Rio, um torcedor exaltado insultou-a e a agrediu com um soco. Parte da cena foi gravada e divulgada nas redes sociais, a fim de fazer com que tal discriminação fosse discutida<sup>48</sup>. A partir desse momento, a jornalista da Rádio Gaúcha começou a notar que o machismo estava impregnado nos locais e que, anteriormente, já tinha passado por isso diversas vezes.

Eu desenvolvi, a partir daquele momento, a consciência de perceber machismo nos pequenos detalhes do dia a dia, que é por exemplo, um colega me entregar o telefone e dizer 'liga pro fulano porque mulher ele atende', bom será que ele não me atende porque tem o número salvo no celular dele de tanto eu ligar pra ele, verificando e checando informações? Será que ele não me atende porque confia no meu trabalho? Será que ele não me atende porque eu sou uma boa repórter?. (MEDEIROS, 2019)

O machismo velado, citado por algumas entrevistadas, “está oculto, nem sempre é percebido por terceiros” (OLIVEIRA, 2014, p. 7). E, como levantado por Medeiros (2019), está presente nas pequenas ações do dia-a-dia, colocando em xeque o trabalho das profissionais femininas ou expressando comentários machistas nos espaços de fala, por exemplo, afirmando mulher não gosta ou entende de futebol.

Eu normalmente respondo. Eu revido, sempre. Então, quando eu ouço no ar "tu nem é tão bonita quanto tu imagina" eu respondo "tá, mas eu sou paga para dar informação, não para ser bonita" e continuo dando informação. Ou quando falam "hoje as tias vão ficar braba que vão tirar a novela para colocar jogo", eu abro o microfone e digo "não, as tias também gostam de futebol, não gostam só de novela." (MEDEIROS, 2019)

No entanto, para alcançar este entendimento, depois da violência sofrida no jogo entre Internacional e Botafogo, Medeiros precisou passar por tratamento psicológico e psiquiátrico para retomar a confiança e voltar a trabalhar.

(...) voltei a trabalhar uma semana depois. Mas eu tive crises de ansiedade, crises de pânico trabalhando, ao voltar pro mesmo ambiente onde eu fui agredida. Então, foi todo um processo bem complicado para mim, mas que eu superei principalmente em virtude da campanha #DeixaElaTrabalhar. (MEDEIROS, 2019)

---

<sup>48</sup> O vídeo de quatro segundos que expõe a agressão verbal sofrida por Renata de Medeiros ainda está disponível em seu perfil no twitter. Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/972931191367225344>. Acesso em 09 de maio de 2020.

O movimento #DeixaElaTrabalhar ocorreu em 2018 e prezava, essencialmente, pelo respeito com as profissionais e atletas esportivas. O intuito era mostrar aos torcedores, colegas de imprensa, atletas e técnicos que todos merecem o mesmo tratamento, independentemente do sexo. Ensinando-os. “(...) nós aprendemos muito com os homens e agora é preciso que os homens aprendam muito com as mulheres.” (NARDELLI; SANT’ANNA; 2002, p. 20).

A jornalista Ana Thaís Matos, do Sportv, também foi voz ativa na campanha. Ela fora a primeira mulher a comentar Copa do Mundo na televisão aberta, no Mundial Feminino de 2019, e também a primeira a comentar futebol masculino na TV Globo, no mesmo ano. No entanto, mesmo com todos os feitos que acumula, a jornalista é constantemente atacada nas redes sociais, e, com isso, lida com diversas falas machistas.

Em entrevista ao portal HypeNews<sup>49</sup>, ela falou sobre sua saúde mental e citou que, com os ataques virtuais e presenciais, desenvolveu crises de ansiedade, mesmo tentando ignorar o que ouvia ou lia, assim como que ocorreu com Renata. “Busquei tratamento antes de me mudar para Rio de Janeiro. Fiz ioga, terapia, busquei me respeitar mais, cuidar melhor de mim e isso me fortaleceu para chegar bem na cobertura de agora”. (MATOS, 2019).

Wons<sup>50</sup> (2019), por sua vez, não lembra de nenhuma situação de machismo diretamente ligada a ela. No entanto, no seu entendimento, a discriminação com as jornalistas ocorre “por causa do pensamento retrógrado de alguns que acham que mulher não entende de esporte, e não irá se destacar na área”. O que enquadra-se como machismo estrutural, que “se fortalece em nosso dia a dia através da cultura do patriarcado, sob formas que são atenuadas pela religião, pelas piadas, pela suposta descontração, justificada pela “natureza biológica” masculina, o combate torna se infinitamente mais difícil”. (OLIVEIRA, 2019).

Hanke (2019) ressalta que, se levarmos em consideração a antiguidade, e todo o preconceito que as mulheres sofreram para ganhar lugar de destaque em

---

<sup>49</sup> A entrevista foi realizada em junho de 2019, pelo jornalista Kauê Vieira. Disponível em: <https://www.hypenews.com.br/2019/06/nao-estou-ocupando-nicho-ana-thais-matos-fala-de-futebol-e-machismo-antes-de-estrela-na-tv/>. Acesso em 13 de maio de 2020.

<sup>50</sup> Bernardete Wons é plantonista esportiva na Rádio Estação, de Carlos Barbosa. Ela trabalha em rádio há 18 anos. Desses, 12 são na mesma emissora. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 26 de setembro de 2019 (ver Anexo B).

todas as áreas, especialmente no esporte, podemos considerar que a representatividade vem ganhando espaço. Costa (2019) também entende que, nos dias atuais, haja maior participação feminina no jornalismo esportivo. Porém, assim como Hanke (2019), ele crê que “ainda há muito trabalho a ser feito para que realmente haja uma igualdade em oportunidades. Isso passa por uma conscientização maior de todos e por uma educação das novas gerações” (COSTA, 2019).

Os posicionamentos são complementados por Nardelli e Sant’anna (2002), ao ressaltar que, na verdade, o que o sexo feminino deseja é respeito, “em comum, elas têm uma única realidade: a busca de um espaço no mercado de trabalho, igualdade de oportunidades, reconhecimento de competência, ou seja, o fim da discriminação de gênero” (NARDELLI; SANT’ANNA; 2002, p. 11).

Por outro lado, Ferrazo<sup>51</sup> (2019) entende que a falta de mulheres no meio esportivo se dê por falta de interesse ou por medo de ingressar nesse meio. No entanto, ela compreende que, em alguns casos, o acesso também é dificultado.

Umam sentem receio de estar em um meio tão masculino, outras por não gostarem ou acharem que é lugar só de homem, também por isso quis fazer futebol, para mostrar que mulher também entende e gosta, e que podemos fazer o que quisermos. Claro, que em algumas rádios o acesso feminino seja dificultado, pois ainda muitos acreditam que mulher não entende de futebol e que estádio não é nosso lugar, mas provamos o contrário quase que diariamente. Afinal lugar de mulher, é onde ela quiser! (FERRAZO, 2019).

Coelho (2004) defende que o número de mulheres nas redações esportivas seja similar ao de torcedores, de interessadas no esporte. Segundo ele, nas quadras, estádios, ginásios e afins, há mais homens. Então, é aceitável que isso se reflita nos veículos de comunicação também.

Os narradores Júnior (2019) e Costa (2019) apontam situações que possam inibir o interesse feminino em ingressar na área. Entre os aspectos apontados, a objetificação do corpo feminino. “A forma como as mulheres são expostas, por exemplo em programas esportivos, com o corpo é o que ganha mais atenção,

---

<sup>51</sup> Simone Ferrazo é repórter de torcida na Rádio Comunidade, 96,1 FM, de Veranópolis. Ela iniciou em rádio como recepcionista, no ano de 2006. Depois de quatro anos, conseguiu espaço e ganhou oportunidade para trabalhar como repórter de torcida nos jogos do Veranópolis, o que faz até os dias de hoje. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 25 de setembro de 2019 (ver Anexo B).

contribuindo para a sexualização e objetificação da mulher também nessa área” (COSTA, 2019).

Júnior (2019) complementa argumentando que, no início, as mulheres escolhidas para ingressar neste meio precisavam apenas ser bonitas o que, por vezes, colocava profissionais despreparadas nos meios de comunicação.

A estética, principalmente na televisão, é outra forma de segregação. Mulheres negras, gordas, ou mulheres tidas como feias, que não atendam ao standard anglo-caucasiano, não encontram tanta oportunidade de trabalho como repórteres em emissoras de TV quanto aquelas que atendem aos padrões de estética machistamente estabelecidos. (NARDELLI; SANT'ANNA; 2002, p. 13)

Além disso, várias profissionais ressaltam que, quando fazem algum comentário, mostrando que entendem do assunto, já notaram surpresa por parte de torcedores ou até de colegas de profissão. “(...) É sempre visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes” (COELHO, 2004, p. 35).

Na narração, também há certo espanto ao ver uma mulher nesta posição, tida como a central em uma jornada esportiva. Das 11 entrevistas, apenas duas disseram já ter tido alguma experiência na função: Angélica Varaschini, da Rádio Imembuí, de Santa Maria; e Valéria Possamai, da Rádio Gre-Nal, de Porto Alegre (ver Quadro 6).

Quadro 6 - Mulheres ingressando nas narrações

	(continua)
<b>Ana Aguiar</b>	Já treinei em casa, mas ainda não me sinto preparada para ocupar o cargo.
<b>Angélica Varaschini</b>	Tive a oportunidade de narrar dois jogos de futsal pela TV da Liga Santamariense aqui da cidade, dois jogos do campeonato municipal. Mas foi muito difícil, e não me sai muito bem.
<b>Bárbara Asmann</b>	Nunca pensei e não pretendo seguir este caminho.
<b>Bernardete Wons</b>	Nunca pensei.

<b>Mara Steffens</b>	Desde o início tenho vontade de me tornar narradora. Tenho me preparado para a função, mas ainda não surgiu a oportunidade.
<b>Miriam Massolini</b>	Seria uma grande aventura.
<b>Rafaela Tavares</b>	Sinceramente, não é uma área que me atrai muito.
<b>Renata de Medeiros</b>	Pior que nunca pensei.
<b>Simone Ferrazo</b>	Alguns colegas até já sugeriram para que eu me arriscasse também na área, ainda não me sinto preparada, mas quem sabe.
<b>Tamires Hanke</b>	Já pensei sim em ser narradora. Admiro demais quem é, mas vejo que não é algo pra mim. Com certeza não me adaptaria.
<b>Valéria Possamai</b>	A minha primeira experiência ocorreu em 2018. Na ocasião, eu narrei um jogo pela faculdade, quando transmitimos a Copa dos Refugiados. Também narrei o Gre-Nal feminino na Rádio Gre-Nal, em 2019.

Fonte: Pesquisa realizada no segundo semestre de 2019. Disponível nos anexos.

Entre os motivos apresentados pelas repórteres para não ingressar na área está, novamente, a falta de representatividade. Medeiros (2019) aponta que nunca pensou na possibilidade, pois, quando decidiu qual área do jornalismo esportivo era sua preferida, não havia mulheres na narração.

Nem passava pela minha cabeça que aquilo era uma função que eu poderia exercer. Que bizarro isso, né?! Acho que a nossa cabeça funciona meio que assim “oh, não tenho nenhuma mulher fazendo aquilo então tá fora de cogitação”, mas hoje em dia não me imagino narrando. Acho que eu não tenho habilidade para isso. (MEDEIROS, 2019)

Dentre as 11 entrevistas, três apontaram não se imaginar nesta posição, por não haver identificação ou interesse. É o caso de Asmann (2019), “acho muito difícil e não me identifico, precisa ter o dom! Prefiro a parte de repórter, que é o que eu quero”; de Tavares (2019), “não vejo muito talento em mim para tal, por não me interessar mesmo”; e de Medeiros (2019), “acho que não tenho habilidade para isso”. Outras apontam para a dificuldade da área, como é o caso de Aguiar (2019), “acho uma função extraordinária, a mais difícil do jornalismo esportivo”.

Dentre as entrevistadas, duas apontaram ter interesse na função. Wons (2019), acredita que “seria mais uma conquista feminina no mundo esportivo, e acrescentaria muito ao meu currículo pessoal e profissional, quem sabe no futuro”. Já Steffens (2019), explica que ficou um período afastada do jornalismo, mas, agora que retornou, quer ingressar na narração.

No entanto, a falta de interesse pode ser um motivo plausível. Já a falta de vocação, apontada por algumas entrevistadas, talvez não seja o correto. Pois, “Estudos realizados com gerentes e diretores, nos EUA, demonstram que as mulheres, em geral, dão uma surra nos homens em termos de competência em vários quesitos, inclusive naqueles tidos como masculinos” (NARDELLI; SANT’ANNA; 2002, p. 37).

Duas das entrevistadas já possuem experiência na narração, Varaschini (2019) expõe que, mesmo já tendo exercido a função, ela é muito complexa, mas, com a prática, ela imagina que é possível alcançar a perfeição. “Não consigo ter o pique de narradora, mas é algo que eu quero tentar mais vezes” (VARASCHINI, 2019).

Possamai<sup>52</sup> (2019), por outro lado, já narrou em duas oportunidades e gostou das experiências. Na primeira vez, em 2018, ela esteve a frente de um jogo da Copa dos Refugiados, organizada pela FGF. Como visto no capítulo 3, Possamai (2019),

---

<sup>52</sup> Valéria Possamai é repórter e narradora da Rádio Gre-Nal, de Porto Alegre, há mais de dois anos. As informações foram obtidas por meio de entrevista, feita pelas redes sociais, no dia 20 de outubro de 2019 (ver Anexo B).

entende que foi uma grande experiência e que, a partir daquele momento, pôde ter mais noção de como funcionava a narração. Pois, segundo ela, assistir e exercer a função é completamente diferente.

Para sua segunda experiência, em 2019, a preparação foi aperfeiçoada. Possamai (2019) conta que recebeu dicas de colegas narradores e também lidou com maior interação dos ouvintes.

Acho que o principal neste processo todo foi o apoio e a confiança de toda a equipe da Rádio Grenal. Todo mundo de uma forma conversa comigo e com as outras meninas para nos passar confiança, para nos dar suporte. Isso foi muito importante (POSSAMAI, 2019).

O jogo que contou com a narração de Possamai, em 2019, foi o Gre-Nal feminino, disputado no Gauchão da categoria. A partida ocorreu no dia 21 de setembro, na Sede Campestre do Sesc, na capital porto alegre e teve o Internacional como vencedor, pelo placar de 4 a 0<sup>53</sup>.

Na ocasião, a Rádio Gre-Nal realizou uma jornada esportiva composta exclusivamente por mulheres. Além de Possamai nas narrações, Aguiar e Asmann estiveram nas reportagens e Paula Cardoso foi a convidada especial, para comentar a partida.

Mais do que ter meu nome relacionado com a primeira transmissão de uma equipe no FM gaúcho, o importante foi viver aquilo, com todas as minhas colegas, com meus colegas, com a Rádio Grenal, com a Rede Pampa. É muito gratificante receber essa confiança e poder mostrar teu trabalho. Eu pude transmitir para o ouvinte, o que eu sentia quando eu ouvia o rádio e que foi justamente o que me motivou a escolher o jornalismo: trazer a emoção ao público, ao torcedor (POSSAMAI, 2019).

Na época da pesquisa, a diretora de conteúdo da Rádio Gre-Nal, Marjana Vargas foi questionada sobre uma possível continuidade de Possamai nas narrações. A resposta foi: “Quanto ao futuro, vamos aguardar. Não falo de assunto escalas, entende, é assunto interno” (VARGAS, 2019)<sup>54</sup>.

Júnior (2019) lembra de ter ouvido a transmissão. No entanto, mesmo compreendendo a importância da representatividade, ele questiona, “a impressão

---

<sup>53</sup> A partida era válida pela terceira rodada do Campeonato Gaúcho Feminino, organizado pela Federação Gaúcha de Futebol. Os gols do Internacional foram marcados por Fabiana Simões, três vezes, e Julia Daltoe, uma. Disponível em: [https://www.fgf.com.br/public/uploads/sumulas/5d89165b20c1208\\_-\\_Inter\\_x\\_Gr%C3%AAmio.pdf](https://www.fgf.com.br/public/uploads/sumulas/5d89165b20c1208_-_Inter_x_Gr%C3%AAmio.pdf). Acesso em 16 de maio de 2020.

<sup>54</sup> Questionamento foi feito por e-mail, no dia 2 de outubro, e respondido na mesma data.

que eu tenho é que se coloca, primeiro, para causar o impacto. Mas com as pessoas que, daqui a pouco, não estão preparadas para exercer aquela função. Isso é complicado”. Segundo ele, a fluência é o elemento principal. Ele ressalta que, em sua concepção, Aguiar é uma boa comentarista, e, na emissora, destaca-se por isso.

No futebol feminino, quando eles transmitem o Gauchão, a ideia também é colocar uma equipe 100% feminina, mas aí acaba que não tem a mesma qualidade e esse é um ponto complicado. Só vai ter qualidade quando mais pessoas fizerem, algumas vão mostrar talento, outras não. E mais pessoas farão só quando tiverem as referências (JÚNIOR, 2019).

Para exercer com maestria essa e qualquer outra função, é necessário aprendizado e experiência. A aprendizagem, por sua vez,

É uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, na medida em que se acrescenta algo, ficará mais sólido, ou à montagem de um mecanismo delicado, cujas fases gradativas de ajustamento conduziram a uma flexibilidade e uma mobilidade das peças tanto maiores quanto mais estável se tornasse o equilíbrio. (PIAGET,1990 p.12)

A experiência, por outro lado, é adquirida com a aquisição de conhecimentos. Ou seja, com a aprendizagem. Ela “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BORDÍA, 2002, p. 21).

Mesmo em âmbito nacional a quantidade de narradoras que atendam a todos esses pré-requisitos exigidos pelos ouvintes ou, no caso da televisão, telespectadores, ainda é pequena. Nos grandes canais de comunicação, por exemplo, não há referências no ramo. Mesmo assim, dos 11 questionados sobre conhecer alguma mulher narradora, apenas três afirmaram não lembrar de nenhuma profissional nesta área. (ver Quadro 7).

Quadro 7 - Narradoras conhecidas pelas entrevistadas

<b>Ana Aguiar</b>	<p style="text-align: right;">(continua)</p> Sim, Valéria Possamai, Clairene Giacobe e Luciana Mariano.
<b>Angélica Varaschini</b>	Não conheço nenhuma narradora mulher.

<b>Bárbara Asmann</b>	(continua) Já ouvi falar. Agora, com a transmissão que fizemos só com mulheres, tem a Valéria Possamai.
<b>Bernardete Wons</b>	Não.
<b>Gilberto Júnior</b>	A Isabelly Moraes, da Rádio Inconfidência. Ouço, de vez em quando, no Rio de Janeiro, a Luciana Zogaib, na Rádio Ferj. É uma boa narradora. Nos meus tempos de guri, assistia na Bandeirantes a Luciana Mariano.
<b>Mara Steffens</b>	Uma ex-colega de Diário, da unidade de Passo Fundo, mantém um blog e fazia lives de jogos de futsal em sua página no facebook, então narrava os jogos. Perdi o contato com ela, não sei se permanece. Até onde eu sei, ela não havia feito rádio. Fora ela não conheço ninguém.
<b>Miriam Massolini</b>	Conheci a primeira narradora de rodeio (tiro de laço) do Rio Grande do Sul, os homens não aceitavam a presença dela na narração.
<b>Rafaela Tavares</b>	Pessoalmente não. Mas na Copa do Mundo assisti vários jogos com narração feminina, especialmente na FOX Sports. Inclusive, a narradora da Fox, Isabelly, foi a primeira mulher a

	narrar um jogo na rádio lá Minas, e agora faz parte do canal.
<b>Simone Ferrazo</b>	Pessoalmente não, mas tem uma rádio que toda equipe esportiva é formada por mulheres.
<b>Tamires Hanke</b>	Não.
<b>Valéria Possamai</b>	Sabia da Isabelly Moraes e da Clairene Giacone, que inclusive é aqui do Rio Grande do Sul. Mas nunca conversei com elas pessoalmente.

Fonte: Pesquisa realizada no segundo semestre de 2019. Disponível nos anexos.

A mais citada pelos entrevistados foi a narradora Isabelly<sup>55</sup> Moraes, que, atualmente, trabalha no Jornal O Tempo, de Belo Horizonte. A jornalista foi a responsável por narrar o jogo entre Rússia e Arábia Saudita, na abertura da Copa do Mundo de 2018, no canal por assinatura Fox Sports 2.

Também citadas pelos entrevistados, estão as narradoras Clairene Giacobe, Luciana Mariano e Luciana Zogaib. As duas primeiras, são gaúchas.

Clairene marcou história ao ser, conforme o Portal Dibradoras<sup>56</sup>, a primeira mulher a narrar um clássico entre Grêmio e Internacional, o Gre-Nal. Em entrevista ao Portal, ela disse que as mulheres estão conquistando mais espaço e que luta para isso, “é notório que as mulheres estão conquistando cada vez mais espaço no jornalismo esportivo e dou apoio total, abrindo espaço na REW”.

Ainda em entrevista ao Portal, ligado ao Site Uol, ela contou que ingressou no meio esportivo ao ser convidada pelo diretor e proprietário da Rádio Estação Web,

<sup>55</sup> Isabelly Moraes iniciou sua carreira na Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte, no ano de 2017. E, com isso, foi a primeira mulher a narrar um jogo na capital de Minas Gerais. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/isabelly-moraes-quem-e-a-1a-mulher-brasileira-a-narrar-a-copa-na-tv/>. Acesso em 16 de maio de 2020.

<sup>56</sup> Clairene Giacobe narrou o clássico no ano de 2018, pela Rádio Estação Web, de Porto Alegre. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/10/25/1a-mulher-a-narrar-gre-nal-busca-romper-mais-b-arreiras-querer-chegar-a-copa/>. Acesso em 18 de maio de 2020.

Rogério Barbosa, em 2012. À época, ela era apresentadora de programas esportivas e também comentava alguns jogos.

A estreia de Clairene como narradora, no entanto, foi em novembro de 2016, na partida entre Internacional e Ypiranga de Erechim, pela Supercopa Gaúcha. Na sequência, ela também esteve à frente de jogos no Gauchão, Copa do Brasil, Brasileirão e até Recopa Sul-Americana.

A narradora Luciana Mariano, por sua vez, também marcou história quando o assunto é representatividade. Ela foi a primeira à frente de uma jornada esportiva na televisão, nos anos 90<sup>57</sup>. No entanto, mesmo com o sucesso, ela deixou a carreira de lado quando casou-se com o, também comunicador, Luciano do Valle.

O seu retorno as jornadas esportivas ocorreu em 2018, quando foi contratada pelo canal fechado ESPN. Em entrevista ao Portal Notícias da Tv<sup>58</sup>, ligado ao Uol, Luciana disse que ficou longe dos microfones por falta de oportunidades. Além de citar a pouca representatividade feminina à frente das jornadas esportivas. O que mostra, mais uma vez, a disparidade entre os sexos.

Coelho (2004) defendeu que ambos devem ter os mesmos direitos dentro do jornalismo, sem preconceitos. Além de citar a valorização profissional, por meio do salário, que também é desigual. “Devem ter as mesmas oportunidades. O que não se pratica em boa parte das editorias do país. Menos ainda nas de esportes” (COELHO, 2004, p.34).

A última narradora citada pelos entrevistados é Luciana Zogaib. Carioca, ela está à frente das jornadas esportivas pela rádio da Ferj, onde também atua como apresentadora em programas esportivos.

Recentemente, assim como as outras profissionais citadas, Luciana também foi a única mulher em um espaço. Na final da Libertadores de 2019, disputada na

---

<sup>57</sup> Luciana Mariano foi a primeira mulher a narrar um jogo de futebol na televisão, nos anos 90. À época, ela era contratada pela Bandeirantes e esteve à frente de uma jornada esportiva do Torneio Primavera, de futebol feminino. Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/prisma/keila-jimenez/ex-mulher-de-luciano-do-valle-e-contratada-como-narradora-da-espn-29082019>. Acesso em 18 de maio de 2020.

<sup>58</sup> Luciana falou sobre falta de representatividade e oportunidades no jornalismo esportivo. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/primeira-narradora-de-tv-quebra-jejum-de-19-anos-e-nega-empurraozinho-do-ex--19435>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

capital do Peru, entre Flamengo e River Plate, ela era a única mulher comandando uma jornada esportiva<sup>59</sup>.

Não há levantamentos recentes em âmbito nacional a respeito do número de mulheres narradoras no rádio. No entanto, conforme uma pesquisa<sup>60</sup> feita pelo Portal Dibradoras, em 2018, haviam apenas três mulheres com espaço na televisão, à frente das jornadas esportivas. Eram elas: Renata Silveira, da Fox Sports; Isabelly Moraes, da Fox Sports; e Elaine Trevisan, do Esporte Interativo. Porém, em 2020, apenas Renata Silveira segue na televisão. Mesmo estando longe de uma representatividade significativa, algumas repórteres acreditam que “haverá um tempo em que será muito natural ligar o rádio e acompanhar uma equipe feminina transmitindo futebol” (STEFFENS, 2019).

No entanto, quais os atributos que um narrador precisa ter para exercer a função? Fôlego, vocação e raciocínio rápido foram apontados pelos entrevistados como características principais (ver Quadro 8).

Quadro 8 - Características de um narrador

<b>Ana Aguiar</b>	(continua) Paixão, fôlego, voz, repertório e conhecimento espacial e técnico do campo de jogo.
<b>Angélica Varaschini</b>	O narrador tem que ter pique.
<b>Bárbara Asmann</b>	Fôlego. Mas, mais que isso, é necessário ter uma boa visão de jogo, conhecer os atletas que estão em campo, estudar e treinar muito. É uma das partes mais difíceis na minha

<sup>59</sup> Informação extraída do Portal Metrôpoles. Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/futebol/metropoles-entrevista-a-narradora-luciana-zogaib-ao-vivo-o-neste-domingo>. Acesso em 18 de maio de 2020.

<sup>60</sup> Informações extraídas do Portal Dibradoras, do Uol, e disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/27/2018-foi-o-ano-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/>. Acesso em 18 de maio de 2020.

	(continua) opinião. Tem que ser rápido, preciso e ter o dom. Poucos têm.
<b>Bernardete Wons</b>	Entre tantas qualidades que um bom narrador deve ter, destaque que conhecer todas as regras do esporte, seja no campo ou na quadra, ter uma excelente dicção, e rapidez no pensamento.
<b>Eduardo Costa</b>	Ritmo, velocidade e precisão na informação. Narrar um jogo de futebol ou qualquer outra modalidade, exige muito do narrador. Concentração também é fundamental.
<b>Gilberto Júnior</b>	O narrador tem que ser, primeiro, um cara com raciocínio rápido, que tenha improviso, algumas coisas que não são ensinadas no ambiente acadêmico. Antigamente, se cobrava que tivesse voz, hoje eu acho que é secundário. Tem um cara que não tem uma grande voz, mas tem um grande comando de jornada, um bom improviso. Eu acho que é o principal.
<b>Luís Magno</b>	Deve ter uma grande percepção do que está acontecendo não só no jogo, mas na transmissão em si. Fazer com que o ouvinte fique contigo, prender a atenção dele, ter uma boa agradável para quem

	(continua) está do outro lado, ter carisma sobretudo. Sem palhaçadas, entretanto não ser engessado somente na bola rolando.
<b>Mara Steffens</b>	Acredito que um bom narrador precisa ser bastante espontâneo quando está com o microfone. Também precisa colocar a emoção no que faz para transmitir aos ouvintes o que está acontecendo na partida da forma mais fiel possível.
<b>Miriam Massolini</b>	Uma excelente dicção, imparcialidade, espontaneidade e gostar muito do que se faz.
<b>Rafaela Tavares</b>	Acredito que é necessário muito estudo, concentração, e algumas técnicas para facilitar o processo, que com o tempo e experiência devem ser adquiridos. No futebol as coisas acontecem rápido, e o narrador precisa ter um feeling para tornar a transmissão agradável e clara.
<b>Simone Ferrazo</b>	Primeiro gostar do que faz, gostar e entender de futebol, ou do esporte que preferir, empenho, dedicação, disciplina.
<b>Tamires Hanke</b>	Acho que para ser um bom narrador precisa ter, primeiramente, raciocínio muito rápido, lógico e objetivo, seguido da dominação de todas as técnicas do

	esporte, conhecimento de equipes e jogadores. Precisa ser muito bom.
--	--

Fonte: Pesquisa realizada no segundo semestre de 2019. Disponível nos anexos.

Além de apontar as características do narrador, dois entrevistados enfatizaram a diferença de realizar uma jornada esportiva na televisão ou no rádio. Varaschini (2019) expõe que, quando se tem apenas o som à disposição, é exigido mais esforço de quem está à frente da transmissão,

(...) é mais corrido, tem que detalhar todos os detalhes. Tem que ser os olhos dos ouvintes. Tem que narrar cada detalhe e lance do jogo. O narrador tem que estar sempre ligado, conectado no jogo. e ter alguns macetes para "decorar" quem é cada jogador. Tem que ter uma perspicácia maior. olhos rápidos. E boa voz né? pq não é fácil gritar gol, tem que ter fôlego (VARASCHINI, 2019).

Steffens (2019) ressalta que, em decorrência disso, o comunicador precisa transmitir cada detalhe ao ouvinte, para que ele sinta “o que está acontecendo no jogo, como se estivesse vendo com os próprios olhos, estando no estádio”. Essa é, essencialmente, a função de um narrador, que “segura a transmissão de um evento esportivo, descrevendo-o em detalhes, mexendo com a sensorialidade do ouvinte e fornecendo a ele uma visão do que acontece” (FERRARETTO, 2001, p. 316).

No entanto, independentemente do veículo, o improviso sempre precisa estar presente. Afinal, “(...) é sinônimo de preparo e conhecimento do assunto. Não pode ser de forma alguma confundido com verborragia, ou falar apenas para ocupar o espaço vazio” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 66).

Tu vê muita gente que sai da faculdade e é refém de um texto. O narrador de rádio ele acaba tendo, justamente, que improvisar. Tu vai ficar 90 minutos de bola rolando, mas o período de pré-jogo e pós-jogo com o que vem na tua cabeça. Agora, lógico, tendo conhecimento do que tu tá transmitindo, conhecimento do que tá acontecendo ao redor (JÚNIOR, 2019).

Andando lado a lado com o improviso está o conhecimento do evento esportivo. Neste caso, o futebol. Pois, para conseguir improvisar de forma a entreter os ouvintes, é necessário trazer informações que agreguem conhecimento a eles. Conforme Barbeiro e Rangel (2006), é imprescindível que o narrador “tenha sempre informações adicionais do evento a ser narrador. Verifique a pauta do dia, os

personagens da partida. E nunca, nunca chegue em cima da hora do início da transmissão" (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 68).

A imparcialidade, levantada por Massolini (2019), também é tida como uma das principais características, pois, "se o narrador esportivo deixar transparecer seu entusiasmo por seu time de coração, seu trabalho provavelmente ficará comprometido" (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 66).

Além dos quesitos já citados, está a emoção, que pode ou não entusiasmar os ouvintes. "(...) narrar o jogo significa animar o público. O exagero, no entanto, é prática condenável e inclui, não raro, a distorção dos fatos. Um jogo morno transforma-se em uma epopeia guerreira na qual se incentiva a garra em detrimento da habilidade, na busca da vitória a qualquer preço" (FERRARETTO, 2001, p. 327).

Então, o narrador "precisa passar ao torcedor e emoção na medida certa, sem esbarrar no histerismo que ocorre com alguns profissionais em épocas de Copas do Mundo e Jogos Olímpicos" (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 66).

Conforme Magno (2019), ainda é imprescindível que o narrador tenha comando da jornada e saiba inserir, de forma assertiva, os repórteres e comentaristas na transmissão. Além disso, ele também crê que "não precisa transformar qualquer jogo numa copa do Mundo, mas não pode deixar o pique cair".

"O locutor, distante das jogadas mais perigosas próximas ao gol, chamava o repórter que estava atrás da meta para que ele tirasse suas dúvidas e do comentarista. (...) Essa triangulação permanece até hoje na maioria das rádios" (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 65).

Mesmo com a grande quantidade de atribuições necessárias, muitos profissionais decidem assumir a função de narrador. Costa (2019) conta que o despertar do interesse ocorreu ainda na infância, "comecei ouvindo rádio muito novo com meu avô. Sempre fui ouvinte da Gaúcha. Esse incentivo, fez eu admirar alguns profissionais e me fez seguir na profissão". Depois, quando conseguiu um espaço na área, dedicou-se a fazer cursos de dicção e oratória. Além de especialização com a fonoaudióloga. Tudo isso é tido como cuidado com a voz, que "constitui-se em um instrumento de trabalho que precisa ser utilizado sem exageros" (FERRARETTO, 2001, p. 312).

Magno (2019) também expõe que começou a interessar-se pelo veículo pelo costume de ouvir rádio. Ele conta que, mesmo já trabalhando na área, está

“evoluindo ano após ano. E assim deve seguir, sempre crescendo em qualidade, nunca achar que está perfeito”.

Júnior (2019) dá um conselho aos que desejam ingressar na narração: “a primeira preparação que tu tem que fazer para ser narrador, é ouvir rádio. Ouvir narradores. Por mais que aquilo estilo não te agrade, ele vai, de alguma forma, te ajudar a construir o teu estilo”.

Por fim, é importante ressaltar que o “hoje, o feminismo formula o conceito de libertação que prescinde da “igualdade” para afirmar a diferença (TELES, 1993, p. 10)”. Por meio dessa crença, muitas mulheres ainda lutam para ingressar no jornalismo esportivo. Mesmo com tantos julgamentos, exigências e batalhas pelo caminho. Afinal, “nem tchutchuca, nem cachorrone. O tratamento que elas desejam é de igualdade e respeito profissional” (NARDELLI; SANT’ANNA; 2002, p. 11).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primórdios, elas eram consideradas inferiores ao sexo oposto. Lutaram. Não aceitaram essa condição. E buscaram o mínimo: respeito e igualdade. A luta das mulheres com a bandeira feminista já dura anos, décadas, séculos. São vários capítulos de uma história que preza pela igualdade de gênero. Várias personagens conhecidas por conflitarem com o machismo, por lutarem pelo mínimo de reconhecimento. E, o mais importante, por buscarem respeito.

São várias Joanas D'arc, Dandaras, Marias Quitérias, Maries Curies, Renatas de Medeiros, Rafaelas Tavares, Tamires Hanke, e por aí vai. São várias as que marcaram história para que, hoje, tenhamos o mínimo. São muitas as que não deixam o machismo impune. Que gritam. Que lutam. Que são chamadas de loucas. Mas que, mesmo assim, sempre usam sua voz para que o feminismo seja ouvido, discutido e respeitado.

Por meio desse trabalho, foi possível exaltar a luta e o esforço dessas 11 jornalistas que, tendo 20 ou 57 anos, vêm desbravando um campo que, ainda, é muito machista. Com sua voz, vêm provando, mesmo que não seja necessário provar nada a ninguém, que mulher entende, pode e deve falar sobre futebol.

Muitas delas, para conquistar um espaço no mercado de trabalho, pensaram em desistir. Mas não o fizeram. A luta por representatividade motivou a realização desta pesquisa, que tenta compreender quais as barreiras encontradas no caminho da mulher jornalista esportiva que deseja ser narradora. E, assim, foi definida a questão norteadora: por que não há mulheres narrando futebol no Rio Grande do Sul?

Ao longo da pesquisa, pode-se dizer que foi possível responder o questionamento. Foram muitas entrevistas acompanhadas de reflexões sobre o tema. Isso porque, com base nas opiniões levantadas a cada etapa da realização deste trabalho, diferentes motivos foram enfatizados, o que confirmou ou contrapôs as hipóteses.

A primeira refere-se ao conservadorismo das emissoras de rádio do Estado, que explica a falta de representatividade feminina neste segmento de jornalismo

dentro das rádios interioranas. Essa hipótese é confirmada pois, por meio das histórias contadas pelas entrevistadas, muitas delas explicitaram o fato de ter que provar que eram competentes para assumir uma posição de destaque em determinada função da jornada esportiva. O que, na prática, torna ainda mais difícil fazer com que cheguem a posição de destaque que, neste caso, é a narração.

Outra hipótese trata do desinteresse do sexo feminino em ingressar no jornalismo esportivo de rádio. Essa, no entanto, não procede, conforme as entrevistas. Muitas citaram a falta de exemplos na área. Especialmente, na narração. Inclusive, uma das repórteres admitiu que nunca pensou em ingressar na função porque, quando formou-se, não havia nenhuma mulher com destaque, tanto no cenário nacional, quanto regional, na posição.

Segundo as entrevistas, ainda nesse viés, a falta de profissionais femininas em cargos de chefias, contratando outras mulheres para o jornalismo esportivo, também é uma barreira. Elas crêem que, se houvesse um número maior de contratantes mulheres, a representatividade seria maior. Pois, diferente do gênero oposto, elas têm uma tendência menor de desacreditar do trabalho dessas profissionais.

A terceira e última hipótese fala sobre o machismo e como o preconceito afasta as mulheres da jornada esportiva. Essa, das três, talvez seja a mais assertiva. Entre os 14 entrevistados, 11 mulheres e três homens, todos admitiram que, a área ainda é extremamente preconceituosa. As repórteres citaram, além de agressões verbais sofridas por torcedores, machismo velado pregado por colegas de profissão.

Em relação aos objetivos, foi definido como principal, tentar compreender por quais motivos não temos mulheres à frente das jornadas esportivas no Estado. Para isso, foi realizado um mapeamento com todas as rádios do Rio Grande do Sul afiliadas à Agert, a fim de encontrar alguma narradora. Por meio do mapeamento, foi possível perceber que apenas na Rádio Gre-Nal, de Porto Alegre, há uma mulher neste cargo. Mesmo assim, ela realiza a função apenas esporadicamente. Até a finalização da pesquisa, Valéria Possamai só tinha estado à frente de uma jornada esportiva em uma ocasião, no ano de 2019.

Quanto aos objetivos específicos, o primeiro tinha como intuito verificar quais rádios trabalham com jornadas esportivas regularmente. Por meio do levantamento

realizado, foi possível concluí-lo. Assim, percebemos que nas 250 rádios afiliadas à Agert, 95 realizam jornadas esportivas, esporádica ou regularmente. E, em apenas 19, há mulheres na equipe de esporte. O que explicita a baixa representatividade esportiva neste segmento do jornalismo.

Outro objetivo importante era explicar a importância da representatividade feminina nas jornadas esportivas. Foi possível atingi-lo, quando aliamos ao outro objetivo específico que propunha entrevistar mulheres, que trabalham com futebol no Rio Grande do Sul. Com base nas histórias contadas pelas repórteres, foi possível alcançar ambos. Em suas falas, elas explicitaram vivências e expuseram as melhorias que a área teria se mais mulheres tivessem a oportunidade de ingressar no jornalismo esportivo.

O último objetivo específico era perceber as justificativas que excluem a mulher da função de narradora. Por meio do referencial teórico, das explicações de machismo, aliada aos motivos explicitados pelos entrevistados, foi possível atingi-lo. De acordo com a junção desses dois quesitos, foi possível compreender que o machismo, aparente no descrédito e na desconfiança ao trabalho das mulheres nesta área, e a falta de referências na função, fazem com que não tenhamos um número significativo de narradoras no Estado.

Por fim, conclui-se que, assim como algumas entrevistadas relataram, as mulheres alcançaram mais espaço no cenário do jornalismo esportivo. No entanto, ainda há muito a se fazer para alcançar o mínimo de igualdade entre os gêneros nesta área.

A pesquisadora crê que, quando mais visibilidade o assunto tiver, mais discussões a respeito dele forem travadas, mais fácil será conscientizar a todos, ouvintes, profissionais e atletas, que as mulheres podem sim ser narradoras, repórteres, jornalistas esportivas, gestoras, etc. Pois, assim como muito fala-se: lugar de mulher é onde ela quiser.

## REFERÊNCIAS

ABERT.ORG. **Kantar IBOPE apresenta perfil sobre consumo do rádio no Brasil.**

Disponível em:

<https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/26842-kantar-ibope-apresenta-perfil-sobre-consumo-do-radio-no-brasil>. Acesso em 29 de março de 2020.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AQUINO, Rubim. **Futebol: uma paixão nacional.** 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ARAÚJO, Verônica; RIBEIRO, Eduardo. **Diferenciais de salário por gênero no Brasil: Uma análise regional.** Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em:

[https://www.ufrgs.br/ppge/wp-content/themes/PPGE/page/textos-para-discussao/pctificativa/2001\\_11.pdf](https://www.ufrgs.br/ppge/wp-content/themes/PPGE/page/textos-para-discussao/pctificativa/2001_11.pdf). Acesso em 22 de março de 2020.

ARAÚJO, Tâmara; BEZERRA, Beatriz; FERREIA, Gleyson. **Educação sexista e suas influências na definição das brincadeiras infantis.** Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7436/pdf>. Acesso em 03 de nov. 2019.

AQUINO, Rubim. **Futebol: uma paixão nacional.** 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

AZEVEDO, Júlio Arantes. MADEIRO, Carlos. **Audiência no rádio expandido: uma análise do aplicativo RadiosNet.** Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 08, n. 02, pp. 114-137, jul./dez. 2017.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARDEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BÔAS, Bruno. **IBGE: Salário médio das mulheres corresponde a 79,5% ao dos homens.** Disponível em:

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/03/08/ibge-salario-medio-das-mulheres-corresponde-a-795-aos-dos-homens.ghtml>. Acesso em 22 de março de 2020.

BORDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Barcelona, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2020.

BUITONI, Dulcília. **Imprensa feminina**. 1. ed. São Paulo, 1986.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.

CARACCILOLO, Paola; PENNER, Tomaz; FILHO, Otacílio. **Dos bordões aos memes: Uma análise sobre o papel da mídia na construção e apropriação de novas formas de linguagem**. Belém, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0726-1.pdf>. Acesso em 01 de abril de 2020.

CARVALHO, Paula. **Rádio na Internet: Um espaço de Experimentação, Educação e Comunicação**. Santos, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1194-1.pdf>. Acesso em 29 de março de 2020.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa, 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.  
DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa e comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2014.

COSTA, Márcia Regina. **Futebol: espetáculo do século**. 1. ed. São Paulo: Musa Editoria, 1999.

DAS, André. **Seleção feminina dos EUA processa federação de futebol por discriminar gêneros**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/selecao-feminina-dos-eua-processa-federacao-de-futebol-por-discriminar-generos-23508551>. Acesso em 15 de fev. de 2020.

DEL BIANCO, Nélia; MOREIRA, Sônia. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

ESCUDEIRO, Leo. **Por que a seleção feminina dos EUA recebe menos que a masculina se gera mais dinheiro?** Disponível em: <https://trivela.com.br/por-que-selecao-feminina-dos-eua-recebe-menos-que-masculina-se-gera-mais-dinheiro/>. Acesso em 15 de out. 2020.

FARIA, Bob. **Grito de Gol: as vozes da emoção na TV**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2011.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40); dos pioneiros às emissoras comerciais**. 1. ed. Canoas: Ed. da ULBRA, 2002.

FOLHA.UOL. **Os maiores locutores esportivos da história do rádio brasileiro**. Disponível:

<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1653500840855133-os-maiores-locutores-esportivos-da-historia-do-radio-brasileiro>. Acesso em 01 de abril de 2020.

FREITAS, Bruno; MONTAGNANA, Laís; CARNEIRO, Leandro. **“Intrusas” no gramado**. Disponível em:

<https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#intrusas-no-gramado>. Acesso em 18 de abril 2020.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. 1. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GLINKA, Fernanda. **A mulher no jornalismo esportivo: os desafios das jornalistas em Curitiba**. Curitiba, 2018. Disponível em:

[https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/58890/GLINKA\\_Fernanda\\_Ramos\\_a\\_mulher\\_no\\_jornalismo\\_esportivo.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/58890/GLINKA_Fernanda_Ramos_a_mulher_no_jornalismo_esportivo.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 10 de abril de 2020.

GLOBOESPORTE.COM. **Federação Australiana anuncia que dará pagamentos iguais para seleções masculina e feminina**. Disponível em:

[https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/federacao-australiana-anuncia-que-dara-pagamentos-iguais-para-selecoes-masculina-e-feminina.ghtml?utm\\_source=Facebook&utm\\_medium=Social&utm\\_content=Esporte&utm\\_campaign=globoesportecom](https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/federacao-australiana-anuncia-que-dara-pagamentos-iguais-para-selecoes-masculina-e-feminina.ghtml?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_content=Esporte&utm_campaign=globoesportecom). Acesso em 15 de mar. de 2020.

GOMES, Rodrigo. **Narração esportiva na televisão**. Juiz de Fora, 2015. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/MONOGRAFIA-NARRA%C3%87%C3%83O-ESPORTIVA-NA-TV.pdf>. Acesso em 01 de abril de 2020.

HAHNER, June. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher, 1850 a 1940**. 1. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

JIMENEZ, Keila. **Ex-mulher de Luciano do Valle é contratada como narradora da ESPN**. Disponível em:

<https://entretenimento.r7.com/prisma/keila-jimenez/ex-mulher-de-luciano-do-valle-e-contratada-como-narradora-da-espn-29082019>. Acesso em 18 de maio 2020.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda; MEDEIROS, Carlos. **Método da pesquisa: um guia prático**. 1. ed. Bahia: Itabuna, 2010.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiodifusão**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas. 2019.

LIMA, Cecília; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya. **Elas e o futebol**. 1. ed. João Pessoa: Xeroca!, 2019.

LOZETTI, Alexandre; KESTELMAN, Amanda; FERNANDEZ, Martín. **Campeões mundiais: veja lista de títulos da Copa do Mundo**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/franca-bate-a-croacia-e-e-bicampea-veja-lista-de-titulos-da-copa-do-mundo.ghtml>. Acesso em 15 de fev. de 2019.

MACHADO, William et al. **WebRádio e WebTV: Práticas Comunicacionais na Educação Inclusiva**. Pelotas, 2015. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/webradio-e-webtv-praticas-comunicacionais-na-educacao-inclusiva/at\\_download/file](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/webradio-e-webtv-praticas-comunicacionais-na-educacao-inclusiva/at_download/file). Acesso em 14 de jul. de 2020.

MARTINS, Ana Paula. **O machismo no Brasil**. Brasília, 2014. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/o-machismo-brasil-por-ana-paula-antunes-martins/?print=pdf>. Acesso em 12 de maio de 2020.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina (Org.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, José Marques de. **Jornalismo brasileiro**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

MENDONÇA, Renata. **2018 foi o ano das mulheres no Jornalismo Esportivo**. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/27/2018-foi-o-ano-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/>. Acesso em 02 de out. 2019.

MENDONÇA, Renata. **Só 2 mulheres comandam times do Brasileiro; gestão também é masculina**. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/02/05/so-2-mulheres-comandam-times-do-brasileiro-gestao-tambem-e-masculina/>. Acesso em 22 de março de 2020.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bord%C3%A3o>. Acesso em 04 de abril de 2020.

MICHELETTI, Marcos. **Zuleide Ranieri: primeira mulher a narrar futebol no Brasil**. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/zuleide-ranieri>. Acesso em 02 nov. 2019.

NARDELLI, Elizabeth; SANT'ANNA, Francisco. **Mulher e imprensa na América Latina**. 1. ed. Brasília: Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, UNESCO, 2002.

NINA, Roberta. **1ª mulher a narrar Gre-Nal busca romper mais barreiras: quero chegar à Copa**. Disponível em:  
<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/10/25/1a-mulher-a-narrar-gre-nal-busca-a-romper-mais-barreiras-quero-chegar-a-copa/>. Acesso em 18 de maio de 2020.

NINA, Roberta. **Elas driblaram o preconceito e criaram iniciativas por amor ao futebol**. Disponível em:  
<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/03/23/elas-driblaram-o-preconceito-e-criaram-alternativas-viver-amor-pelo-futebol/?cmpid=copiaecola>. Acesso em 01 de abril de 2020.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Claudia. **O machismo estrutural do nosso dia a dia**. Campo Grande, 2019. Disponível em:  
<https://revistacult.uol.com.br/home/machismo-estrutural-do-nosso-dia-a-dia/>. Acesso em 12 de maio de 2020.

OLIVEIRA, Cláudia Regina de. **Violência velada e o feminismo**. Uberlândia, 2014. Disponível em:  
<http://www.encontro.proex.ufu.br/sites/encontro.proex.ufu.br/files/files/anexos/Relato%20de%20Pesquisa%20-%20Viol%C3%Aancia%20Velada%20e%20o%20Feminismo.pdf>. Acesso em 09 de maio de 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2000.

PAINS, Clarissa; COSTA, Daiane. **Por que Marta não tem patrocínio e ganha menos de 1% do salário de Neymar?** Disponível em:  
<https://oglobo.globo.com/celina/por-que-marta-nao-tem-patrocinio-ganha-menos-de-1-do-salario-de-neymar-23746450>. Acesso em 04 set.2019.

PERLINE, Gabriel. **Primeira narradora da TV quebra jejum de 19 anos e nega empurrãozinho do ex**. Disponível em:  
<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/primeira-narradora-de-tv-quebra-jejum-de-19-anos-e-nega-empurraozinho-do-ex--19435>. Acesso em 18 de maio de 2020.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda, 1990.

PISANI, Mariane. **Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo**. São Paulo, 2019. Disponível em:  
<https://journals.openedition.org/pontourbe/1621>. Acesso em 22 de março de 2020.

PIRES, Breiller. **“Um dia vai ser natural ouvir um jogo com a narração de mulheres”**. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/24/deportes/1529866954\\_045222.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/24/deportes/1529866954_045222.html). Acesso em 02 out. 2019.

REIS, Regina. **Os bordões criados pela tv e sua influência na linguagem cotidiana**. Curitiba, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/33440/REGINA%20DE%20MIRANDA%20MUKAI%20REIS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 01 de abril de 2020.

ROSA, Guilherme. **Brasil busca talentos em esportes pouco populares**. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI285927-17933,00-BRASIL+BUSCAS+TALENTOS+EM+ESPORTES+POUCO+POPULARES.html>. Acesso em 10 de abril de 2020.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2011.

SAIONETI, Leandro. **“O que foi a Reforma Protestante?”**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-reforma-protestante/>. Acesso em 23 de março de 2020.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos da TV brasileira**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2004.

TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, José; SOBRINHO, José. **Esporte & Jornalismo**. 1. ed. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

TELES, Maria. **Breve história do feminismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

TRIVELA. **Mulheres ainda enfrentam machismo velado no futebol**. Disponível em: <https://trivela.com.br/mulheres-ainda-enfrentam-machismo-velado-no-futebol/>. Acesso em 18 de abril 2020.

VIEIRA, Kauê. ‘Não estou ocupando nicho’, Ana Thaís Matos fala de futebol e machismo antes de estreia na TV. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/06/nao-estou-ocupando-nicho-ana-thais-matos-fala-de-futebol-e-machismo-antes-de-estreia-na-tv/>. Acesso em 13 de maio de 2020.

WARKEN, Júlia. **Isabelly Moraes: quem é a 1ª mulher brasileira a narrar a Copa na TV**. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/isabelly-morais-quem-e-a-1a-mulher-brasileira-a-narrar-a-copa-na-tv/>. Acesso em 02 de out. 2019.

WITTER, José Sebastião. **Breve história do futebol brasileiro**. 1. ed. São Paulo: FTD, 1996.

ZINANI, Cecil. **Imprensa feminina e literatura**. 1. ed. Caxias do Sul: Educs, 2019.

**APÊNDICE A - PROJETO - MONOGRAFIA I**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**CAROLINA FREITAS DA ROSA**

**A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA NAS JORNADAS ESPORTIVAS  
DE RÁDIO NO RIO GRANDE DO SUL**

Caxias do Sul  
2019

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**CAROLINA FREITAS DA ROSA**

**A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA NAS JORNADAS ESPORTIVAS  
DE RÁDIO NO RIO GRANDE DO SUL**

Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador(a): Jacob Raul Hoffmann

## SUMÁRIO

### **1 INTRODUÇÃO**

### **2 TEMA**

2.1 Delimitação do tema

### **3 JUSTIFICATIVA**

### **4 QUESTÃO NORTEADORA**

### **5 HIPÓTESES**

### **6 OBJETIVOS**

6.1 Objetivo geral

6.2 Objetivos específicos

### **7 METODOLOGIA**

7.1 Método

7.2 Pesquisa Qualitativa

7.3 Pesquisa Bibliográfica

7.4 Análise de entrevistas

### **8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

8.1 Jornalismo

8.2 Rádio

8.3 Jornalismo Esportivo

8.4 Feminismo

8.5 Futebol

### **9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS**

### **10 CRONOGRAMA**

### **REFERÊNCIAS**

## 1 INTRODUÇÃO

Tradição entre os brasileiros, o futebol nem sempre foi tratado como esporte popular. Logo que chegou ao Brasil, era um espaço proibido ao sexo feminino. Conforme Lima, Brainer e Januário (2019, p. 18), (...) foi até imposta uma interdição oficial, vigente entre 1941 e 1979, que proibia a prática de “desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino”, uma tentativa de conformar seus corpos e suas subjetividades.

Apenas, em 1979, a proibição foi revogada pelo Conselho Nacional de Desportos, e mulheres puderam começar a praticar tal esporte. Entretanto, o conservadorismo não esteve presente apenas dentro das quatro linhas.

Nos velhos tempos, o veterano repórter Oldemário Touguinhó, do Jornal do Brasil, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar seus relatos. (COELHO, 2014, p. 35)

Em 2019, mais de 100 anos depois da chegada do futebol ao Brasil, este ainda não é um campo com representatividade feminina significativa. Quando falamos da atuação, é possível citar a melhor jogadora do Mundo, Marta, que, segundo Pains e Costa (2019), ganha menos de 1%<sup>61</sup> do salário de Neymar, por exemplo.

Na Copa do Mundo de futebol feminino, realizada em 2019, isso fez com que a atleta chamasse atenção para o fato. Conforme Pains e Costa (2019), Marta atuou com uma chuteira sem qualquer patrocínio como uma forma de protesto, em relação “a disparidade de salários e investimentos entre futebol feminino e masculino”.

No âmbito do jornalismo esportivo, a representatividade ainda anda a passos lentos, o que chama a atenção dos receptores. Na abertura da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2018, a mineira Isabelly Moraes esteve à frente da transmissão de Rússia e Arábia Saudita, narrando tudo das cabines da Fox Sports 2. De acordo

---

<sup>61</sup> O artigo, disponível na página do Jornal O Globo, trata da diferenciação feita entre homens e mulheres dentro das quatro linhas. Salários de Marta e Neymar, dois brasileiros que se destacam na modalidade são comparados e, por meio disso, a prova de que o sexo feminino, mesmo com mais história, troféus, e premiações é, ainda, menos valorizado do que o oposto. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/por-que-marta-nao-tem-patrocínio-ganha-menos-de-1-do-salário-de-neymar-23746450> Acesso em 27. nov. 2019.

com Warken (2019), ela entrou para a história como a primeira brasileira a narrar uma Copa do Mundo na televisão.

Já na Copa do Mundo de futebol feminino de 2019, houve um interesse expressivo por parte dos meios de comunicação em realizarem a cobertura do evento. Pela primeira vez na história, a Rede Globo interrompeu sua programação para transmitir os jogos da Seleção Brasileira. Conforme Coelho (2014), a representatividade nos meios de comunicação é um reflexo do que vemos nas arquibancadas.

Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. A coisa mudou. Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres com relação ao contingente masculino. Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens e mulheres nas redações. (COELHO, 2014, p. 34)

No jornalismo gaúcho, a representatividade também não é tão expressiva. Cerca de 85 rádios realizam jornadas esportivas e em apenas uma há uma mulher à frente das transmissões, como narradora. Valéria Possamai, da Rádio Gre-Nal, de Porto Alegre, já esteve à frente de uma jornada esportiva. No entanto, isso ocorreu apenas uma vez, numa edição especial em que a emissora realizou a cobertura de um clássico entre Grêmio e Internacional pelo Campeonato Gaúcho Feminino.

A partir desse dado, acredita-se que seja necessário entender os motivos para tal, a fim de compreender porquê a representatividade feminina nas jornadas esportivas, mesmo no século XXI, ainda é tão inferior. Sendo assim, uma pesquisa qualitativa será realizada e, profissionais envolvidos na área, serão ouvidos, para que seja possível comparar as diferentes visões do jornalismo esportivo com o levantamento realizado em todas as rádios afiliadas a Agert, ilustrando a representatividade feminina. Isso, com o intuito de explicar a diferenciação feita entre jornalistas homens e mulheres e os espaços que lhes são oferecidos dentro dos meios de comunicação que dão ênfase ao esporte.

## **2 TEMA**

A presença feminina no radiojornalismo esportivo.

### **2.1 Delimitação do tema**

A ausência da mulher narradora na cobertura de jornadas esportivas nas rádios do Rio Grande do Sul.

### 3 JUSTIFICATIVA

Desde os primórdios, a mulher era tratada como subordinada do homem. Deveras inferiorizada, sempre lutou para demonstrar o seu valor para com a sociedade.

(...) sempre tiveram as suas próprias áreas de influência e jamais deixaram de desempenhar papéis historicamente significativos, participando de modo essencial da construção do país e contribuindo decisivamente para o seu desenvolvimento. (HAHNER, 2003, p. 23)

Entretanto, mesmo demonstrando a sua importância para a evolução, mesmo no século XXI, as mulheres ainda não são valorizadas em diversas áreas do mercado de trabalho. De acordo com Hahner (2003), por vezes, as representantes do sexo feminino foram esquecidas, utilizadas apenas como imagens românticas, sem o intuito de mostrar a significância das mesmas e sim, de utilizar suas imagens, “(...) até muito pouco tempo, as atividades das mulheres brasileiras não tinham recebido, de modo geral, mais do que atenção bastante medíocre dos estudiosos brasileiros.” (HAHNER, 2003, p. 23).

A luta das mulheres em busca de seus direitos é constante. Iniciou na conquista do voto, na década de 30 e passou por diversas etapas, graças às adeptas do feminismo. Conforme Hahner (2003, p. 26), “nem as ações pelos direitos da mulher, nem a mobilização de mulheres por mudança social são novidade no Brasil”.

No jornalismo esportivo, a luta não foi diferente. Conforme Mendonça (2018), apenas na década de 70 uma mulher esteve à frente de uma jornada esportiva como narradora. À época, Zuleide Ranieri fez história ao ser a primeira representante do sexo feminino a narrar futebol, em 1971, por meio da Rádio Mulher. Segundo o Portal Uol, a equipe era formada exclusivamente por mulheres. Além de Zuleide, as jornalistas Claudete Troiano, Germana Garilli, Jurema Yara, Leilh Silveira e Léa Campos também participavam das jornadas esportivas.

Recentemente, com as movimentações em prol da representatividade feminina no esporte, o Brasil contou com uma narradora na abertura da Copa do Mundo de 2018, entre Rússia e Arábia Saudita. A mineira Isabelly Morais venceu um concurso organizado pela Fox Sports, que contratou três mulheres como narradoras para o campeonato. Conforme Warken (2018), estando à frente da abertura do

Mundial, a mineira entrou para a história como a primeira brasileira a narrar tal campeonato na televisão, na Fox Sports 2.

Experiente na área, Isabelly não fez sua estreia no Mundial. Em entrevista<sup>62</sup> à revista M de Mulher, a jovem de 20 anos contou que já narrava na Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte. Sua estreia foi no dia 7 novembro de 2017 e, com isso, entrou para a história de seu Estado como a primeira mulher a narrar um jogo na capital mineira, segundo Pires (2018).

A estreia de Isabelly foi na segunda divisão do Campeonato Brasileiro, quando esteve à frente da jornada esportiva na partida em que o América-MG derrotou o ABC por 2 a 0. Mesmo mostrando competência e recebendo diversos elogios, o machismo também marcou presença no pós-jogo. Em entrevista ao El País<sup>63</sup>, ela explanou o preconceito sofrido, mas mostrou-se otimista.

Teve um cara que disse: 'tira essa puta daí'. Enquanto a narração dos homens é avaliada pela qualidade, muita gente me critica simplesmente por ser mulher. Óbvio que é diferente uma voz feminina nos jogos. Tudo que é novo causa estranheza. Ao longo de 20 Copas do Mundo, por exemplo, só os homens narraram aqui no Brasil. Não deveria ser estranho uma mulher narrando futebol no rádio ou na televisão. Mas acredito que essa cultura está mudando. Um dia vai ser natural ouvir um jogo com a narração de mulheres (MORAIS, 2018).

Em setembro de 2019, a plataforma esportiva DAZN também anunciou uma narradora, a primeira do canal. Natália Lara fez sua estreia no dia 5 de outubro do mesmo ano, no jogo entre Santos e Juventus, pelo Paulista sub-20. Na ocasião, a equipe santista ficou com a vitória pelo placar de 1 a 0. Em entrevista ao Portal Uol<sup>64</sup>, a jornalista expressou seus sentimentos ao contar a história da partida, "Eu me sinto grata e honrada por acreditarem no meu trabalho, e tenho certeza de que vamos escrever muita história juntos" (LARA, 2019).

No Rio Grande do Sul, a Rádio Grenal também lançou uma equipe inteiramente feminina para a jornada esportiva do Gre-Nal válido pelo Gauchão

---

<sup>62</sup> Entrevista disponível em:

<https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/isabelly-morais-quem-e-a-1a-mulher-brasileira-a-narrar-a-copa-na-tv/>. Acesso em: 02 de out de 2019

<sup>63</sup> Entrevista disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/24/deportes/1529866954\\_045222.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/24/deportes/1529866954_045222.html). Acesso em 02 de out de 2019

<sup>64</sup> Entrevista disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/09/30/natalia-lara-dazn-contrata-primeira-mulher-como-narradora-de-futebol.htm>. Acesso em 02 de nov de 2019.

Feminino, em 21 de setembro de 2019. A narradora Valéria Possamai esteve à frente da transmissão, ao lado das repórteres Ana Carolina Aguiar e Bárbara Assmann. Entretanto, esta não foi sua primeira experiência na área<sup>65</sup>.

A minha primeira experiência ocorreu em 2018. Na ocasião, eu narrei um jogo pela faculdade, quando transmitimos a Copa dos Refugiados. Já neste primeiro episódio, foi uma grande experiência e foi muito difícil porque ainda não tinha noções de como lidar com microfone e tudo mais. Por mais que você assista e tenha entendimento sobre futebol é totalmente diferente. (POSSAMAI, 2019)

No entanto, estar à frente da narração no Gre-Nal feminino foi diferente. Segundo Possamai (2019), saber que muitas pessoas estariam a ouvindo causou um nervosismo maior. Sendo assim, a preparação foi de suma importância.

Durante o processo, eu procurei ao máximo conhecer às jogadoras, algumas já conhecidas, e entender a formação em campo. Vi vários jogos, fui em treino e conversei com as assessoras de futebol feminino de Grêmio e Inter. (POSSAMAI, 2019)

A diretora da Rádio Grenal, Marjana Vargas, explicou que não é possível definir quando haverá uma nova jornada composta apenas por mulheres<sup>66</sup>, “Quanto ao futuro, vamos aguardar. Não falo de assunto escalas, porque é assunto interno”. (VARGAS, 2019)

A jornalista Renata de Medeiros, da Rádio Gaúcha, foi a primeira repórter de campo da emissora que tem 92 anos de história. O feito aconteceu em 31 de agosto de 2019, na partida entre Internacional e Botafogo, pelo Campeonato Brasileiro. De acordo com Medeiros (2019)<sup>67</sup>, é crucial que haja mulheres como chefes de redação, para que assim o número de representantes do sexo feminino aumente gradualmente.

Ainda faltam mulheres assumindo posições de chefia e de gestão, que possam contratar mais mulheres para o jornalismo esportivo. Com relação aos profissionais, acredito que com esse movimento vão surgir mais meninas interessadas em jornalismo esportivo nas faculdades e, com isso, o número de oferta, de estudante de jornalismo mulheres interessadas em jornalismo esportivo, vai ser maior. (MEDEIROS, 2019)

Por estarmos vendo as primeiras mulheres fazendo história em áreas do jornalismo esportiva neste momento, o tema despertou o interesse da acadêmica.

---

<sup>65</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Valéria Possamai, em outubro de 2019.

<sup>66</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Marjana Vargas, em outubro de 2019.

<sup>67</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Renata de Medeiros, em outubro de 2019.

Em Caxias do Sul, por exemplo, não há representantes do sexo feminino trabalhando nesta área. Apenas dois meios de comunicação têm profissionais direcionados ao jornalismo esportivo.

Na Rádio Caxias, há transmissão de todos os jogos que envolvem a dupla Caxias e Juventude. Entretanto, toda a equipe de jornada é masculina. Há dois narradores: Gilberto Júnior e Daniel Felix; dois comentaristas: Rafael Baungarten e Luizinho da Veiga; dois repórteres: Bruno Mucke e Rafael Zanol; e, por fim, dos plantonistas: Bruno Caldart e Cristiano Gauer.

Um dos motivos para a falta de representatividade, segundo Júnior (2019)<sup>68</sup>, é a falta de referência. No entanto, ele acredita que esse seja um problema de todas as minorias.

(...) a partir do momento que a gente vai criando as referências, a gente vai encontrar novas jornalistas. Mas é uma questão de sociedade que acaba respingando na comunicação. (...) Isso vale para qualquer minoria. A partir do momento que passa a ter referências, passa a haver novas pessoas interessadas. (JÚNIOR, 2019)

Na Rádio Gaúcha Serra, a mesma equipe que, esporadicamente, realiza jornadas esportivas, alimenta o Jornal Pioneiro com informações sobre os times da Serra Gaúcha. O time é composto por cinco homens: o editor-chefe Maurício Reolon; o narrador Eduardo Costa; e os repórteres: Cristiano Daros, Marcelo Rocha e Pedro Petrucci.

Costa (2019)<sup>69</sup> entende que este seja um problema antigo que vem sendo corrigido com o passar dos tempos. No entanto, ainda há muito a evoluir neste quesito.

O jornalismo esportivo tem registrado uma maior participação de mulheres, porém ainda há muito trabalho a ser feito para que realmente haja uma igualdade em oportunidades. Isso passa por uma conscientização maior de todos e por uma educação das novas gerações. (COSTA, 2019)

Nas 15 cidades da Serra Gaúcha mais populosas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>70</sup>, há 35 rádios afiliadas a Associação

---

<sup>68</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Gilberto Júnior, em outubro de 2019.

<sup>69</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Eduardo Costa, em novembro de 2019.

<sup>70</sup> A última estimativa do IBGE em relação a população brasileira foi divulgada em 2019. Ela está disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/panorama>. Acesso em 02 de nov de 2019.

Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (AGERT)<sup>71</sup>, destas, 13 responderam a pesquisa afirmando realizar jornadas esportivas.

Tabela 1 – Representatividade feminina nas jornadas esportivas das cidades mais populosas da Serra Gaúcha

(continua)

	<b>Número de habitantes</b>	<b>Rádios afiliadas a AGERT</b>	<b>Realizam jornadas esportivas</b>	<b>Apresentam mulheres na equipe</b>
Caxias do Sul	510.906	Rádio Caxias FM	Rádio Caxias FM	-
		Rádio Cidade AM	-	-
		Rádio Mais Nova	-	-
		Rádio São Francisco AM	-	-
		Rádio UCS FM	-	-
		Rádio Gaúcha Serra	Rádio Gaúcha Serra	-
Bento Gonçalves	120.454	Rádio Amizade AM	-	-
		Rádio Difusora AM	Rádio Difusora AM	-
		Rádio Jovem Pan Serra Gaúcha FM	-	-
		Rádio Rainha FM	-	-
		Rádio UCS FM	-	-

<sup>71</sup> Todas as emissoras afiliadas à AGERT estão disponíveis no link: <https://www.agert.org.br/index.php/agert/associados>. Acesso em 16 de ago de 2019

Farroupilha	72.331	Rádio Miriam AM	-	-
		Rádio Espaço FM	-	-
		Rádio Viva FM	-	-
Vacaria	66.218	Rádio Esmeralda FM	Rádio Esmeralda FM	-
		Rádio Mais Nova FM	-	-
		Tua Rádio Fátima FM	Tua Rádio Fátima FM	-
		Rádio UCS FM	-	-
Canela	44.998	Rádio Clube de Canela AM/FM	-	-
Gramado	36.232	Rádio Sorriso FM	-	-
Garibaldi	35.070	Rádio Garibaldi AM	Rádio Garibaldi AM	-
Flores da Cunha	30.745	Rádio Amizade FM	-	-
		Rádio Mãe de Deus AM	-	-
		Rádio Solaris Flores FM	Rádio Solaris Flores FM	-
Carlos Barbosa	29.833	Rádio Estação FM	Rádio Estação FM	Bernardete Maria Wons (plantonista)

Lagoa Vermelha	27.807	Rádio Mais Nova FM	-	-
		Tua Rádio Cacique FM	Tua Rádio Cacique FM	-
Nova Prata	27.575	Rádio Prata AM	-	-
		Rádio Coroados FM	-	-
Veranópolis	26.241	Rádio Comunidade FM	Rádio Comunidade FM	-
		Rádio Mais Nova FM	-	-
		Tua Rádio Veranense FM	Tua Rádio Veranense FM	-
Guaporé	25.727	Rádio Aurora FM	Rádio Aurora FM	-
		Rádio Liberal FM	Rádio Liberal FM	-
São Francisco de Paula	21.710	-	-	-
São Marcos	21.556	Rádio Diplomata AM	-	-

Apenas uma das 15 rádios mais populosas da Serra Gaúcha conta com mulher na equipe que realiza as jornadas esportivas. É o caso da rádio Estação, de

Carlos Barbosa, que tem a jornalista Bernardete Maria Wons como plantonista há 12 anos<sup>72</sup>.

Em relação a falta de representatividade, Wons (2019) crê que isso ocorra devido ao machismo que ainda está impregnado na sociedade.

Por causa do pensamento retrógrado de alguns que acham que mulher não entende de esporte, e não irá se destacar na área. E também pelo machismo existente, não só nessa área de trabalho como em outras. Como mencionei acima, não passei por isso até o momento nesta profissão, sempre fui muito bem acolhida e tive a colaboração dos colegas. (WONS, 2019).

Diante de falta de representatividade feminina, esta pesquisa tentará explicar os motivos que distanciam as mulheres do jornalismo esportivo. Conforme o levantamento realizado pela estudante, e disponível nos anexos, em que todas as rádios afiliadas à AGERT indicaram se realizam jornadas esportivas e se contam com mulheres nesta equipe, foi possível detectar que no rádio há uma barreira em inserir as representantes do sexo feminino na editoria de esporte. Para tanto, viu-se a necessidade de abordar tal assunto.

---

<sup>72</sup> Informação concedida por meio de entrevista com Bernardete Maria Wons, em setembro de 2019.

#### **4 QUESTÃO NORTEADORA**

Por que não há mulheres narrando futebol no Rio Grande do Sul?

## **5 HIPÓTESES**

Não há mulheres à frente das jornadas esportivas, no Rio Grande do Sul, por conservadorismo das emissoras de rádio?

O número de representantes do sexo feminino ainda não é expressivo por falta de interesse das mesmas?

O preconceito ainda impede que mulheres assumam o lugar de destaque no jornalismo esportivo, especialmente nas jornadas esportivas?

## **6 OBJETIVOS**

### **6.1 Objetivo geral**

Entender porque não há mulheres no centro das jornadas esportivas, nas rádios do Rio Grande do Sul.

### **6.2 Objetivos específicos**

Verificar quais rádios trabalham com jornadas esportivas regularmente.

Explicar a importância da representatividade feminina nas jornadas esportivas.

Entrevistar mulheres, que trabalham com futebol no Rio Grande do Sul, e narradores do Estado.

Perceber as justificativas que excluem a mulher da função de narradora.

## **7 METODOLOGIA**

Trata-se do detalhamento dos passos que serão seguidos na pesquisa, por meio das técnicas propícias para tal. De acordo com Kauark e col. (2010, p. 53), “a metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa”. Sendo assim, por meio dela, há a descrição de todos os recursos utilizados para desenvolver o estudo.

Neste trabalho, a pesquisa qualitativa, realizada por meio de questionários aplicados à jornalistas do Rio Grande do Sul, e um levantamento com a presença feminina em todas as rádios do Estado, afiliadas à Agert, foram os métodos escolhidos.

Inicialmente, uma tabela com as informações básicas de todas as rádios afiliadas a Agert foi elaborada. Por meio dela, o contato inicial com as emissoras foi realizado e, assim, o levantamento que representa a presença feminina nas mesmas foi possível.

Através deste, também foi viável identificar quem eram essas mulheres e entrar em contato com elas, para questioná-las sobre a importância da representatividade no jornalismo esportivo e quais os motivos, de acordo com a opinião das mesmas, para ainda não haver uma igualdade numérica, no Rio Grande do Sul. Ainda com essa temática, narradores do Estado foram ouvidos para expressar suas opiniões sobre o tema e explicarem quais as atribuições de um profissional de sucesso à frente das jornadas esportivas, como narrador.

### **7.1 Método**

O método é a forma utilizada para ter êxito na pesquisa, possibilitando as respostas para os questionamentos levantados na escolha do tema. Neste trabalho, o método escolhido para desenvolver a pesquisa foi o dedutivo.

No método dedutivo, a racionalização ou a combinação de ideias em sentido interpretativo têm mais valor que a experimentação caso a caso, ou seja, utiliza-se a dedução, raciocínio que caminha do geral para o particular. (KAUARK e col, 2010, p. 67)

Este método deve-se ao tipo de pesquisa escolhida para desenvolver o trabalho. Neste caso, a pesquisa qualitativa foi utilizada. Ela é composta por opiniões distintas sobre o mesmo tema. Sendo assim, as ideias similares ou

completamente dessemelhantes dos jornalistas esportivas, que exercem suas profissões no Rio Grande do Sul, serão agrupadas e minuciosamente analisadas.

## **7.2 Pesquisa Qualitativa**

A pesquisa qualitativa foi a forma de estudo escolhida para desenvolver este projeto. Segundo Bauer e Gaskell (2002, p. 23), “a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa soft”.

Este tipo de pesquisa foca-se no levantamento de dados, por meio de questionários realizados através de entrevistas em profundidade. Para tal, é necessário, primeiramente, definir o tema e as fontes que sejam capazes de colaborar para o estudo, para, em seguida, realizar a pesquisa.

Sendo assim, primeiro foi identificado o público que apresenta vivência em jornadas esportivas. Ou seja, narradores e repórteres que desempenham funções em rádios do Rio Grande do Sul. Estes foram escolhidos com o intuito de compreender a ausência de mulheres nessa área.

O contato com eles foi realizado e, entrevistas, nas formas presencial e online, foram aplicadas. Conforme Kauark e col. (2010, p. 64), “para que a entrevista se efetive com sucesso é necessário ter um plano para a entrevista, de forma que as informações necessárias não deixem de ser colhidas”.

A partir disso, os questionamentos foram elaborados, a fim de contemplar as áreas de atuação dos entrevistados (onde já trabalharam, já pensaram em ingressar na narração), preconceitos sofridos durante a jornada de trabalho (machismo, indireto ou direto) e atributos necessárias para estar à frente de uma jornada esportiva.

Por meio disso, foi possível identificar quais os principais fatores que impedem a igualdade de representantes de ambos os sexos nas jornadas esportivas do Estado, e os motivos que afastam as mulheres das narrações, sejam eles impostos pela sociedade ou não.

## **7.3 Pesquisa Bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica é o primeiro passo para o planejamento dos trabalhos de pesquisa. De acordo com Lakatos e Marconi, (2019, p. 33), “é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos.

Por meio da pesquisa bibliográfica, é possível desenvolver o referencial teórico para elaborar o estudo. De acordo com Stumpf (2014, p.51),

É um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e perceber à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.

Conforme Lakato e Marconi (2019), a pesquisa bibliográfica é formada por oito etapas, responsáveis por estruturar o resultado final. Iniciando pela escolha do tema que, de acordo com Lakato e Marconi (2019, p. 33), o acadêmico deve evitar temas recentemente pesquisados, pois a repetição “torna difícil uma nova abordagem”.

O processo passa ainda por elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação e, por fim, redação. A última etapa refere-se ao tipo de pesquisa que está sendo realizada. Segundo Lakato e Marconi (2019, p. 33), “varia de acordo com o tipo de trabalho científico que se deseja apresentar”. Neste caso, trata-se de uma monografia.

A fim de elaborar este trabalho, foram escolhidos referenciais que tratam de jornalismo e jornalismo esportivo, rádio, abordando a representatividade feminina nestes meios.

#### **7.4 Análise de entrevistas**

A análise, nesta pesquisa, será realizada nas entrevistas aplicadas à jornalistas do Rio Grande do Sul que tenham algum embasamento para falar sobre a representatividade feminina no jornalismo esportivo, especificamente, no meio de comunicação rádio. De acordo com Bardin (2006), a análise de conteúdo divide-se em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação.

A pré-análise consiste na organização. São as ideias iniciais, que ajudarão a construir as fases subsequentes.

Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. (BARDIN, 2006, p. 89)

Esta fase tem três objetivos, segundo Bardin (2006, p. 89), “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final”.

Sendo assim, entende-se que, primeiramente, o pesquisador precisa definir se os conteúdos escolhidos para analisar necessitam de pesquisa qualitativa ou quantitativa, por meio dos objetivos estipulados e das hipóteses levantadas. Neste caso, a pesquisa qualitativa foi escolhida, pois os entrevistados precisam ter conhecimento de causa, ou seja, saber mais sobre o jornalismo esportivo e a rádio do que leigos. Portanto, o público-alvo são narradores e repórteres que atuam nas jornadas esportivas do Rio Grande do Sul.

Partindo deste pressuposto, podemos seguir em direção à segunda fase, chamada de exploração do material. De acordo com Bardin (2006, p. 95), ela “(...) consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”.

Com isso, entende-se que o pesquisador precisa focar-se nas técnicas e nos materiais coletados, a fim de chegar a próxima fase. Por fim, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, que trata-se da última etapa. Segundo Bardin (2006, p. 95), por meio dela, o pesquisador “(...) pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”.

Por meio desta, entende-se que os resultados obtidos, através das entrevistas, respondem às questões iniciais, fundamentando ou não às hipóteses e objetivos. Sendo assim, o discurso dos entrevistados corrobora para o embasamento teórico da pesquisa. De acordo com Orlandi (2000, p. 64), “todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina a análise e o dispositivo teórico da interpretação que construímos”.

Seguindo o pensamento de Orlandi (2000), entende-se que, neste caso, as respostas dos entrevistados são baseadas nas vivências dos mesmos. Sendo assim, as codificamos conforme as nossas interpretações, que também construímos com o passar dos anos. Isso é possível através de um processo conhecido na comunicação social, “o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade — o referente” (ORLANDI, 2000, p. 21).

Por fim, através deste processo, é possível realizar a análise de conteúdo das entrevistas, buscando embasamento para sustentar os pensamentos iniciais, elaborados na construção estrutural da pesquisa.

## **8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

O referencial teórico foi um dos suportes utilizados para desenvolver esta pesquisa. Sendo assim, alguns autores foram essenciais para ajudar a explicar conceitos fundamentais relacionados ao tema.

### **8.1 Jornalismo**

O livro *O quarto poder (2015)*, de Paulo Henrique Amorim, trata da história do jornalismo, utilizando-se de memórias do conceituado profissional que o escreve. Os bastidores são expostos e, por meio dele, é possível compreender como funcionam os meios de comunicação e como as notícias nascem.

### **8.2 Rádio**

A obra *A era do rádio (2004)*, de Lia Calabrese, explica o desenvolvimento do rádio. A autora começa tratando da curiosidade que o meio de comunicação trazia à população, passa pela programação e censura enfrentadas pelo rádio e conclui falando sobre o fenômeno das radionovelas e do repórter Esso.

### **8.3 Jornalismo Esportivo**

*Jornalismo Esportivo (2004)*, de Paulo César Coelho, conta a história do futebol no Brasil. Desde sua chegada, quando poucos acreditavam que se tornaria um esporte popular, até o sucesso e a importância do mesmo. Durante o livro, o autor também faz referência a presença da mulher neste mundo e relatando a presença do machismo em redações. Por meio desta obra, é possível compreender, inclusive, a notabilidade de um narrador, visto que Galvão Bueno, e a emoção imposta nas jornadas esportivas, é um dos temas destacados.

### **8.4 Feminismo**

*Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher, 1850 a 1940 (2003)*, de June Hahner aborda toda a história do feminismo. Abordando a importância do termo, para que as mulheres conquistassem espaço e fizessem com que suas vozes fossem ouvidas. A obra trata das dificuldades vividas pelo sexo feminino desde os anos 1850 até 1940.

*Breve história do feminismo no Brasil (1993)*, de Maria Amélia de Almeida Teles, resume a luta das mulheres em busca de seus direitos. A adesão ao feminismo e a importância disso para que a representatividade ganhasse voz, no Brasil, é o tema central da obra.

### **8.5 Futebol**

*Futebol e seus fundamentos (2013)*, de Paulo Sergio Martins e Marco Aurélio Paganella trata da teoria do esporte. Explicando como é praticado e as variações do mesmo. Além dele, há também uma ênfase às partes táticas e funções de cada jogador. Inclusive, enfatizando regras e campeonatos disputados pelas equipes.

## **9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS**

1. INTRODUÇÃO
2. JORNALISMO
3. JORNALISMO ESPORTIVO
  - 3.1 HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL
  - 3.2 HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO
  - 3.3 HISTÓRIA DO RÁDIO
  - 3.4 JORNADAS ESPORTIVAS
  - 3.5 PRESENÇA DO NARRADOR
  - 3.6 LIGAÇÃO ENTRE O RÁDIO E AS CLASSES MAIS BAIXAS
4. REPRESENTATIVIDADE FEMININA
  - 4.1 A MULHER NA SOCIEDADE
  - 4.2 A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO
5. METODOLOGIA
6. ANÁLISE
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS
8. REFERÊNCIAS

## 10 CRONOGRAMA

	JAN	FEV	1ª e 2ª MAR	3ª e 4ª MAR	1ª e 2ª ABR	3ª e 4ª ABRI	1ª e 2ª MAI	3ª e 4ª MAI	1ª e 2ª JUN	3ª e 4ª JUN	JUL
Capítulo 4	x	x									
Capítulo 2			x								
Capítulo 3				x	x						
Capítulo 5						x					
Introdução							x				
Conclusão							x				
Análise								x	x		
Revisão										x	
Defesa da mono II											x

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ARAÚJO, Tâmara; BEZERRA, Beatriz; FERREIA, Gleyson. **Educação sexista e suas influências na definição das brincadeiras infantis**. Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em:  
<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7436/pdf>. Acesso em 03 de nov. 2019.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa e comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2014.
- DAS, André. **Seleção feminina dos EUA processa federação de futebol por discriminar gêneros**. Disponível em:  
<https://oglobo.globo.com/celina/selecao-feminina-dos-eua-processa-federacao-de-futebol-por-discriminar-generos-23508551>. Acesso em 15 de fev. de 2020.
- ESCUDEIRO, Leo. **Por que a seleção feminina dos EUA recebe menos que a masculina se gera mais dinheiro?** Disponível em:  
<https://trivela.com.br/por-que-selecao-feminina-dos-eua-recebe-menos-que-masculina-se-gera-mais-dinheiro/>. Acesso em 15 de out. 2020.
- FARIA, Bob. **Grito de Gol: as vozes da emoção na TV**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2011.
- HAHNER, June. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher, 1850 a 1940**. 1. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.
- KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda; MEDEIROS, Carlos. **Método da pesquisa: um guia prático**. 1. ed. Bahia: Itabuna, 2010.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiofusão**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas. 2019.

LIMA, Cecília; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya. **Elas e o futebol**. 1. ed. João Pessoa: Xeroca!, 2019.

LOZETTI, Alexandre; KESTELMAN, Amanda; FERNANDEZ, Martín. **Campeões mundiais: veja lista de títulos da Copa do Mundo**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/franca-bate-a-croacia-e-e-bicampea-veja-lista-de-titulos-da-copa-do-mundo.ghtml>. Acesso em 15 de fev. de 2019.

MENDONÇA, Renata. **2018 foi o ano das mulheres no Jornalismo Esportivo**.

Disponível em:

<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/27/2018-foi-o-ano-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/>. Acesso em 02 de out. 2019.

MICHELETTI, Marcos. **Zuleide Ranieri: primeira mulher a narrar futebol no**

**Brasil**. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/zuleide-ranieri>. Acesso em 02 nov. 2019.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2000.

PAINS, Clarissa; COSTA, Daiane. **Por que Marta não tem patrocínio e ganha menos de 1% do salário de Neymar?** Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/celina/por-que-marta-nao-tem-patrocinio-ganha-menos-de-1-do-salario-de-neymar-23746450>. Acesso em 04 set.2019.

PIRES, Breiller. **“Um dia vai ser natural ouvir um jogo com a narração de mulheres”**. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/24/deportes/1529866954\\_045222.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/24/deportes/1529866954_045222.html). Acesso em 02 out. 2019.

TELES, Maria. **Breve história do feminismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

WARKEN, Júlia. **Isabelly Moraes: quem é a 1ª mulher brasileira a narrar a Copa na TV**. Disponível em:

<https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/isabelly-morais-quem-e-a-1a-mulher-brasileira-a-narrar-a-copa-na-tv/>. Acesso em 02 de out. 2019.

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS ENTREVISTADOS

### **Para narradores:**

Nome:

Idade:

Rádio que trabalha:

Tempo que trabalha em rádio:

Quando começou a se interessar por narração?

Quando começou a narrar?

Começou a trabalhar em que área do jornalismo?

Como começou a se preparar para ser narrador?

O que é necessário para ser um bom narrador?

Conhece alguma narradora?

Por que tu acha que tem poucas mulheres na área?

### **Para repórteres:**

Nome:

Idade:

Rádio que trabalha:

Tempo que trabalha em rádio:

Já sofreu com machismo, na profissão?

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo?

Já pensou em ser narradora? O que acha da hipótese?

Conhece alguma narradora?

O que é necessário para ser um bom narrador?

Por que tu acha que a representatividade feminina ainda é pequena no jornalismo esportivo?

**ANEXO A - TABELA COM RÁDIOS AFILIADAS A AGERT NO ESTADO**

		Contato	Narração	Reportagem	Comentário	Plantão	Produção	Jornada Esportiva
<b>AGUDO</b>	<b>Rádio Agudo FM</b>	(55) 3265-1112	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Alegrete AM</b>	(55) 3422-1600	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>ALEGRETE</b>	<b>Rádio Minuano FM</b>	(55) 3422-3788	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Nativa FM</b>	(55) 3422-2336	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>ALPESTRE</b>	<b>Rádio Ponto Norte FM</b>	(55) 3796-1440	-	-	-	SIM	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Mais Nova FM</b>	(54) 3371-0300	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>ALVORADA</b>	<b>Tua Rádio Alvorada FM</b>	(54) 3371-0300	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>AMARAL FERRADOR</b>	<b>Rádio São José FM</b>	(51) 3670-1040	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>ANTA GORDA</b>	<b>Rádio Cultura de Anta Gorda FM</b>	(51) 3756-1284	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

<b>ANTÔNIO PRADO</b>	<b>Rádio Solaris FM</b>	(54) 3293-1110	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>ARATIBA</b>	<b>Rádio Aratiba AM</b>	(54) 3376-1138	-	-	-	-	-	(realizam jornadas esporadicamente)
<b>ARROIO DO MEIO</b>	<b>Rádio Emoção FM</b>	(51) 3716-2472	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>ARROIO GRANDE</b>	<b>Rádio Difusora FM</b>	(53) 3262-1008	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>ARVOREZI NHA</b>	<b>Rádio Cultura de Arvorezinha AM/FM</b>	(51) 3772-2129	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Antena 1 Bagé FM</b>	(53) 3241-2069	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Clube FM</b>	(53) 3311-2905	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>BAGÉ</b>	<b>Rádio Cultura de Bagé AM</b>	(53) 3242-1211	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Delta FM</b>	(53) 3242-5211	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Difusora FM</b>	(53) 3242-5211	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

	<b>Rádio Amizade AM</b>	(54) 3455-3999	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Difusora AM</b>	(54) 3452-7777	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>BENTO GONÇALVES</b>	<b>Rádio Jovem Pan Serra Gaúcha FM</b>	(54) 3455-3950	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Rainha FM</b>	(54) 3455-4530	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio UCS FM</b>	(54) 3451-9932	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>BUTIÁ</b>	<b>Rádio Sobral AM</b>	(51) 3652-1140	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Cachoeira FM</b>	(51) 3722-0300	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>CACHOEIRA DO SUL</b>	<b>Rádio Fandangão AM/FM</b>	(51) 3722-3622	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio GVC FM</b>	(51) 3722-9696	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Vale FM</b>	(51) 3723-6151	-	-	-	-	-	(realizam jornadas esporadicamente)
<b>CACHOEIRINHA</b>	<b>Rádio Metrópole AM</b>	(51) 3421-1922	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

<b>CACIQUE DOBLE</b>	<b>Rádio Regional FM</b>	(54) 3552-1040	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>CAIBATÉ</b>	<b>Rádio Caibate FM</b>	(55) 3355-1335	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>CAMAQUÃ</b>	<b>Rádio Acústica FM</b>	(51) 3671-0509	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>CAMPINA DAS MISSÕES</b>	<b>Rádio Ativa FM</b>	(55) 3567-1300	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>CAMPO BOM</b>	<b>Rádio Cinderela AM</b>	(51) 3598-5047	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>CANDELÁRIA</b>	<b>Rádio Princesa AM</b>	(51) 3743-1031	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Sorriso FM</b>	(51) 3743-3235	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>CANELA</b>	<b>Rádio Clube de Canela AM/FM</b>	(54) 3282-3139	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>CANGUÇU</b>	<b>Rádio Liberdade AM</b>	(53) 3252-1515	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>CAPÃO DA CANOA</b>	<b>Rádio Horizonte AM</b>	(51) 3625-2300	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Praia FM</b>	(51) 3218-2611	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

<b>CARAZINHO</b>	<b>Rádio Diário AM</b>	(54) 3329-9666	-	SIM	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Gazeta FM/AM</b>	(54) 3329-9666	-	-	-	-	-	(realizam jornadas esporadicamente)
<b>CARLOS BARBOSA</b>	<b>Rádio Estação FM</b>	(54) 3461-9700	-	-	-	SIM	-	(tem jornada esportiva)
<b>CATUÍPE</b>	<b>Rádio Águas Claras AM</b>	(55) 3336-1328	-	-	-	-	-	(realizam jornadas esporadicamente)
	<b>Rádio Caxias FM</b>	(54) 3289-3000	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Cidade Caxias AM</b>	(54) 3289-3030	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Mais Nova FM</b>	(54) 3220-9400	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>CAXIAS DO SUL</b>	<b>Rádio São Francisco AM</b>	(54) 3220-9400	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio UCS FM</b>	(54) 3218-2194	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Gaúcha Serra</b>	(54) 3209-8421	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>CHAPADA</b>	<b>Rádio Simpatia AM/FM</b>	(54)33 33-13 38	-	-	-	SIM	-	(tem jornada esportiva)

<b>CONSTANTINA</b>	<b>Rádio Atlântica FM</b>	(54) 3363-1330	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>CRISSIUMAL</b>	<b>Rádio Metrópol e Crissiumal AM</b>	(55) 3524-1212	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Cruz Alta AM</b>	(55) 3322-3072	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>CRUZ ALTA</b>	<b>Rádio Independente AM</b>	(55) 3321-1803	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Pop Rock FM</b>	(55) 3322-3072	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>DAVID CANABARRO</b>	<b>Rádio Amizade FM</b>	(54) 3351-1277	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>DOM PEDRITO</b>	<b>Rádio Sulina AM</b>	(53) 3243-3110	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Uparacáí AM</b>	(53) 3243-2658						(não tem jornada esportiva)
<b>ENCANTADO</b>	<b>Rádio Encantado AM</b>	(51) 3751-1580	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Encanto FM</b>	(51) 3751-1922	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

	<b>Rádio Difusão AM/FM</b>	(54) 3321-2243	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>ERECHIM</b>	<b>Rádio Erechim AM</b>	(54) 3522-1289	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Virtual FM</b>	(54) 3522-1166	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>ESPUMOSO</b>	<b>Rádio Líder FM</b>	(54) 3383-3600	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Planetário AM</b>	(54) 3383-3600	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>ESTRELA</b>	<b>Rádio Sorriso FM</b>	(51) 3712-1311	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio do Vale AM</b>	(51) 3720-3679	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Miriam AM</b>	(54) 3260-5151	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>FARROUPILHA</b>	<b>Rádio Espaço FM</b>	(54) 3268-2100	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Viva FM</b>	(54) 3268-8100	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>FAXINAL DO SOTURNO</b>	<b>Rádio La Sorella FM</b>	(55) 3263-2102	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio São Roque FM</b>	(55) 3263-1021	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)

<b>FELIZ</b>	<b>Rádio Vale Feliz FM</b>	(51) 3637- 1711	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Amizade FM</b>	(54) 3292- 8470	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>FLORES DA CUNHA</b>	<b>Rádio Mãe de Deus AM</b>	(54) 3292- 2311	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Solaris Flores FM</b>	(54) 3292- 5747	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>FONTOUR A XAVIER</b>	<b>Rádio Cultura de Fontoura Xavier FM</b>	(54) 3389- 1110	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>GARIBALDI</b>	<b>Rádio Garibaldi AM</b>	(54) 3464- 7500	-	-	-	-	-	(realizam jornadas esporadicamente)
<b>GAURAMA</b>	<b>Rádio Gaurama AM</b>	(54) 3321- 2243	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>GETÚLIO VARGAS</b>	<b>Rádio Sideral AM</b>	(54) 3341- 1554	-	-	-	-	-	(realizam jornadas esporadicamente)
<b>GLORINHA</b>	<b>Rádio Sorriso FM</b>	(51) 3487- 1250	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

<b>GRAMADO</b>	<b>Rádio Sorriso FM</b>	(54) 3286-5156	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>GUAPORÉ</b>	<b>Rádio Aurora FM</b>	(54) 3443-1212	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Liberal FM</b>	(54) 3443-2030	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>GUARANI DAS MISSÕES</b>	<b>Rádio Guaramano</b>	(55) 3353-1721	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>HUMAITÁ</b>	<b>Rádio Alto Uruguai FM</b>	(55) 3525-1212	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>IBIAÇÁ</b>	<b>Rádio Cristalina FM</b>	(54) 3374-1058	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>IBIRUBÁ</b>	<b>Rádio Ibirubá FM</b>	(54) 3324-1758	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>IGREJINHA</b>	<b>Rádio Amizade FM</b>	(51) 3545-2300	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Iguatemi FM</b>	(55) 3332-7744	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Jornal da Manhã AM</b>	(55) 3331-0301	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

<b>IJUÍ</b>	<b>Rádio Mundial FM</b>	(55) 3332-9922	-	SIM	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Progresso de Ijuí AM</b>	(55) 3332-9999	-	SIM	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Repórter FM</b>	(55) 3305-0607	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>IMBÉ</b>	<b>Rádio Litoral Jovem Pan AM</b>	(51) 3627-1988	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>IRAÍ</b>	<b>Rádio Marabá AM</b>	(55) 3745-1444	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>ITAQUI</b>	<b>Rádio Pitangueira AM/FM</b>	(55) 3433-2292	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>JAGUARI</b>	<b>Rádio Jaguari FM</b>	(55) 3255-1474	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>JÚLIO DE CASTILHOS</b>	<b>Rádio Itapuã FM</b>	(55) 3271-1407	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio 14 de Julho AM</b>	(55) 3271-1414	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>LAGOA VERMELHA</b>	<b>Rádio Mais Nova FM</b>	(54) 3358-6901	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Tua Rádio</b>	(54) 3358-6900	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)

	<b>Cacique FM</b>							
	<b>Rádio Independente AM</b>	(51) 3710-4900	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>LAJEADO</b>	<b>Rádio Tropical FM</b>	(51) 3710-4911	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Univates FM</b>	(51) 3714-7044	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>MACHADINHO</b>	<b>Rádio Club FM</b>	(54) 3551-1026	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>MARCELINO RAMOS</b>	<b>Rádio Salette AM</b>	(54) 3372-1389	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>MATO LEITÃO</b>	<b>Rádio Arauto FM</b>	(51) 3718-3400	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>MONTENEGRO</b>	<b>Rádio Jovem Pan Grande Porto Alegre FM</b>	(51) 3649-8899	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>NÃO-ME-TOQUE</b>	<b>Rádio Ceres AM</b>	(54) 3332-1488	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Magia FM</b>	(54) 3332-1234	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

<b>NONOAI</b>	<b>Rádio Clube Nonoai AM</b>	(54) 3362-1384	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>NOVA PETRÓPOLIS</b>	<b>Rádio Imperial FM</b>	(54) 3281-2300	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>NOVA PRATA</b>	<b>Rádio Prata AM</b>	(54) 3242-1648	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Coroados FM</b>	(54) 3242-1644	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio 88.7 FM</b>	(51) 3273-8500	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio ABC AM</b>	(51) 3594-0458	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>NOVO HAMBURG O</b>	<b>Rádio Alegria FM</b>	(51) 3594-6222	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Felicidade FM</b>	(51) 3595-2914	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio União FM</b>	(51) 3594-8181	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>OSÓRIO</b>	<b>Rádio Jovem Pan FM</b>	(51) 3663-1988	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Osório FM</b>	(51) 3663-3435	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>PALMEIRA DAS MISSÕES</b>	<b>Rádio Difusora FM</b>	(55) 3742-1011	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

<b>PALMITINHO</b>	<b>Rádio Chiru AM/FM</b>	(55) 3791-1175	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>PANAMBI</b>	<b>Rádio Panambi AM</b>	(55) 3375-3600	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Sorriso FM</b>	(55) 3375-7100	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>PARAÍ</b>	<b>Rádio Club FM</b>	(54) 3477-2187	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio UPF FM</b>	(54) 3316-8654	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Diário FM</b>	(54) 3311-2430	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>PASSO FUNDO</b>	<b>Rádio Mais Nova FM</b>	(54) 3046-0004	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Planalto FM // Rádio Planalto News</b>	(54) 3045-8850	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Uirapuru</b>	(54) 2104-1600	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Mais Nova FM</b>	(53) 3225-6566	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>PELOTAS</b>	<b>Rádio Pelotense AM</b>	(53) 3222-2212	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)

	<b>Rádio Tupanci AM</b>	(53) 3225-0930	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Universidade AM</b>	(53) 3222-1160	-	SIM	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>PIRATINI</b>	<b>Rádio Nativa FM</b>	(53) 3257-1744	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>PLANALTO</b>	<b>Rádio Ametista AM</b>	(55) 3794-1249	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Bandeirantes AM/FM</b>	(51) 2101-0343	-	SIM	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Guaíba AM</b>	(51) 3215-6336	-	SIM	-	-	SIM	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio 104,1 FM</b>	(51) 3218-2525	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Aleluia FM</b>	(51) 3284-0776	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Aliança FM</b>	(51) 3334-5840	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Antena 1 FM</b>	(51) 3222-5786	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Band News FM</b>	(51) 2101-0010	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Caiçara AM</b>	(51) 3218-2525	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>PORTO ALEGRE</b>	<b>Rádio Capital AM</b>	(51) 3284-0779	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

	<b>Rádio Continental FM</b>	(51) 3218-2525	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Eldorado FM</b>	(51) 3218-2525	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Grenal AM</b>	(51) 3218-2525	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Jovem Pan FM</b>	(51) 3218-2525	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Liberdade FM</b>	(51) 3218-2525	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Nossa Rádio FM</b>	(51) 3212-0049	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Pampa AM</b>	(51) 3218-2525	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Gaúcha FM</b>	(51) 3218-4300	-	SIM	-	-	SIM (2)	(tem jornada esportiva)
<b>PORTO LUCENA</b>	<b>Rádio Navegantes AM</b>	(55) 3565-1200	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>QUARAÍ</b>	<b>Rádio Salamanca FM</b>	(55) 3423-3070	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>RESTINGA SECA</b>	<b>Rádio 97,7 Nossa FM</b>	(55) 3261-4570	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Integração AM</b>	(55) 3261-1030	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

	<b>Rádio Cassino AM</b>	(53) 3231-4786	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>RIO GRANDE</b>	<b>Rádio Antena 1 Zona Sul FM</b>	(53) 3231-1818	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Oceano FM</b>	(53) 3231-1818	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>RIO PARDO</b>	<b>Rádio Rio Pardo FM</b>	(51) 3731-1390	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>ROCA SALES</b>	<b>Rádio Onda FM</b>	(51) 3753-1004	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>RODEIO BONITO</b>	<b>Rádio Universal FM</b>	(55) 3798-1535	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>RONDA ALTA</b>	<b>Rádio Máxima FM</b>	(54) 3364-1762	-	SIM	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>ROSÁRIO DO SUL</b>	<b>Rádio Marajá AM</b>	(55) 3231-4141	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SALTO DO JACUÍ</b>	<b>Rádio Geração FM</b>	(55) 3327-1071	-	-	-	-	-	(realizam jornadas esporadicamente)
<b>SANANDUVA</b>	<b>Rádio Mega 95,5 FM</b>	(54) 3343-1438	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)

	<b>Rádio Sananduva FM</b>	(54) 3343-1438	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>SANTA BÁRBARA DO SUL</b>	<b>Rádio Blau Nunes FM</b>	(55) 3372-1435	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SANTA CRUZ DO SUL</b>	<b>Rádio Gazeta AM/FM</b>	(51) 3715-7814	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Santa Cruz AM</b>	(51) 3715-5958	-	SIM	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Antena 1 FM</b>	(55) 3211-5001	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Imembuí FM</b>	(55) 3212-5353	-	SIM	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Medianeira FM</b>	(55) 3222-9500	-	SIM	-	-	-	(realizam jornadas esporadicamente)
<b>SANTA MARIA</b>	<b>Rádio Nativa FM</b>	(55) 3212-7979	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Santamariense AM</b>	(55) 3220-2131	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SANTA ROSA</b>	<b>Rádio Guaira FM</b>	(55) 3512-5757	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Noroeste FM</b>	(55) 3512-5757	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

	<b>Rádio 93 Mais Líder FM</b>	(55) 3241-1071	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SANTANA DO LIVRAMENTO</b>	<b>Rádio Band FM - Fronteira</b>	(55) 3242-4092	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Maratan FM</b>	(55) 3241-1071	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio RCC FM</b>	(55) 3242-2882	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SANTIAGO</b>	<b>Rádio Nova 99 FM</b>	(55) 3251-1792	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Santiago FM</b>	(55) 3251-1487	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Nova FM</b>	(55) 3313-3666	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SANTO ÂNGELO</b>	<b>Rádio Santo Ângelo AM</b>	(55) 3313-2440	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Sepé Tiarajú AM</b>	(55) 3313-3666	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA</b>	<b>Rádio Itapuí AM</b>	(51) 3662-1255	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SANTO AUGUSTO</b>	<b>Rádio Querência AM</b>	(55) 3781-1255	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)

<b>SANTO CRISTO</b>	<b>Rádio Mais FM</b>	(55) 3512-5191	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SÃO BORJA</b>	<b>Rádio Cultura AM</b>	(55) 3431-2244	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Fronteira FM Stéreo</b>	(55) 3431-1993	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>SÃO FRANCISCO DE ASSIS</b>	<b>Rádio Difusão Assisense AM</b>	(55) 3252-1166	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio São Gabriel</b>	(55)3232-9388	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>SÃO GABRIEL</b>	<b>Rádio Batovi AM</b>	(55) 3232-5920	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Band FM - São Gabriel</b>	(55) 3232-5151	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SÃO JOÃO DA URTIGA</b>	<b>Rádio Educadora AM</b>	(54) 3532-1247	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SÃO JOSÉ DO OURO</b>	<b>Rádio Poatã FM</b>	(54) 3352-1108	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SÃO LEOPOLDO</b>	<b>Rádio Nova Progresso 1530 AM</b>	(51) 3031-4443	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

<b>SÃO LOURENÇO DO SUL</b>	<b>Rádio Litoral Sul FM</b>	(53) 3251-2051	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio São Lourenço AM</b>	(53) 3251-1303	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SÃO LUIZ GONZAGA</b>	<b>Rádio Missionária AM</b>	(55) 3352-4141	-	-	-	-	-	(realizam jornadas esporadicamente)
	<b>Rádio São Luiz AM</b>	(55) 3352-4444	-	-	-	-	-	(realizam jornadas esporadicamente)
<b>SÃO MARCOS</b>	<b>Rádio Diplomata AM</b>	(54) 3291-1497	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SÃO SEPÉ</b>	<b>Rádio Cotrisel AM</b>	(55) 3233-1113	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>SARANDI</b>	<b>Rádio Sarandi AM</b>	(54) 3361-5656	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Mais Nova FM</b>	(54) 3361-5656	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>SEBERI</b>	<b>Rádio Fortaleza FM</b>	(55) 3746-1270	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Seberi AM</b>	(55) 3746-1040	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>SERAFINA CORRÊA</b>	<b>Rádio Odisséia FM</b>	(54) 3444-1185	-	SIM	-	-	-	(realizam jornadas)

								esporadicamente)
	<b>Rádio Rosário AM</b>	(54) 3444-1212	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Gazeta FM</b>	(51) 3742-1356	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>SOBRADINHO</b>	<b>Rádio Jacuí FM</b>	(51) 3742-1090	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Sobradinho AM</b>	(51) 3742-1089	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Soledade AM</b>	(54) 3381-1550	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>SOLEDADE</b>	<b>Rádio MaisNova FM</b>	(54)33 81-9100	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Tua Rádio Cristal FM</b>	(54) 3381-9100	-	-	-	SIM	-	(tem jornada esportiva)
<b>TAPEJARA</b>	<b>Rádio Caiobá FM</b>	(54) 3344-1605	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Tapejara AM</b>	(54) 3344-1185	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>TAPERA</b>	<b>Rádio Cultura AM</b>	(54) 3385-1166	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>TAQUARA</b>	<b>Rádio FM 91</b>	(51) 3542-2288	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

	<b>Rádio Taquara AM</b>	(51) 3542-2288	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>TAVARES</b>	<b>Rádio Tarumã FM</b>	(51) 3674-1051	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>TENENTE PORTELA</b>	<b>Rádio Província FM</b>	(55) 3551-1877	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>TEUTÔNIA</b>	<b>Rádio Germânia FM</b>	(51) 3762-1333	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Popular FM</b>	(51) 3762-2440	-	SIM	-	SIM	-	(tem jornada esportiva)
<b>TORRES</b>	<b>Rádio Maristela AM</b>	(51) 3664-4188	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>TRÊS DE MAIO</b>	<b>Rádio Cidade Canção FM</b>	(55) 3535-1799	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Colonial FM</b>	(55) 3535-1022	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>TRÊS PASSOS</b>	<b>Rádio 92,5 FM</b>	(55) 3522-2440	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Difusora Celeiro AM</b>	(55) 3522-1011	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
<b>TUPANCIRETÃ</b>	<b>Rádio Clube Um FM</b>	(55) 3272-1316	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

	<b>Rádio Tupã AM</b>	(55) 3272- 1753	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>URUGUAIANA</b>	<b>Rádio Charrua AM/FM</b>	(55) 3412- 1731	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Líder FM</b>	(55) 3411- 5000	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Esmeralda FM</b>	(54) 3231- 7800	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>VACARIA</b>	<b>Rádio MaisNova FM</b>	(54) 3231- 7500	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Tua Rádio Fátima FM</b>	(54) 3231- 7500	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio UCS FM</b>	(54) 3231- 8100	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Venâncio Aires AM</b>	(51) 3793- 1010	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>VENÂNCIO AIRES</b>	<b>Rádio Terra FM</b>	(51) 3741- 9090	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Vênus FM</b>	(51) 3741- 2100	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)
<b>VERA CRUZ</b>	<b>Rádio Arauto FM</b>	(51) 3718- 3400	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)

	<b>Rádio Comunidade ou 96,1 FM</b>	(54) 3441- 1888	-	sim	-	-		(tem jornada esportiva)
<b>VERANÓPOLIS</b>	<b>Rádio Mais Nova FM</b>	(54) 3441- 3206	-	-	-	-	-	(não tem jornada esportiva)
	<b>Rádio Tua Rádio Veranense FM</b>	(54) 3441- 3200	-	-	-	-	-	(tem jornada esportiva)

## ANEXO B - ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

### Entrevista com Ana Carolina Aguiar

Nome: Ana Carolina Aguiar

Idade: 25 anos

Rádio que trabalha: rádio grenal | FM 95.9

Há quanto tempo trabalha em rádio? 3 anos.

Já sofreu com machismo, na profissão? Sim.

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo? Comentários, reportagem e produção.

Já pensou em ser narradora? O que acha da hipótese?

Sim. Acho uma função extraordinária, a mais difícil do jornalismo esportivo. Já treinei em casa, mas ainda não me sinto preparada para ocupar o cargo. Para exercer a mesma com excelência, é necessário ter muito vocabulário e fôlego, "doutrinar a voz". É um caminho mais longo que demanda uma preparação muito específica, a qual ainda não tive a oportunidade de fazer.

Conhece alguma narradora?

Sim, Valéria Possamai, Clairene Giacobbe e Luciana Mariano.

O que tu acha que é necessário para ser um bom narrador?

Paixão, fôlego, voz, repertório e conhecimento espacial e técnico do campo de jogo.

Por que tu achas que a representatividade feminina ainda é pequena no jornalismo esportivo?

Ainda estamos conquistando nosso espaço na área e o mais difícil é lidar com os preconceitos que ainda existem em relação a mulher no ambiente esportivo. Acredito que o mais complicado agora é conseguir desmistificar o estereótipo feminino quando esse é relacionado as profissionais que atuam no meio para que assim seja possível construir uma imagem mais genuína e livre para as jornalistas esportivas, sem a necessidade de fingir ser algo que não é apenas para satisfazer uma imagem machista. Não devemos nos privar das nossas particularidades apenas para satisfazer um ideal masculino que existe sobre as mulheres no jornalismo esportivo. É necessário preocupar-se apenas com o conteúdo que é explicitado pelo

jornalista, independente do sexo ou orientação, e não com a imagem de quem o coloca em pauta.

### **Entrevista com Maria Angélica Varaschini**

Nome: Maria Angélica Varaschini || Profissional: Angélica Varaschini

Idade: 29 anos

Rádio que trabalha: Rádio Imembuí- Santa Maria

Há quanto tempo você trabalha em rádio?

Trabalho na Rádio desde 2014, quando me formei. Comecei trabalhando na área comercial. No jornalismo Esportivo comecei em 2015.

Já sofreu com machismo, na profissão?

Já, já sofri, principalmente no início da profissão, preconceito até dos próprios colegas

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo?

Na rádio, eu trabalho como setorista da dupla Rio-Nal. Riograndense e Inter SM. Indo em todos os treinos. Produzo e apresento o programa esportivo das emissora e sou responsável pelo esporte em todos os programas da Rádio.

Dias de Jogo: apresento o Pré Jornada e sou repórter de campo nas jornadas esportivas. Em jogos fora de casa, faço os comentários também.

Eu também tenho um blog Esportivo AngelicaFC e um canal no Youtube que fala do futebol do Interior.

Já pensou em ser narradora? O que acha da hipótese?

Pensar já pensei. Até tive a oportunidade de narrar dois jogos de futsal pela TV da Liga Santamariense aqui da cidade, dois jogos do campeonato municipal. Mas foi muito difícil, e não me sai muito bem. É difícil demais narrar, não consigo ter o pique de narradora, mas é algo que eu quero tentar mais vezes. Mas realmente é bem complicado narrar. Mas não descarto a hipótese de tentar algumas vezes não.

Conhece alguma narradora?

Não, não conheço nenhuma narradora mulher.

O que é necessário para ser um bom narrador?

O narrador tem que ter pique. Uma coisa é narrar TV, outra é narrar Rádio. Rádio é bem mais complicado... é mais corrido, tem que detalhar todos os detalhes. Tem que ser os olhos dos ouvintes. Tem que narrar cada detalhe e lance do jogo. O narrador

tem que estar sempre ligado, conectado no jogo. e ter alguns macetes para "decorar" quem é cada jogador. Tem que ter uma perspicácia maior. olhos rápidos. E boa voz né? pq não é fácil gritar gol, tem que ter fôlego.

Por que tu acha que a representatividade feminina ainda é pequena no jornalismo esportivo?

Ela é pequena, mas vem aumentando. Hoje a gente vê mais mulheres nos gramados, e até mesmo nos estúdios falando sobre futebol. São vários fatores que eu acredito que limitam a participação das mulheres: O próprio preconceito que ainda existe; o incentivo acadêmico para essa área no mercado de trabalho; e a própria oportunidade nas empresas. nem todos os veículos de comunicação abrem as portas para uma mulher ingressar nesse meio.

### **Entrevista com Bárbara Pires Assmann**

Nome: Bárbara Pires Assmann

Idade: 20 anos

Rádio que trabalha: Rádio Grenal

Há quanto tempo trabalha em rádio? 1 ano

Já sofreu com machismo, na profissão?

Felizmente de forma direta não, mas de forma indireta sim. Digo aquela que parece mais uma brincadeira. Isso é bem comum.

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo?

Comecei trabalhando com a parte escrita. Fazendo crônicas de jogos e coletivas. Depois entrei para a parte de rádio, fazendo futebol de base. Na Rede Pampa, eu já fiz de tudo. A parte escrita quase todo dia. Já fiz matéria de jogo para a TV e redes sociais para a Rádio Grenal. Agora, participei da primeira jornada feminina do Rádio Gaúcho, só com mulheres!

Já pensou em ser narradora? O que acha da hipótese?

Nunca pensei e não pretendo seguir este caminho. Acho muito difícil e não me identifico, precisa ter o dom! Prefiro a parte de repórter, que é o que eu quero.

Conhece alguma narradora?

Já ouvi falar. Agora, com a transmissão que fizemos só com mulheres, tem a Valéria Possamai.

O que tu acha que é necessário para ser um bom narrador?

Fôlego. Mas, mais que isso, é necessário ter uma boa visão de jogo, conhecer os atletas que estão em campo, estudar e treinar muito. É uma das partes mais difíceis na minha opinião. Tem que ser rápido, preciso e ter o dom. Poucos têm!

Por que tu acha que a representatividade feminina ainda é pequena no jornalismo esportivo?

Conheço muitas meninas que querem esta área. Gente não falta e sim oportunidade. Parece que tem que provar a toda hora que sabe do assunto e que quer. Não é fácil. Quando a mulher percebe isso, acaba desistindo. Conheço muitas em que isso aconteceu. Resumindo, é preciso provar a todo momento que tu sabe e que não é só um "rostinho bonito".

### **Entrevista com Bernardete Maria Wons**

Nome: Bernardete Maria Wons

Idade: 41 anos

Rádio que trabalha: Rádio Estação FM de Carlos Barbosa

Há quanto tempo trabalha em rádio?

17 anos, sendo 12 na Rádio Estação

Já sofreu com machismo, na profissão?

Não

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo?

12 anos que trabalho no plantão esportivo

Já pensou em ser narradora? O que acha da hipótese?

Nunca pensei. Acho que seria mais uma conquista feminina no mundo esportivo, e acrescentaria muito ao meu currículo pessoal e profissional, quem sabe no futuro....

Conhece alguma narradora?

Não

O que é necessário para ser um bom narrador?

Entre tantas qualidades que um bom narrador deve ter, destaco que conhecer todas as regras do esporte, seja no campo ou na quadra, ter uma excelente dicção, e rapidez no pensamento.

Por que tu achas que a representatividade feminina ainda é pequena no jornalismo esportivo?

Por causa do pensamento retrógrado de alguns que acham que mulher não entende de esporte, e não irá se destacar na área. E também pelo machismo existente, não só nessa área de trabalho como em outras. Como mencionei acima, não passei por isso até o momento nesta profissão, sempre fui muito bem acolhida e tive a colaboração dos colegas.

## **Entrevista com Eduardo Costa**

Nome: Eduardo Costa

Rádio que trabalha: Rádio Gaúcha Serra

Há quanto tempo tu trabalha em rádio? Já passou por quantas rádios? E quais são elas?

Trabalho em rádio desde 2012, ou seja, quase oito anos. Se somar o tempo de Webrádio, são 10 anos, pois começamos em 2009. Já trabalhei na Webrádio ManUtd BR (WebRádio de torcedores do Manchester United no Brasil), Rádio Tupanci, Rádio Pelotense, Rádio Caxias e, atualmente, na Rádio Gaúcha Serra.

Quando tu começou a se interessar por narração?

O interesse pela narração surgiu ainda na época de escola. Lembro que nos intervalos dos jogos, eu brincava de narrar e percebia que os colegas gostavam e incentivavam. Comecei a treinar em casa, em jogos de botão e no vídeo game. Aí, em 2009, me inscrevi no reality show “O narrador”, do Esporte Interativo. Fiz a inscrição, por brincadeira, gravei um vídeo de madrugada trancado no meu quarto, e fui chamado entre os oitos selecionados de 300. No Rio de Janeiro, no programa, terminei na terceira colocação. A partir daí, percebi definitivamente que o jornalismo e a narração seriam meu caminho.

Tu sempre trabalhou com esporte ou já esteve em outras editorias?

Sempre trabalhei com esporte. Já fiz cobertura de eleição na Rádio Caxias.

Como tu começou a te preparar para narração?

Comecei ouvindo rádio muito novo com meu avô. Sempre fui ouvinte da Gaúcha. Esse incentivo, fez eu admirar alguns profissionais e me fez seguir na profissão. Eu sempre treinei em casa, fiz curso de dicção e oratória, fiz curso de rádio, já fiz especialização com fonoaudióloga também.

Na tua concepção, que atributos um narrador deve ter?

Ritmo, velocidade e precisão na informação. Narrar um jogo de futebol ou qualquer outra modalidade, exige muito do narrador. Concentração também é fundamental.

Quais são suas grandes referências na narração?

No rádio, Pedro Ernesto Denardin sempre foi minha referência, pelo fato de ser ouvinte da Gaúcha desde pequeno. Depois que cresci, e com ajuda das transmissões via internet, pude conhecer outros profissionais que hoje admiro. Um deles é José Silvério, narrador da Rádio Bandeirantes, de São Paulo.

Já trabalhou com mulheres na editoria de esporte?

Trabalhei com poucas. No máximo duas.

Por que tu acha que temos pouca representatividade feminina no jornalismo esportivo? E o que tu acha que a sociedade, como um todo, precisa fazer para que isso mude?

Esse é um problema que existe há décadas e precisa ser corrigido. As mulheres, de modo geral, não são reconhecidas no meio esportivo. Na mídia, encontram dificuldade para serem protagonistas.

A forma como as mulheres são expostas, por exemplo em programas esportivos, com o corpo é o que ganha mais atenção, contribuindo para a sexualização e objetificação da mulher também nessa área.

O jornalismo esportivo tem registrado uma maior participação de mulheres, porém ainda há muito trabalho a ser feito para que realmente haja uma igualdade em oportunidades. Isso passa por uma conscientização maior de todos e por uma educação das novas gerações.

## **Entrevista com Gilberto Júnior**

Nome: Gilberto Júnior

Idade: 35 anos

Rádio que trabalha: Rádio Caxias

Há quanto tempo trabalha em rádio? 18 anos

Quando tu começou a se interessar por narração?

Eu ganhei o rádio do meu pai nos anos 90, um radinho. E comecei, e comecei a gostar do ofício da narração. Em 95, eu tinha 11 anos, aí pelos 15 eu já achava que podia substituir aqueles caras que eu ouvia no rádio.

Eu fui na Band, isso devia ser 99/2000, fui com meu pai lá, conheci os caras e ouvi “ah, muito bom, mas tu tem que começar numa rádio pequena”. E meu pai era vendedor de lingerie, representante, aí ele tinha fax que passava os pedidos para a fábrica, que tirava em Porto Alegre. Aí eu comecei a pegar o fax dele e mandar pras rádios “oh, quero um emprego”.

Em 2000, a rádio Real, de Canoas, me chamou. Eu pensei “ah, me chamou para eu ir lá conhecer, de certo”. Aí teve a janta de fim de ano, e eles já me apresentaram como novo integrante da equipe de esportes.

Pra quem começa no interior, eu estava ainda cursando o Ensino Médio, tu faz de tudo. A Rádio Caxias, por exemplo, é uma ilha no rádio do interior. Tem gente que vai narrar o jogo, tem técnico, tem comentarista só para analisar o jogo, repórter. Eu comecei como apresentador, repórter, plantão. Devia ter um mês de rádio, apareceu a primeira chance de narrar e já faz 18 anos.

No segundo dia de rádio, eu já apresentei um programa. Talvez seja o que eu faça há mais tempo, porque foi a primeira função que eu exerci, e exerço até hoje.

Tu sempre trabalhou com esporte ou já esteve em outras editorias?

Eu não sou jornalista, então tudo que eu sei é de autodidata e de trabalhar com grandes personagens. Eu já fiz política, já fiz geral. Durante boa parte da minha carreira, acabei conciliando as duas coisas, mas sempre com o principal ofício sendo narrar.

Em Canoas eu narrava, apresentava os programas de esporte, cobria eleições, apresentava programa de variedades. E na Guaíba, quando eu trabalhei lá, nas eleições era repórter. Cheguei a apresentar diariamente programa de jornalismo, em final de tarde e final de noite. Mas sempre foi para complementar a minha atividade no rádio.

Faz quantos anos que tu trabalha em rádio?

18 anos. Desde o dia 3 de janeiro de 2001.

E como tu começou a te preparar para narração?

Primeira preparação que tu tem que fazer para ser narrador, é ouvir rádio. Ouvir narradores. Por mais que aquilo estilo não te agrada, ele vai, de alguma forma, te ajudar a construir o teu estilo. Mesmo que tu diga "bom, isso eu não posso fazer". Eu diria que o que mais me ajudou foi ser um ouvinte de rádio. Tu não pode trabalhar em rádio sem ser ouvinte, trabalhar em jornal sem ser leitor, trabalhar em televisão sem ser um telespectador. Que é o que te ajuda a entender o que tu quer consumir. Se tu sabe o que tu quer assistir na tv, tu sabe o que tu deve fazer, pelo menos, o caminho a seguir quando tu for trabalhar na frente das câmeras. É um caminho natural.

Que atributos um narrador deve ter?

Eu tinha de 16 pra 17 anos quando narrei meu primeiro jogo. Hoje eu tenho 35. Eu canso menos hoje, provavelmente, do que naquela época. Então, a gente vai, com o passar do tempo, adquirindo cancha e algumas artimanhas. Lá na Guaíba a gente tinha uma parceria com a faculdade e toda semana, ou pelo menos a cada 15 dias, tinha uma oficina com as fonoaudiólogas. Eu descobri que fazia respiração

diafragmática quando foram me ensinar a fazer: "ah, mas tu já faz. De repente tu não tenha técnica, mas tu já tá fazendo".

Eu acho que em linhas gerais, hoje, o narrador tem que ser, primeiro, um cara com raciocínio rápido, que tenha improviso, algumas coisas que não são ensinadas no ambiente acadêmico. Tu não vai aprender a improvisar. Tu vê muita gente que sai da faculdade e é refém de um texto. O narrador de rádio ele acaba tendo, justamente, que improvisar. Tu vai ficar 90 minutos de bola rolando, mas o período de pré-jogo e pós-jogo com o que vem na tua cabeça. Agora, lógico, tendo conhecimento do que tu tá transmitindo, conhecimento do que tá acontecendo ao redor. Já aconteceu de eu vir fazer um jogo em Caxias, quando trabalhava na Guaíba, e terminar cobrindo a tragédia na Boate Kiss. Então, a gente tem que estar antenado em tudo. Na verdade é isso.

Antigamente, se cobrava que tivesse voz, hoje eu acho que é secundário. Tem um cara que não tem uma grande voz, mas tem um grande comando de jornada, um bom improviso. Eu acho que é o principal.

Quais são suas grandes referências na narração?

Quando era guri, eu ouvia muito o Mário Lima. Ele é um narrador que hoje está em Criciúma, ele narrava em Porto Alegre, na Bandeirantes. E eu gostava, porque o Mário fugia dessa narração mais clássica, de ficar especificamente falando do jogo, especificamente usando aqueles termos mais rebuscados. O Mário é um cara que usava os bordões, que o rádio de Porto Alegre, os outros, usavam pouco. Tinha o Haroldo, que não é muito no estilo que eu curti. E tinha o Mário, que parecia o teu íntimo amigo, desde a primeira vez que tu ouvia ele. Eu diria que ele foi o principal, mas todos os narradores que eu ouvi.

O Pedro Ernesto, com o passar do tempo, eu vi que tecnicamente ele não é um bom narrador. Mas ele é um grande comandante de transmissão e um grande animador de torcida. Isso hoje pega. Hoje ele é uma figura, um personagem que se solidificou. O pessoal passava dizendo "Bah, mas o Marco Antonio Pereira é melhor que ele, por que o Pedro é o titular?" Porque o Pedro dava a dimensão do evento que ele tava transmitindo, coisa que o Marco não fazia. Coisa que o Haroldo fazia na Guaíba e que o Orestes, que era o segundo narrador, não fazia. O pessoal dizia "Mas o Orestes narra, tecnicamente, muito mais". Sim, mas o entorno, o Haroldo dava muito mais. Essa é uma situação que eu acho que o narrador tem que saber dar a dimensão do que tá transmitindo.

O Pedro Ernesto não era uma referência e passou a ser. O Osmar Santos, no rádio de São Paulo, foi um dos maiores narradores, talvez o maior narrador do Brasil. É um cara que também tinha dimensão do que tava transmitindo, sabia que o futebol não podia ser alguém sério, carrancudo, o tempo inteiro e começou a instituir vinhetas, trechos de música no meio da narração. Cada um teve o seu legado e eu procurei pegar um pouquinho de cada um.

As jornadas esportivas da Caxias são mais descontraídas, com piadinhas e trocadilhos. Isso vocês foram adquirindo com o tempo? Foi inspirado em alguém? Teve alguns narradores que eu ouvi, que faziam umas coisas diferentes, mas eu acho que a gente é também refém do ambiente que a gente vive. Às vezes eu acho que a gente até exagera e acaba esquecendo que tem um jogo ali, por mais chato que seja, tem alguém do outro lado que, de repente, não tá conseguindo assistir, não tá no estádio, e tá precisando que eu relate aquilo, até para que ele saiba que o jogo não tá bom. Mas eu acho que é mais o meio que a gente vive mesmo. A gente vê o que o ouvinte quer. O ouvinte de hoje não quer que a gente fique só naquela narração sisuda, carrancuda, engessada. Mas não foi uma inspiração, que mesmo os caras que eu me inspirava, de repente hoje, não fazem o rádio mais solto, do jeito que a gente faz aqui. Isso acaba sendo uma adaptação ao meio.

Além da situação da boate Kiss, que tu relatou antes, teve alguma outra marcante aqui em Caxias?

Aqui em Caxias, o mais marcante pra mim foi neblina. Porque na verdade eu não tive muito essa situação do inesperado, de transmitir o jogo e de repente cobrir uma outra coisa.

Quando eu vim pra cá, eu já vim preparado para fazer o que eu faço: apresentação de esporte e na época que eu vim também tinha um programa de entrevista de jornalismo, mas eu não cheguei a ter uma grande surpresa nesse segmento.

Faz quanto tempo que tu está em Caxias?

São seis anos.

Em quantas rádios tu já trabalhou?

Foram três: a Rádio Real de Canoas, Rádio Guaíba e Rádio Caxias.

Já trabalhou com mulheres na editoria de esporte, em alguma dessas rádios?

Trabalhei, na Guaíba, com a Mariana Oselame, que é de Caxias, e é uma das maiores conhecedoras de esportes olímpicos. Eu gostava muito de trabalhar com ela.

Quais os motivos para não ter tantas mulheres no jornalismo esportivo?

Eu acho que é falta de referências. Hoje em dia isso até tá melhorando, porque tu vai ligar a televisão, por exemplo, e vai ver boas repórteres, pessoas com conteúdo, de fato.

Começou muito a extensão da mulher no jornalismo pelo aspecto machista mesmo. Tu pegava a mulher que era mais bonita pra fazer, mas daqui a pouco ela não tava preparada pra fazer.

Hoje em dia tu já vai encontrar referências de qualidade. Inclusive, a tv no Sportv, hoje tava a Gabriela Moreira falando, que é uma mulher que tem conteúdo, tem conhecimento. Tu vai ver a Ana Thaís Matos trabalhando e comentando melhor do

que muito homem. E a partir do momento que a gente vai criando as referências, a gente vai encontrar novas jornalistas. Mas é uma questão de sociedade que acaba respingando na comunicação.

A mesma situação que estávamos debatendo no Campo Neutro, a inserção de negros. Tu vê quantos negros na faculdade? Quantos negros vêm na Rádio Caxias procurar estágio? Muito pouco. Então tu vai ter menos representatividade. Isso vale para qualquer minoria. A partir do momento que passa a ter referências, passa a haver novas pessoas interessadas.

Existem situações em que é colocada a carroça na frente dos bois. Vou te usar o exemplo das narradoras. A Rádio Inconfidência colocou uma menina para narrar, Isabelly Moraes, que eu acho que não estava preparada na época. A rádio queria dar um lance de audiência, e aproveitou o momento para colocar a Isabelly Moraes a narrar. Acho que não estava preparada.

Ouçõ, de vez em quando, no Rio de Janeiro, a Luciana Zogaib, na Rádio Ferj. É uma boa narradora.

Nos meus tempos de guri, assistia na Bandeirantes a Luciana Mariano, que depois virou Luciana do Valle quando casou com o Luciano do Valle, é uma boa narradora.

Mas acho que, às vezes, falta que haja de fato interesse em preparar aquela mulher para exercer a função. É mais o "vou fazer para ganhar audiência, vou fazer para ganhar visibilidade, mas vou jogar ali".

Tu vê, acho que era no Esporte Interativo ou na Fox, o concurso de narradora. Tinha gurias boas, qual foi a sequência que tiveram? Porque o interesse, ali, era o produto que vendia. Agora, aos poucos, a gente tá vendo que tem gente com capacidade. Esse negócio de mulher não entender não tá com nada.

Eu ouvi uma parte do Gre-Nal que a Rádio GreNal transmitiu e entra no que eu te falei: daqui a pouco tu ouve e não te agrada, mesmo tu sendo mulher, tu querendo a representatividade: "tá, mas não dá, não vou conseguir aguentar por muito tempo". E não é questão de voz, é questão de fluência, de saber o que está fazendo. A impressão que eu tenho é que se coloca, primeiro, para causar o impacto. Mas com as pessoas que, daqui a pouco, não estão preparadas para exercer aquela função. Isso é complicado.

A Gre-Nal tem a Ana Carolina Aguiar que é muito boa comentando futebol e que esteve naquela jornada como comentarista. Ela participa diariamente do debate deles, do dupla em debate, e é boa.

Agora, pra narração ainda não apareceu alguém que eu ouvi e disse "bah, essa ai eu vou acompanhar".

Como eu falei, tem a Luciana na rádio Ferj, que eu acho muito legal a narração dela. Tem bordões, tudo. Sai gol ela diz "deu onda", bem no estilo do rádio carioca. Ela, eu acho que narra bem legal.

Tinha uma na tv da Federação Paulista também, que eu tive a impressão de já ter ouvido num concurso de narradora, também tem capacidade. Mas, ainda é algo mais devagar.

A Clariane, que o pessoal da rádio Estação Web tenta colocar, é melhor comentando do que narrando. E no futebol feminino, quando eles transmitem o Gauchão, a ideia também é colocar uma equipe 100% feminina, mas ai acaba que não tem a mesma qualidade e esse é um ponto complicado. Só vai ter qualidade quando mais pessoas fizerem, algumas vão mostrar talento, outras não. E mais pessoas farão só quando tiverem as referências.

Eu acho que acaba sendo inevitável, meio que se coloque a força, mas ai pode acontecer, que eu acho que é o grande risco, é que tu acaba aumentando a resistência: "viu, eu disse que não dava". E isso é um problema, que acaba atrasando. É aquele negócio da gente querer fazer as coisas sem ter a real condição. Como alguém que daqui a pouco, pela incapacidade, acaba não ganhando sequência numa função e ai diz: "ah, eu não ganhei porque fui discriminado. Seja por ser negro, gordo, índio. Aquela pessoa que faz isso, que se esconde nisso, ela acaba indo contra o movimento que ela deveria estar defendendo e algumas precipitações acabam indo contra o movimento que tem que se fortalecer. A Renatinha, ela veio aos poucos. Ela começou na Guaíba, era produtora lá. Eu trabalhei com ela bem no início, e ela foi crescendo aos poucos. Ela é uma guriuzinha mesmo, a gente olhava pra Renatinha quando ela chegou lá e pensava "não pode dar certo", parecia que tinha 12 anos. E foi crescendo e foi ganhando corpo primeiro como produtora, na Gaúcha já deram a vaga de repórter pra ela. E faz bem torcida. Fez participação no Sportv. Ela é uma guria que tá crescendo e que gosta de futebol. Tem o time dela, que ela torce desde criança, mentia que torcia pro Cerâmica, mas não é verdade. Mas enfim, é de uma família que gosta. A mãe dele incentiva ela. Isso é muito bom, quando vem de casa.

Esses dias, eu comprei uma camisa pra minha filha, uma camisa de um time de futebol. A irmã dela tem de um time, eu disse "vou dar do outro também", e a minha filha de três anos disse: "pai, eu não sou menino". Sei lá da onde que ela tira isso. E é em casa que vai mudar essa cultura. Na rua é bom pra dar corpo. Mas é em casa que, de fato, as ideias e os pensamentos vão mudando.

Como funciona a criação de um bordão?

Tem coisas que eu ouço, tem coisas que eu pego de músicas. O "sabe de quem", tem um narrador em Santos que dizia e aí, na Guaíba, eu dizia esporadicamente "sabe de quem". Ai, aqui em Caxias, no primeiro, segundo jogo que eu fiz, usei, o pessoal adorou e ficou. Eu, por mim, não diria mais. Principalmente depois que o Luiz Roberto começou a usar também, porque todo mundo manda mensagem quando ele grita e eu não acho que ele esteja me copiando. Talvez nem o cara de Santos. Talvez seja uma coincidência.

Esses dias eu ouvi um narrador dizendo "gol dos caras". Eu vou ter a pretensão de dizer que o cara está me imitando? Pô, têm tantos termos que são tão corriqueiros que a gente costuma usar e daqui a pouco o outro pode usar sem saber. Eu não sei quem disse pela primeira vez "gol dos caras", se fui eu ou se foi o cara de Curitiba.

Acho que isso é normal e muitos termos que eu vejo que acabam caindo no senso comum do torcedor, acabam virando bordão por acaso. Mas eu acabo virando refém do que o torcedor gosta.

Teve um ano, acho que foi 2017, que eu quase não disse "sabe de quem" no Gauchão e o pessoal me mandava "mas por que tu não disse?". No Ca-Ju, eu gritei, tanto no gol do Caxias, quanto no do Juventude, foi empate em 1x1, sem "sabe de quem?". O "gol dos caras", eu paro de gritar e o pessoal manda mensagem. Então, tá. É pro ouvinte que eu tô fazendo.

### **Entrevista com Luís Magno**

Nome: Luís Magno

Idade: 35 anos

Rádio que trabalha: Rádio Guaíba

Há quanto tempo trabalha em rádio? 20 anos

Há quanto tempo tu trabalha em rádio? Já passou por quantas rádios? E quais são elas?

Este ano completei 20 anos trabalhando em rádio. Comecei em outubro de 1999, na sucursal da Rádio Progresso de São Leopoldo em Esteio, quando eu tinha 15 anos. Depois disso, passei como estagiário da Rádio Guaíba, Rádio Equipe de Sapucaia do Sul, Rádio Pampa, Rádio Gazeta de Santa Cruz do Sul, Rádio Santa Cruz, Rádio Caxias e, novamente, Rádio Guaíba.

Quando tu começou a se interessar por narração?

Meu interesse pelo rádio, pela narração em si, foi no início da minha adolescência, na minha terra São Luiz Gonzaga, onde ouvia a Rádio Guaíba e a Gaúcha, nos jogos da dupla Grenal. Depois, isso foi amadurecendo com o tempo, até chegar ao ponto de trabalhar com isso, evoluindo ano após ano. E assim deve seguir, sempre crescendo em qualidade, nunca achar que está perfeito.

Tu sempre trabalhou com esporte ou já esteve em outras editorias?

Já trabalhei na editoria de geral das rádios Pampa e Gazeta. Além de ter feito assessoria de imprensa por um ano e meio na prefeitura de Sapucaia do Sul, entre julho de 2005 e dezembro de 2006.

Na tua concepção, que atributos um narrador deve ter?

Deve ter uma grande percepção do que está acontecendo não só no jogo, mas na transmissão em si. Ter um "comando de jornada", colocar corretamente cada companheiro de transmissão no ar, ter uma boa velocidade na narração, não deixar

ficar morna. Não precisa transformar qualquer jogo numa copa do Mundo, mas não pode deixar o pique cair. Fazer com que o ouvinte fique contigo, prender a atenção dele, ter uma boa agradável para quem está do outro lado, ter carisma sobretudo. Sem palhaçadas, entretanto não ser engessado somente na bola rolando.

Quais são suas grandes referências na narração?

Haroldo de Souza, Armino Antônio Ranzolin, Osmar Santos, Marco Antonio Pereira e José Silvério em rádio. Na TV, Luciano do Valle, Galvão Bueno, Silvio Luiz e Luís Roberto.

Já trabalhou com mulheres na editoria de esporte?

Já trabalhei e trabalho. E espero que aumente ainda mais esse contingente. Na Guaíba temos a Camila Diesel e a Laura Gross, que são da editoria de geral, mas que fazem as reportagens de torcida nos estádios. Na produção, temos a Mari Castilhos.

Por que tu acha que temos pouca representatividade feminina no jornalismo esportivo? E o que tu acha que a sociedade, como um todo, precisa fazer para que isso mude?

Porque são poucas as que procuram esse caminho. Muitas preferem outros tipos de mídias que o rádio. Outras tem medo do machismo ainda muito forte nas redações, dos assédios nas empresas, nos estádios e todo tipo de questões que não deveriam existir. Eu penso que quanto mais a sociedade for educada quanto à igualdade de gênero em tudo, vamos ter sim mais mulheres buscando esse trabalho. Da mesma forma que um homem, sendo bem preparada, tendo conhecimento da área, a mulher pode e deve fazer parte do meio.

## **Entrevista com Mara Steffens**

Nome: Mara Cristiane Steffens Nogueira (no jornalismo apenas Mara Steffens)

Idade: 36 anos

Rádio que trabalha: Rádio Diário AM 780 de Carazinho (e jornal Diário da Manhã)

Tempo que trabalha em rádio:

Nove anos. Estou há 12 anos no Grupo Diário da Manhã, comecei nas jornadas esportivas, cobrindo o Atlético de Carazinho nos campeonatos estaduais a partir de 2010, e também nas competições locais de futsal e futebol de campo. Durante todo este tempo também fiz jornal impresso. Entre 2012 e 2018 fiquei mais no jornal, além de matérias gerais, permaneci no esporte, e nas jornadas esportivas da rádio eram mais esporádicas. No ano passado acabei saindo da empresa e voltei este ano. Com a volta ao Diário também retomei as jornadas esportivas, cobrindo a OMF

na Liga Gaúcha 2 de Futsal e a partir de novembro teremos a Copa Diário, uma competição organizada pelo grupo e que movimentará 28 times daqui

Já sofreu com machismo, na profissão?

Nunca houve uma manifestação direta para mim, mas em alguns locais, especialmente no início, percebi olhares desconfiados, mas jamais alguém me disse alguma coisa machista

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo?

Já atuei como comentarista e repórter de quadra e campo. A minha estreia ocorreu como comentarista, pois o número de participações na jornada eram menores e como eu nunca havia feito rádio, comecei por ali, mas logo depois fui para reportagem de campo e quadra. Ainda tenho expectativa de chegar a narradora muito em breve, já estou me preparando para isso e quando surgir a oportunidade estarei pronta!

Já pensou em ser narradora? O que acha da hipótese?

Desde o início tenho vontade de me tornar narradora. Tenho me preparado para a função, mas ainda não surgiu a oportunidade, até porque fiquei um período afastada do jornalismo esportivo do rádio, mas agora no meu retorno esta possibilidade está bem forte

Conhece alguma narradora?

Uma ex-colega de Diário, da unidade de Passo Fundo, mantém um blog e fazia lives de jogos de futsal em sua página no facebook, então narrava os jogos. Perdi o contato com ela, não sei se permanece. Até onde eu sei, ela não havia feito rádio. Fora ela não conheço ninguém

O que é necessário para ser um bom narrador?

Acredito que um bom narrador precisa ser bastante espontâneo quando está com o microfone. Também precisa colocar a emoção no que faz para transmitir aos ouvintes o que está acontecendo na partida da forma mais fiel possível. O ouvinte que acompanha futebol pelo rádio precisa sentir o que está acontecendo no jogo, como se estivesse vendo com os próprios olhos, estando no estádio.

Por que tu acha que a representatividade feminina ainda é pequena no jornalismo esportivo?

Existem poucas mulheres no jornalismo esportivo, especialmente do rádio, acredito que na TV é mais comum, basta acompanhar a programação em nível estadual e até nacional, pois o rádio AM tradicionalmente sempre foi espaço mais masculino, assim como o futebol e claro, a narração. Assim como historicamente as mulheres precisam conquistar espaço na sociedade, em todos os setores, no jornalismo

esportivo não é diferente. Ainda precisa-se caminhar muito neste sentido. Todos os dias a mulher precisa provar que é capaz, que dá conta, que faz tão bem ou até melhor que os homens. Mas aos poucos, as repórteres femininas estão ingressando cada vez mais neste mundo e este processo não pode parar. Assim como deve ser comum ver homens narrando futebol, haverá um tempo em que será muito natural ligar o rádio e acompanhar uma equipe feminina transmitindo futebol.

### **Entrevista com Miriam Massolini**

Nome: Miriam Massolini

Idade: 57 anos

Rádio que trabalha: Miriam Radiodifusão Ltda - Odisséia FM

Há quanto tempo você trabalha em rádio? 26 anos

Já sofreu com machismo, na profissão? Sim.

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo?

Somente como repórter de galera.

Já pensou em ser narradora? O que acha da hipótese?

Seria uma grande aventura.

Conhece alguma narradora?

Conheci a primeira narradora de rodeio (tiro de laço) do Rio Grande do Sul, os homens não aceitavam a presença dela na narração.

O que é necessário para ser um bom narrador?

Uma excelente dicção, imparcialidade, espontaneidade e gostar muito do que se faz.

Por que tu acha que a representatividade feminina ainda é pequena no jornalismo esportivo?

As mulheres estão se apresentando de forma amena para não criar impacto até porque sempre foi uma área masculina, acredito que aos poucos as mulheres vão tomando seu espaço como vem fazendo nas demais áreas.

### **Entrevista com Rafaela Tavares**

Nome: Rafaela Tavares

Idade: 22 anos

Rádio que trabalhou: Rádio Tupanci (Pelotas)

Há quanto tempo trabalha em rádio?

Na Tupanci fiquei de janeiro à dezembro de 2018. Faço algumas participações em programas de debate esportivo na Rádio Universidade, da UCPel.

Já sofreu com machismo, na profissão?

Nunca estive em uma situação explícita de machismo. Já tiveram casos de “assédio velado”, com entrevistados me chamando linda, amor, anjo etc. Também já senti alguns olhares desconfiados sobre o que eu tava falando, como se tivesse que provar que sabia o que estava falando, ou achando que estava falando besteira.

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo?

No meu primeiro estágio, na TV UCPel, fui apresentadora, repórter, produtora e editora do Giro Esportivo (programa de esportes na época). Passava ao vivo terças e quintas em TV aberta na cidade.

Depois fui para a Rádio Tupanci, onde participei diariamente do programa de debates Conversa de arquibancada, fiz plantões dos jogos e reportagem no campo. Atualmente sou editora em um site que tem a dupla Bra-Pel como foco. O Rede Esportiva. Trabalho diariamente fazendo matérias dos times aqui da cidade, seja em texto ou, às vezes, vídeo também.

Já pensou em ser narradora? O que acha da hipótese?

Sinceramente, não é uma área que me atrai muito. Não vejo muito talento em mim para tal, por não me interessar mesmo. Na minha opinião, para ser narradora ou narrador, além de estudar bastante, claro, acho que tem que ter um dom. Ouvir jogos na Rádio nos traz uma sensação única, de imaginação, de sentimentos, e tudo isso se dá através da técnica e da emoção que o narrador/narradora coloca. Não me sinto preparada para isso, pelo fato de não me interessar tanto pela área mesmo.

Conhece alguma narradora?

Pessoalmente não. Mas na Copa do Mundo assisti vários jogos com narração feminina, especialmente na FOX Sports. (Não me recordo se há meninas em outras, mas assisti na fox). Inclusive, a narradora da Fox Isabelly, foi a primeira mulher a narrar um jogo na rádio lá Minas, e agora faz parte do canal.

O que tu acha que é necessário para ser um bom narrador?

Acredito que é necessário muito estudo, concentração, e algumas técnicas para facilitar o processo, que com o tempo e experiência devem ser adquiridos. No futebol as coisas acontecem rápido, e o narrador/narradora precisa ter um feeling para tornar a transmissão agradável e clara.

Por que tu acha que a representatividade feminina ainda é pequena no jornalismo esportivo?

Acho que a maioria das mulheres não é estimulada a gostar de esporte como os meninos, desde pequenos. Tudo em função do que a sociedade impõe e ensina. Culturalmente o esporte é um mundo masculino. Mas fico feliz em ver que nos últimos anos o número de mulheres tem crescido no jornalismo esportivo e a desempenhando um trabalho excelente. No Rio Grande do Sul confesso que não sei de muitos exemplos na Rádio, mas em outras mídias acompanho algumas.

### **Entrevista com Renata de Medeiros**

Nome: Renata de Medeiros

Idade: 26 anos

Rádio que trabalha: Rádio Gaúcha - Porto Alegre

Eu lembro que tu sofreu com uma situação bem forte de machismo num jogo da dupla Gre-Nal, essa foi a única vez? Ou tiveram outras marcantes?

Essa situação que tu citou, foi uma situação bem forte, no ano passado, dia 11 de março, no primeiro Gre-Nal do Gauchão. Ela transformou a minha vida, porque ela certamente foi a agressão mais marcante, mas, a partir dela, eu percebi que nos sete anos que antecederam aquela agressão dentro do jornalismo esportivo, eu ignorei diversos tipos de violência ou diversos tipos de machismo que eu sofria e ignorava por considerar que pertencia ao pacote futebol. E as pessoas reforçam esse pensamento dizendo 'ah, não dá bola, é do futebol, o futebol é assim'. E não, a gente tem que começar a se incomodar. Então, não foi a primeira. Mas se tu me perguntasse lá em março do ano passado se foi a primeira, eu ia dizer sim. Porque eu desenvolvi, a partir daquele momento, a consciência de perceber machismo nos pequenos detalhes do dia a dia, que é por exemplo, um colega me entregar o telefone e dizer 'liga pro fulano porque mulher ele atende', bom será que ele não me atende porque tem o número salvo no celular dele de tanto eu ligar pra ele, verificando e checando informações? Será que ele não me atende porque confia no meu trabalho? Será que ele não me atende porque eu sou uma boa repórter? Então, há pequenas situações de machismo que a gente enfrenta diariamente nas redações que vem sutis, então a gente acaba não dando a importância devida para elas.

E, como que tu faz pra lidar com elas?

Eu normalmente respondo. Eu revido, sempre. Então, quando eu ouço no ar "tu nem é tão bonita quanto tu imagina" eu respondo "tá, mas eu sou paga para dar informação, não para ser bonita" e continuo dando informação. Ou quando falam "hoje as tias vão ficar braba que vão tirar a novela para colocar jogo", eu abro o microfone e digo "não, as tias também gostam de futebol, não gostam só de novela."

Então, eu revido, essa é a minha forma de defesa, atacar também. Não sei se funciona, mas é o meu jeito. É assim que eu faço para lidar com essas situações. E como eu fiz para lidar com a situação mais marcante, que foi essa do ano passado, foi todo um trabalho psicológico, psiquiátrico e emocional para conseguir voltar a trabalhar e eu voltei a trabalhar uma semana depois. Mas eu tive crises de ansiedade, crises de pânico trabalhando, ao voltar pro mesmo ambiente onde eu fui agredida. Então, foi todo um processo bem complicado para mim, mas que eu superei principalmente em virtude da campanha #DeixaElaTrabalhar. Então, digamos que esse movimento foi determinante para que eu conseguisse lidar com essa grande agressão que eu tive na minha vida, que eu considero a maior delas, mas não foi a única certamente.

Antes de trabalhar com esporte em rádio, tu já trabalhou em outros espaços, como só impresso ou online, por exemplo? Sei que na Gaúcha tem um pouquinho de tudo né, mas quais eram as tuas experiências anteriores com o jornalismo esportivo?

A minha experiência dentro do jornalismo começou com esporte na Rádio Guaíba em 2011, lá eu fiquei por um ano sendo produtora da editoria de esportes, botava no ar programas como o repórter esportivo e também as jornadas esportivas. Depois eu vim para Rádio Gaúcha, onde eu fiz jornalismo geral, produção, fiquei 3 meses e depois fui para a zero hora na editoria de Copa. Então, fiquei rapidinho na Gaúcha e logo fui para a Zero Hora. Em fevereiro de 2013, já tava cobrindo os preparativos para a Copa de 2014 aqui em Porto Alegre. Fiquei na história de Zero Hora até março de 2015. Eu me formei no fim de 2014 aí quando as papeladas ficaram prontas eu vim para Rádio Gaúcha de novo fazer esporte como o jornalista já, não mais como estudante, a partir de abril de 2015. Então tenho essas outras experiências, em impresso e online, mas sempre dentro da própria RBS mesmo Rádio Gaúcha, Jornal Zero Hora, portal Gaúcha Zero Hora e agora Gaúcha ZH e antes trabalhei com jornalismo esportivo na Rádio Guaíba também, como produtora.

Tu falou em Copa, na última, a gente teve uma mulher narrando (acho que na Fox). Tu já pensou em narrar? O que acha da possibilidade?

Pior que nunca pensei. Eu acho que isso tem muito a ver por durante a faculdade, que foi quando eu percebi o que é que realmente eu queria fazer dentro do jornalismo esportivo, não ter nenhuma mulher narrando que eu pudesse me inspirar. Então nem passava pela minha cabeça que aquilo era uma função que eu poderia exercer. Que bizarro isso, né?! Acho que a nossa cabeça funciona meio que assim “oh, não tenho nenhuma mulher fazendo aquilo então tá fora de cogitação”, mas hoje em dia não me imagino narrando. Acho que eu não tenho habilidade para isso. Para mim já foi um desafio enorme fazer reportagem de rádio, né. Porque as primeiras reportagens foram no jornal, com tempo para fechar matéria, as coisas não aconteciam de forma tão instantânea como acontecem no rádio. No rádio tem que ser desinibida, tem que perder a timidez. E isso eu fui perdendo ao longo do

tempo, fui aprendendo. Então, para mim já é um desafio enorme abrir o microfone e reportar. Narrar é algo assim impensável para mim. Acho que meu cérebro não funciona tão rápido como o de um narrador deve funcionar ou pelo menos minha fala não obedeceria tão rápido. Acho que o meu olhar é muito atento, consegue acompanhar as coisas com muita agilidade e muita facilidade, para que eu consiga construir a história daquilo que eu tô vendo. Mas se eu tiver aqui relatar a história enquanto tá acontecendo, acho que isso já é um passo muito adiante e questão de perfil também. Não é um sonho para mim narrar, para mim um sonho estar em todos os lugares onde as coisas acontecendo, seja Copa, Olimpíadas. Isso para mim, contar histórias, é o meu maior sonho então acho que através da reportagem que eu vou conseguir isso, não através da narração

Recentemente, tu foi a primeira guria a fazer reportagem de campo pela Gaúcha, aos poucos a representatividade está aumentando, mas o que tu acha que falta para termos uma igualdade, no sentido de termos 10 repórteres mulheres e 10 repórteres homens no mesmo meio de comunicação, por exemplo?

Acredito que além desse movimento que a gente tá vendo agora, de gradualmente ir aumentando o número de mulheres dentro das redações, nas transmissões, ainda falta mulheres assumindo posições de chefia e de gestão, né, que possam contratar mais mulheres para o jornalismo esportivo. E com relação aos profissionais, né, eu acredito também que com esse movimento vão surgir mais meninas interessadas em jornalismo esportivo nas faculdades e, com isso, o número de oferta né de estudantes de jornalismo mulheres, interessadas em jornalismo esportivo, vai ser maior, porque a gente ainda encontra mais homens interessados em jornalismo esportivo. Então, acredito que quando esse número for crescendo gradativamente, a gente vai acompanhar essa mudança não só dentro das relações, mas também nas faculdades.

### **Entrevista com Simone Ferrazo**

Nome: Simone Cristina Ferrazzo

Idade: 40 anos

Rádio que trabalha: Rádio 96,1 FM - Veranópolis

Há quanto tempo você trabalha em rádio?

Comecei a trabalhar na rádio em 2006, mas como recepcionista, depois de um tempo comecei a fazer algumas participações ao vivo, então passei a ter um quadro de homenagem aos aniversariantes do dia. Em 2010 surgiu a oportunidade de trabalhar como Repórter da Galera no estádio, nos jogos do Veranópolis.

Já sofreu com machismo, na profissão?

Até então nenhum, muito pelo contrário o público masculino é bem receptivo e apoiador, talvez por ser uma cidade pequena e todo mundo conhecer todo mundo, mas sempre fui bem recebida, tanto pela torcida como pelos jogadores, equipe técnica, direção e colegas.

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo?

Normalmente eu trabalho como repórter da torcida, mas muitas vezes já trabalhei como repórter de campo.

Já pensou em ser narradora? O que acha da hipótese?

Alguns colegas até já sugeriram para que eu me arriscasse também na área, ainda não me sinto preparada, mas quem sabe.

Conhece alguma narradora?

Pessoalmente não, mas tem uma rádio que toda equipe esportiva é formada por mulheres.

O que é necessário para ser um bom narrador?

Primeiro gostar do que faz, gostar e entender de futebol (no meu caso), ou do esporte que preferir, empenho, dedicação, disciplina.

Por que tu acha que a representatividade feminina ainda é pequena no jornalismo esportivo?

Acredito porque umas sentem receio de estar em um meio tão masculino, outras por não gostarem ou acharem que é lugar só de homem, também por isso quis fazer futebol, para mostrar que mulher também entende e gosta, e que podemos fazer o que quisermos.

Claro, que em algumas rádios o acesso feminino seja dificultado, pois ainda muitos acreditam que mulher não entende de futebol e que estádio não é nosso lugar, mas provamos o contrário quase que diariamente.

Afinal lugar de mulher, é onde ela quiser!

## **Entrevista com Tamires Hanke**

Nome: Tamires Hanke

Idade: 22 anos

Rádio que trabalha: Rádio Progresso de Ijuí

Há quanto tempo trabalha em rádio?

Trabalho há 1 ano na rádio progresso. Antes disso, ainda antes de iniciar a faculdade de jornalismo, trabalhei durante 1 ano e meio em uma rádio comunitária (Mas nunca havia feito esporte)

Já sofreu com machismo, na profissão?

Sim. Infelizmente já fui vítima de machismo. Mas o fato ocorreu quando eu emiti uma opinião no ar, relacionada a música. Um ouvinte de ligou e me chamou de vagabunda pra cima. Lamentável.. inclusive registrei BO. Na oportunidade outros colegas (homens) concordaram comigo, porém eu fui a atingida e, com toda certeza, por ser mulher.

Mas especificamente nas coberturas esportivas nunca sofri com machismo. No máximo alguns homens já pediram para tirar foto e, nesses momentos, percebo maldade.

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo?

Trabalhei somente como repórter de torcida

Já pensou em ser narradora? O que acha da hipótese?

Já pensei sim em ser narradora. Admiro demais quem é, mas vejo que não é algo pra mim. Com certeza não me adaptaria

Conhece alguma narradora?

Não conheço narradora mulher

O que é necessário para ser um bom narrador?

Acho q para ser um bom narrador precisa ter, primeiramente, raciocínio muito rápido, lógico e objetivo, seguido da dominação de todas as técnicas do esporte, conhecimento de equipes e jogadores. Precisa ser muito bom!

Por que tu acha que a representatividade feminina ainda é pequena no jornalismo esportivo?

Se formos levar em consideração alguns anos atrás, a representatividade feminina vem ocupando, ainda que lentamente, cada vez mais espaço no esporte. Contudo, acho que trabalhos como o teu TCC são de extrema importância para buscarmos quebrar este tabu de que só homem entende de esporte e pode viver disso.

Acredito tb que a mulher precisa, cada vez mais, se empoderar e tomar consciência de suas competências, potenciais e habilidades, pois por muitas vezes não são reconhecidos por nós mesmas. Da mesma forma, buscar excluir de nós esse preconceito social, que, queiramos ou não, está impregnado na sociedade e nos atinge.

Outro fator determinante para o baixo percentual de mulher no esporte é o medo do preconceito e do assédio. Por isso, cada vez mais precisamos enfrentar as dificuldades e seguir em frente, caso esse seja o nosso objetivo e desejo.

## **Entrevista com Valéria Possamai**

Nome: Valéria Feistler Possamai

Idade: 21 anos

Rádio que trabalha: Rádio Grenal

Há quanto tempo trabalha em rádio?

1 ano e 2 meses

Já sofreu com machismo, na profissão?

Nunca sofri nenhuma situação de machismo.

Já trabalhou em quais áreas do jornalismo esportivo?

Apenas com futebol. Com relação aos cargos, tendo como principal redatora, mas também como produtora, repórter, mídias sociais e narradora.

Conhece alguma narradora?

Sabia da Isabelly Morais e da Clairene Giacone, que inclusive é aqui do Rio Grande do Sul. Mas nunca conversei com elas pessoalmente.

Quais são tuas experiências em narração?

A minha primeira experiência ocorreu em 2018. Na ocasião, eu narrei um jogo pela faculdade, quando transmitimos a Copa dos Refugiados. Já neste primeiro episódio, foi uma grande experiência e foi muito difícil porque ainda não tinha noções de como lidar com microfone e tudo mais. Por mais que você assista e tenha entendimento sobre futebol é totalmente diferente. E, o nervosismo, que faz parte nesse caso, também acaba atrapalhando. No Grenal Feminino, pela Rádio Grenal, foi uma experiência diferente. Primeiramente, por eu estar em um veículo de comunicação com audiência, ou seja, o público que eu atingiria seria muito maior, o que aumenta mais a responsabilidade. Além, claro, de estar à frente onde tantas pessoas importantes já passaram, como o Haroldo de Souza. Mas durante os dias que antecederam a narração, eu procurava não ficar pensando muito nisso.

Como foi a preparação?

Durante o processo, eu procurei ao máximo conhecer às jogadoras, algumas já conhecidas, e entender a formação em campo. Vi vários jogos, fui em treino e conversei com as assessoras de futebol feminino de Grêmio e Inter. Acho que o principal neste processo todo foi o apoio e a confiança de toda a equipe da Rádio Grenal. Todo mundo de uma forma conversa comigo e com as outras meninas para nos passar confiança, para nos dar suporte. Isso foi muito importante. Sobre a minha preparação, eu assisti vídeos, fui em treino, para que eu pudesse ter conhecimento da posição das jogadoras. Além, de buscar informações gerais. Nós

treinamos em uma espécie de "jornada fake", como se estivéssemos transmitindo a partida. Durante os dias, eu também assistia jogos e gravava minha narração. Além de treinar muito o gol, que é o momento especial. Nesse tempo, eu também conversei com os narradores da Grenal, Haroldo de Souza, Ângelo Afonso e também Henrique Pereira. Todos me deram dicas, me ouviram, para o que podia fazer e melhorar. Eu tive um suporte incrível, acho que essa é a melhor definição.

Como foi a preparação para o grito de 'gol', tu treinou?

Falando do gol, como eu citei anteriormente, eu treinava na rádio, em casa, para que eu tivesse fôlego na hora h. O meu gol também teve uma novidade com relação ao que é tradicionalmente feito. Ele teve vinheta. Durante a busca por narrações, um colega me mostrou a narração do Nilson César, da Rádio Jovem Pan. Me identifiquei muito com a narração e a partir de então, veio a ideia: por que não um gol com vinheta? Como estaríamos em uma narração feminina, a ideia era uma vinheta com a música tema da Seleção Brasileira feminina, Jogadeira. E, depois do trabalho dos técnicos, a vinheta nasceu e foi usada no gol. Acho que em resumo é isso.

O que isso representou pra ti?

Foi uma experiência incrível, que eu vou guardar para sempre. Mais do que ter meu nome relacionado com a primeira transmissão de uma equipe no FM gaúcho, o importante foi viver aquilo, com todas as minhas colegas, com meus colegas, com a Rádio Grenal, com a Rede Pampa. É muito gratificante receber essa confiança e poder mostrar teu trabalho. Eu pude transmitir para o ouvinte, o que eu sentia quando eu ouvia o rádio e que foi justamente o que me motivou a escolher o jornalismo: trazer a emoção ao público, ao torcedor.